UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA

MESTRADO EM ANTROPOLOGIA

Lirian Ribeiro Monteiro

TERRITORIALIDADE E MOBILIDADE

ESTUDO ETNOGRÁFICO DE UM GRUPO LOCAL HUPD'ÄH DO MÉDIO RIO TIQUIÉ, AMAZONAS

SALVADOR

2011

Lirian Ribeiro Monteiro

TERRITORIALIDADE E MOBILIDADE

Estudo etnográfico de um grupo local Hupd'äh do médio rio Tiquié, Amazonas

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre.

Orientadora: Profa. Dra. Cecília Anne McCallum

SALVADOR

2011

Monteiro, Lirian Ribeiro
M775 Territorialidade e mobilidade: estudo etnográfico de um grupo local Hupd'ah do Médio Rio Tiquié, Amazonas / Lirian Ribeiro Monteiro. – Salvador, 2011.
166 f.: il.

Orientadora: Profa. Dra. Cecília Anne McCallum

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas 2011.

1. Etnografia. 2. Indios - Hupd'ah.- Alto Rio Negro (AM). 3. Mobilidade social.
I. McCallum, Cecília Anne II. Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

CDD – 980.1

Lirian Ribeiro Monteiro

TERRITORIALIDADE E MOBILIDADE - Estudo etnográfico de um grupo local Hupd'äh do médio rio Tiquié, Amazonas.

Dissertação apresentada à defesa de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal da Bahia.

Aprovada em 16 de maio de 2011.

Banca Examinadora

Profa. Dra.Cecília Anne McCallum – Orientadora
PPGA - UFBA

Prof. Dr. Renato Monteiro Athias
PPGA - UFPE

Prof. Dr. Ordep Serra
PPGA - UFBA

Salvador

2011

Ao Sr. Alberto Pires (in memoriam)

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos Hupd'äh e aos Tukano - do rio Tiquié, pelo aprendizado.

Aos diretores da FOIRN – Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro: Abrahão de Oliveira França (presidente); Luiz Brazão (diretor); Erineu Rodrigues (diretor) e Maximiliano Menezes (diretor), que me apoiaram para o desenvolvimento deste trabalho, tornando-o possível.

A Simone Argentino, Marina Machado e Renato Athias pela oportunidade de trabalho na Associação Saúde Sem Limites em 2004. Sem dúvida, me proporcionaram um caminho de significativos encontros. Às coordenadoras, executiva e regional, da Associação Saúde Sem Limites: Maria Elvira Toledo e Georgia Silva, que me apoiaram durante meu trabalho de campo em Barreira Alta.

A Cecília Anne McCallum, minha professora e orientadora, por me acompanhar durante todo o mestrado, orientando-me de forma muito presente e atenciosa. Aos professores Renato Athias e Ordep Serra, pelas sugestões feitas durante o exame de qualificação. Ao Instituto Geografar (UFBA), que cedeu espaço e equipamento para a digitalização dos mapas Hupd'äh e ao Tiago Rodrigues, que se prontificou a digitalizá-los.

Aos meus pais: Maria e Melquíades, meus irmãos: Leandro e Mayara e meus sobrinhos: Cauê, Tainán e Guilherme, pelo amor.

Aos amigos Melissa Oliveira e Danilo Paiva Ramos, pela amizade, pelas indicações bibliográficas, além das leituras e comentários sobre o presente trabalho. A Andrea Coutinho, pela amizade, poesias, músicas, cuidados e por todos os momentos divertidos.

Enfim, à FAPESB, pela bolsa de mestrado.

RESUMO

Esta dissertação baseia-se em um estudo etnográfico sobre a mobilidade e a territorialidade Hupd'äh na comunidade Tukano, do sib Turoponã de Barreira Alta, médio rio Tiquié, Amazonas. Atenta para os motivos que levaram os Hupd'äh a se estabelecerem neste território há pouco mais de 40 anos e os fatores que os levam a continuarem fixados no local, compreendendo a investigação etno-histórica e etnográfica do modo como eles se mantêm por meio das relações cotidianas com os seus patrões e vizinhos Tukano. Para esta discussão menciono ainda o ethos Hupd'äh como atitude que guia as ações no dia-a-dia e contribui aos processos de estruturação social, econômica e política deste grupo local. A etnografia compreende a noção de territorialidade dos Hupd'äh de Barreira Alta (ɨnɨh s'áh – nosso território) a partir da caracterização das relações interclânicas e interétnicas deste grupo local, seus laços de consangüinidade e afinidade e a investigação de suas estratégias de sobrevivência no contexto econômico, social e cultural de Barreira Alta.

Palavras-chave: Território, mobilidade, Hupd'äh, Cosmologia, Alto Rio Negro.

ABSTRACT

This dissertation is based on an ethnographic study on Hupd'äh's mobility and territoriality in the Tukanoan community of Turoponã sib from Barreira Alta, on mid Tiquié river, Amazonas. It attempts to the motives which led a Hupd'äh's local group to establish in this riparian community forty years ago and to the factors that make them to continue fixed in the same place. It's conducted through an ethnohistory and ethnographic investigation on the way these Hupd'äh maintain themselves by everyday relations among themselves and with their Tukano patrons and neighbors. In this discussion I also mention Hupd'äh ethos as an attitude which guides the daily actions and contributes to the process of social, economic and political structuration of this local group. This ethnography comprises the notion of territoriality of Hupd'äh from Barreira Alta (ɨnɨh s'áh – our territory) since the characterization of interclanic and interethnic relations of this local group, their consanguinity and affinity ties, and through the inquiry about their survival strategies in the economic, social and cultural context of Barreira Alta.

Key-words: Territoriality, Mobility, Hupd'äh, Cosmology, Negro Upper River

CONVENÇÃO ORTOGRÁFICA

Para a grafia da língua dos Hupd’äh, que é tonal, utilizo o dicionário produzido pelo lingüista Henri Ramirez (2006) em conjunto com os Hupd’äh dos rios Tiquié, Japu e Papuri. De acordo com Henri Ramirez, o alfabeto Hup possui 25 letras: a, ä, b, ç, d, e, ë, g, h, i, ɨ , j, k, m, n, o, ö, p, r, s, t, u, w, y e ’ (oclusão glotal). A língua Hup possui vogais nasalizadas (indicada por um til: ã, e, i, ɨ̃, õ, ũ) e o tom (indicado por um acento agudo ou grave) (Ramirez, 2006: 21). A vogal **e** é aberta, como em ela; **e_** é fechado, como em ele; **o** é aberto, como em gostosa; **o_** é fechado, como em gostoso; **a_** pronuncia-se como em inglês again ou em francês petit. É uma vogal central alta não arredondada, com a massa da língua bem frouxa; ɨ pronuncia-se como em inglês women. É uma vogal central alta não arredondada. Pronuncia-se com a massa da língua na metade do caminho entre i e u. (Idem, 2006:22)

Para a grafia da língua Tukano utilizo a convenção ortográfica da escola Tukano “Yupuri”, que foi adotada pelas comunidades Tukano do rio Tiquié, através da discussão sobre a política linguística realizada a partir criação da escola Yupuri, em 2000. A vogal **u** utilizada pelos Tukano pronuncia-se da mesma forma que a vogal ɨ para os Hupd’äh.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

LISTA DE FOTOGRAFIAS

LISTA DE FOTOGRAFIAS

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABA – Associação Brasileira de Antropologia

BEC – Batalhão de Engenharia e Construção

BIS – Batalhão de Infantaria da Selva

DSEI – Distrito Sanitário Especial Indígena

FAPESB – Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado da Bahia

FOIRN – Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro

FUNAI – Fundação Nacional do Índio

FUNASA – Fundação Nacional de Saúde

ISA – Instituto Socioambiental

ONG – Organização não-governamental

PEF – Pelotão de Fronteira

PPP – Projeto Político Pedagógico

PPGA – Programa de pós-graduação em Antropologia

SEMEC – Secretaria Municipal de Educação e Cultura

SSL – Saúde Sem Limites

UFBA – Universidade Federal da Bahia

UFPE – Universidade Federal de Pernambuco

SUMÁRIO

Na origem, os Hupd'äh vieram do rio Uaupés e seguiram para o Rio Papuri até o Turi Igarapé e fizeram uma comunidade grande chamada Darayá. Nesta época os Hupd'äh e os Tukano moravam juntos em uma maloca. Depois os Hupd'äh saíram de Turi e chegaram ao Igarapé Macucu (rio Tiquié), no B'ëj Käwäg Sò' móy höd, depois mudaram para o Dö Ka móy höd, depois mudaram para Kog Pó móy höd. No Kog Pó, moravam juntos os Hupd'äh de Taracuá-Igarapé, Nova Fundação, Barreira Alta, Santa Cruz, Nova Esperança. Aqui eles se separaram por causa de brigas. Os Hupd'äh de Barreira Alta foram morar no Somoh Dó (Irara Podre). Os Ya'am Dúb, avós do Joaquim, Antonio, Cirilo, Manoel moravam no igarapé Wéh Kapayá, no rio Castanho, aí eles chegaram ao Somóh Dó. (***Sr. Alberto Pires, clã Sokwät-Nöh-Köd-Tëh D'äh. Tradução simultânea: Crispiniano Pires)***

PREFÁCIO

O relato do Sr. Alberto, em epígrafe, se deu durante minha pesquisa de campo[1]entre janeiro e abril de 2010, referindo-se à trajetória dos Hupd'äh de Barreira Alta a partir da perspectiva do clã Sokwät-Nöh-Köd-Tëh d'äh, desde os tempos imemoriais até a atualidade, em que Hupd'äh e Tukano convivem em uma mesma comunidade, como é o caso de Barreira Alta. As narrativas - tanto dos Tukano do clã Turoponã, quanto dos Hupd'äh, mais especificamente dos clãs Sokwät-Nöh- Köd- Tëh-D'äh (Descendentes do Bico do Tukano) e Ya'ám-Dúb-Tëh-D'äh (Descendentes do Rabo da Onça) - apontam pistas importantes para o desenvolvimento deste trabalho, atentando especificamente aos aspectos que levaram os Hupd'äh a se fixarem em uma comunidade Tukano, do clã Turoponã.

Meu interesse pelo tema surgiu, principalmente, durante um relato do próprio Sr. Alberto, que aconteceu em 2007 durante uma oficina cujo objetivo era a elaboração do Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola Hupd'äh – Mohóy-Kä', na qual eu atuava como assessora em educação escolar indígena. O nome "Mohóy-Kä' refere-se ao primeiro homem Hup do clã Sokwät- Nöh-Köd-Tëh-D'äh (Descendentes do Bico do Tukano). Dizem os Hupd'äh que o avô maior dos Sokwät era Mohóy Kä'. Ele morreu em Tapá Moh Tú' (um sítio velho localizado no rio Tiquié). Casou com uma Hup do clã In nó tëh ãy[2], também denominado Píj-Noah-Tëh-d'äh.

---

[1] O relato de Sr. Alberto foi gravado na língua Hup. Após a gravação Sr. Alberto pediu para ouvir sua história. Após ouvir, disse "Náw" (bom). "Yáap y⁾" (Só isso), assim Crispiniano, filho do Sr. Alberto, iniciou a tradução para o português, com sua interpretação, e eu escrevia simultaneamente. Após a escrita, Crispiniano solicitou a leitura do texto, após reflexões e pedidos de correções, pediu que eu lesse novamente. Logo em seguida concluiu: "Está certo".

[2] A teminologia ãy indica o sexo feminino, ih o sexo masculino e d'äh indica o plural.

Ainda em 2007, participei de um projeto com o objetivo de realizar um diagnóstico participativo em cinco[3] comunidades Hupd'äh do médio rio Tiquié, das quais Barreira Alta estava contemplada. Desta forma, interessei-me em realizar uma pesquisa especificamente em Barreira Alta, por esta ser uma comunidade Tukano onde a maioria da população é Hupd'äh, buscando também registrar a trajetória dos Turoponã e dos Hupd'äh que ali chegaram, através de relatos, conversas, percursos no território e a elaboração de etnomapas com os professores dos clãs Ya'ám-Dúb-Tëh-D'äh e Sokwät-Nöh-Köd-Tëh-D'äh.

Foi em 2004 que conheci os Hupd'äh – dos rios Tiquié, Papuri e igarapé Japu. Recém-formada em ciências sociais, parti de São Paulo para trabalhar como assessora em educação escolar indígena pela organização não governamental Saúde Sem Limites, no projeto Saúde e Educação entre os Hupd'äh do Alto Rio Negro. Passei a residir em São Gabriel da Cachoeira, uma cidade emoldurada pela floresta Amazônica, que faz fronteira com a Colômbia e a Venezuela. Chegando lá, deparei-me com uma cidade majoritariamente indígena, onde ouvia surpresa – por, até então, desconhecer um município brasileiro plurilíngue - as pessoas conversarem em diferentes línguas, como nheengatu (língua geral), baniwa e tukano, as quais passaram a ser línguas co-oficiais do município em 2006.

Meu trabalho consistia em realizar viagens às comunidades com a finalidade de assessorar os Hupd'äh, realizando formação *in loco* dos professores Hupd'äh; trabalhando também com oficinas sobre saúde, segurança alimentar, alternativas econômicas e educação escolar; intermediando as discussões político-educacionais entre os Hupd'äh e o município; buscando caminhos para uma possível implementação, por parte da Secretaria Municipal de Educação, de escolas específicas Hupd'äh, assim como o magistério específico para este povo, além da contratação de professores Hupd'äh na rede municipal de ensino.

Lembro-me que até 2004 só havia uma professora Hup lecionando em sua comunidade, Taracuá-Igarapé. As crianças Hupd'äh geralmente estudavam com professores Tukano, em escolas Tukano, onde a língua de instrução era a tukano e a grafia em português. Muitas vezes, estas crianças não entendiam a língua tukano e, muito menos, a língua portuguesa.

Em setembro de 2004, atuei na terceira oficina de grafia Hup, realizada em São Gabriel da Cachoeira, com 22 participantes desta mesma etnia dos rios Tiquié, Papuri e Japu,

---

[3] Taracuá-Igarapé, Nova Esperança, Barreira Alta, Santa Cruz e Nova Fundação.

realizada pela SSL (Saúde Sem Limites). Nesta oficina, tive a oportunidade de conversar mais com os Hupd'äh, ouvir a língua e aprender um pouco sobre a sua grafia. Deste encontro, foram publicados um dicionário da língua Hup-Português e uma cartilha de alfabetização na língua Hup com o intuito de, também, subsidiar a inserção da grafia nas escolas Hupd'äh. Nesta época, os Hupd'äh pouco conheciam a cidade.

Em outubro de 2004, pela primeira vez, viajei para o rio Tiquié, com a equipe da SSL, composta por uma enfermeira, um técnico de enfermagem e um motorista fluvial. Partimos do porto Queiróz Galvão pela manhã, em um bote (conhecido regionalmente como "voadeira") e um motor 40. Navegamos o rio Negro, com suas águas encorpadas e de tonalidades acobreadas até entrar nas águas largas e calmas do rio Uaupés, chegando ao seu curso médio por volta das 18h00, onde pernoitamos no distrito de Taracuá-Uaupés, território da família lingüística Tukano Oriental. Às seis da manhã do dia seguinte seguimos rumo ao Tiquié, um rio estreito e de águas mais escuras em relação às do rio Uaupés. O rio Tiquié nasce em território colombiano e é o principal afluente do Uaupés, possuindo 400 quilômetros de extensão.

Durante três anos, de 2004 a 2007, realizei esse percurso de São Gabriel da Cachoeira ao médio rio Tiquié, regularmente. No geral, alternava estadias de um mês entre São Gabriel e em cinco comunidades Hupd'äh, sendo estas: Taracuá-Igarapé, Nova Esperança, Barreira Alta, Santa Cruz e Nova Fundação, das quais três eram habitadas por mais de 100 Hupd'äh. Nova Esperança e Santa Cruz comportavam uma população entre 25 e 30 pessoas, localizadas a 15 minutos da comunidade do grupo étnico Desano, da família lingüística Tukano. Barreira Alta era a única comunidade ribeirinha, onde Tukano e Hupd'äh compartilhavam o mesmo espaço. A comunidade Hupd'äh de Taracuá-Igarapé se distanciava à uma hora de trilha desde o rio Tiquié. Nova Fundação, um povoado missão, como denomina Athias (1995), distava pouco mais de 30 minutos do Tiquié, passando primeiro por uma comunidade Tukano e depois por uma dos Desano.

A primeira comunidade Hup que conheci, foi Taracuá-Igarapé, a de mais difícil acesso em relação às outras mencionadas acima. Lembro-me que se passavam das 16h, quando aportamos no início do caminho - que nos levaria até a comunidade. Eu e Fernanda (enfermeira da ong Saúde Sem Limites), carregávamos nossas mochilas, maletas de medicamentos, duas latas de sardinha, leite em pó, macarrão e molho de tomate. Seguimos a trilha até a comunidade ao recebermos um recado, de um homem Tukano que pescava no rio,

sobre o caso de uma mulher - que se encontrava doente e precisando de atendimento urgente.

Durante a caminhada, achava que não aguentaria completar o percurso até a comunidade. Com o corpo a tremer - por conta do peso da mochila nas costas - somado as duas pesadas maletas de medicamento, em cada uma das mãos, seguia tropeçando entre troncos, pedras e atolando os pés na lama em meio à chuva que se intensificava no caminho estreito. E o medo da onça? Nem pensava em cobras, mas a onça não saía da mente. Fora toda a inteireza de sons, cores e odores que percebia ao meu redor, foi sem dúvida uma caminhada árdua para uma pessoa que – até então – só sabia o que era caminhar em centros urbanos, ou no máximo, realizar passeios à beira mar. Contudo, na terceira vez de caminhada já me sentia mais adaptada e meus pés já tateavam com memória aquele chão.

A segunda comunidade que conheci, foi Barreira Alta. Com um motor 40, saímos da boca do caminho de Taracuá-Igarapé e uma hora depois estávamos no porto da comunidade ribeirinha. Era ainda de manhã, alguns Hupd'äh estavam em suas roças, outros no mato e uns, visitando seus parentes em outras localidades. A comunidade estava praticamente vazia. Zezinho, o capitão Tukano, da época – que atualmente reside em São Gabriel da Cachoeira com sua família – recebeu-nos, permitindo-nos alojamento na casa do boi. Naquela ocasião ainda não tínhamos uma casa para dormir. Assim, o boi e a vaca tinham que dormir do lado de fora toda vez que chegávamos.

Um pouco antes de aquele anoitecer de outubro de 2004, já estávamos envoltos pela curiosidade dos Hupd'äh, que se aproximavam de "nossa casa" para nos observar. Crianças, jovens e adultos cochichavam e riam, com gosto, da gente. As crianças, cada vez mais, chegavam observando-me com os olhos e com as mãos. Brincamos muitas e muitas vezes ao longo de três anos e relembramos nossas brincadeiras de roda durante os três meses que passei nesta mesma comunidade, em 2010.

Ainda naquele mesmo cair de noite, o capitão Hupd'äh da comunidade, que chegava de uma pescaria no igarapé, veio nos cumprimentar e oferecer peixes moqueados em troca de alguns produtos industrializados. Jarbas, o Capitão Hup de 2004, era o mesmo que eu iria encontrar em 2010 exercendo o mesmo cargo, pois foi reeleito, levando em consideração que organizam as eleições em períodos de quatro em quatro anos. Foi com o próprio Jarbas e sua família que fui, pela primeira vez, ao acampamento de caça Hup para coletar uirapixunas e comer carne de caça, durante minha pesquisa de campo em 2010.

Entre 2007 e 2010, também houve mudanças dentro da própria comunidade de

Barreira Alta, o que irei mencionar no primeiro e segundo capítulo desta dissertação. Os Hupd'äh mudaram de casa, alguns aumentaram a residência dividindo-a em cômodos, como fazem os Tukano. A escola de Dom José Domitrovich passou a se chamar Mohóy Kä', nome do fundador ancestral do clã Hup Sokwät-Noh-Köd-Tëh-D'äh (Filhos do Bico do Tukano). As crianças cresceram, umas faleceram e outras nasceram. Alguns idosos, que cheguei a conhecer em 2004, faleceram, e dois jovens homens suicidaram. Os três professores Hupd'äh e um agente indígena de saúde, também Hup, de Barreira Alta ainda continuam trabalhando em seus respectivos cargos. Uma família Tukano decidiu retornar à Barreira Alta. Outra, que atualmente reside no distrito de Pari Cachoeira (alto Tiquié) tem planos de retorno para o próximo ano. A população aumentou. O caxiri ainda tem, geralmente uma vez por semana. A caça está cada vez mais longe e os peixes não são suficientes para sustentar todas as famílias de Barreira Alta. Os Hupd'äh seguem com o ritual das flautas do Jurupari. Como diz um Sokwät Nöh-Död-Tëh-D'äh: "Tem que continuar".

Pesquisa de Campo

Minha permanência no Alto Rio Negro para a pesquisa de campo ocorreu entre 02 de Dezembro de 2009 e 07 de maio de 2010. Minha estadia em Barreira Alta, localizada no Médio Tiquié, totalizou-se em três meses, compreendendo alguns dias na comunidade no mês de dezembro, permanência integral de 20 de janeiro a 06 de abril e alguns dias entre 20 e 30 de abril. Sem contar os períodos anteriores em que permaneci na comunidade entre os anos de 2004 e 2007, totalizando aproximadamente 5 meses somente em Barreira Alta durante as atividades exercidas como assessora. Ao todo, somando o período da pesquisa de campo e as atividades de assessoria, foram aproximadamente 08 meses de convivência entre os Hupd'äh em Barreira Alta.

Entre o início de dezembro de 2009 e janeiro de 2010, contatei a Funai-Brasília a fim de obter informações quanto a autorização de ingresso à terra indígena. Esta, por sua vez, me informou que a autorização seria encaminhada via correio à São Gabriel da Cachoeira, conforme solicitado por mim. Durante minha estadia neste município, entre 20 de dezembro e 20 de janeiro, realizei uma reunião com a FOIRN - Federação das Organizações Indígenas do Rio Nego, a fim de apresentar, aos seus diretores, o objetivo do projeto de pesquisa e lhes entregar uma cópia do mesmo. Os diretores da FOIRN autorizaram minha entrada em

Barreira Alta mediante autorização da Funai-Brasília e um Termo de Consentimento Prévio, assinado por mim e diretoria. A FOIRN passou a autorizar a pesquisa em área indígena desde que o pesquisador se comprometa em contribuir com algum tipo de prestação de serviço à comunidade durante sua pesquisa de campo, além do pesquisador se comprometer em entregar uma cópia da dissertação para a instituição indígena e à comunidade pesquisada.

Aproveitei a estadia na cidade para organizar minha incursão a campo: realizar compras necessárias para três meses, além das encomendas solicitadas pelos Hupd'äh. Nesse período, acompanhei os Hupd'äh na cidade, auxiliando-os na organização de documentos para recontratação de professores, trâmites bancários, e solicitação de primeira e segunda via de documentos.

Cheguei a Barreira Alta em dezembro de 2009, após dois anos sem contato. Aproveitei a ocasião em que a equipe da Saúde Sem Limites, com um novo projeto de Diagnóstico Etnoambiental entre os Hupd'äh, subiria para o médio Tiquié e permaneci por lá durante 10 dias com a equipe, visitando também as comunidades de Taracuá-Igarapé, Nova Esperança, Santa Cruz e Nova Fundação. Este momento foi muito importante para rever as pessoas e falar com os Hupd'äh e os Tukano sobre o projeto de pesquisa de mestrado. Os Hupd'äh e os Tukano aceitaram bem a idéia de minha permanência na comunidade por três meses, no entanto, foi difícil fazê-los compreender exatamente o que eu queria pesquisar. A todo o momento, alguém chegava a mim, perguntando o que eu iria fazer exatamente, e eu explicava que seria um estudo sobre o percurso dos Hupd'äh até chegar para morar em Barreira Alta. Conversei sobre a idéia da pesquisa com os Hupd'äh e os Tukano do médio Tiquié, não só de Barreira Alta.

Em minha segunda e mais prolongada permanência em campo, realizamos também uma reunião para explicar o projeto novamente. O capitão Hup achou melhor realizar a reunião no dia do caxiri – uma bebida fermentada a base de mandioca processada –, pois assim todos estariam presentes. Em meio às rodadas de caxiri, o capitão me convidou a falar. Levantei-me e descrevi os planos para o desenvolvimento da pesquisa de mestrado, também informando que a dissertação, quando pronta, seria encaminhada para a comunidade, para a FOIRN (Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro) e para a FUNAI (Fundação Nacional do Índio).

No dia seguinte, as pessoas chegavam a mim, perguntando por quanto tempo eu permaneceria na comunidade, se eu iria conversar com os velhos para ouvir as histórias, se eu

iria trabalhar na roça, se eu iria ajudar os professores na sala de aula e se trabalharia apenas com pesquisa, deixando de ser a assessora. As perguntas baseavam-se em minhas informações do dia anterior, acerca da pesquisa, e em suas dúvidas sobre o meu presente trabalho, sendo que até 2007 minha atuação se dava no âmbito da assessoria em educação escolar indígena e, em 2010, apresentava-me como pesquisadora e aluna de mestrado da UFBA, o que causou certa confusão nos Hupd'äh, em relação à minha "transformação" de assessora para pesquisadora de mestrado em antropologia.

No período da realização de minha pesquisa de campo (janeiro a abril de 2010), mediante autorização da FOIRN (Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro) e da FUNAI[4], residi na casa da SSL, localizada em Barreira I, à margem do rio Tiquié, ao lado da casa do professor Tukano e sua esposa Hupd'äh, e à frente da casa de uma família Tukano, residida por uma família Hupd'äh. O capitão Jarbas, do clã Mih-Pów-Tëh-D'äh (Hupd'äh), achou importante que eu tivesse uma companhia, então solicitou à Rosinha (clã Dög-Méh-Tëh-D'äh) que morasse comigo na casa da Saúde Sem Limites, durante toda a minha permanência na comunidade. A princípio, fiquei receosa em atrapalhar o cotidiano de Rosinha, mas percebi que ela se sentia à vontade e não deixava de realizar suas tarefas diárias. Chegava apenas na hora de dormir e acordava bem cedo para ir à sua casa antes do clarear do dia, o que me ajudou a seguir seu ritmo. Aos poucos nos aproximamos. Eu a ajudava na capinagem e no plantio de sua roça, a preparar o caxiri e a preparar o beiju. A aproximação com Rosinha me fez consequentemente, ficar mais próxima à sua família: pais, irmãos, sobrinhos, tios e seu avô, o Sr. Alberto.

Além da vivência cotidiana, realizei algumas entrevistas informais com homens e mulheres Hupd'äh e homens Tukano, sendo dois residentes em Barreira Alta e um em Pari Cachoeira, mas que possui casa em sua comunidade de origem. Com os Tukano, foi possível realizar toda a entrevista em português, dada à fluência na língua, porém, com os Hupd'äh, foi necessária a intermediação de informantes que falavam o português.

Logo na primeira semana que permaneci em campo, realizei um levantamento domiciliar de Barreira Alta. Durante toda a permanência na comunidade, participei de trabalhos comunitários, trabalhos nas roças, coletas de frutos do mato, pescaria em igarapés e rio e uma primeira incursão ao território Hupd'äh, dormindo em acampamento, comendo mét-

[4] Como já expliquei acima, a solicitação da autorização foi encaminhada ao CNPq e à FUNAI em novembro. A carta de autorização foi encaminhada à São Gabriel da Cachoeira em janeiro, com prazo de validade de 1 ano.

cutia (*Dasyprocta aguti*), peixes de igarapé, coletando jawák (japurás) e dög-uirapixuna (*Cassia scleroxylon*).

O estudo da língua Hup foi aprimorado durante o trabalho de campo, a princípio, diariamente, com ajuda dos professores Hupd'äh. Os Hupd'äh: velhos, adultos, crianças, jovens, mulheres e homens eram meus professores de língua em tempo integral. A todo o momento me ajudavam quanto à pronúncia da língua Hup, falavam devagar, repetiam, corrigiam-me e eu deveria sempre repetir, até que eles aprovassem a pronúncia.

Durante o período em que permaneci em Barreira Alta foram realizadas caminhadas no interior da floresta para coletas de frutos; ida ao acampamento de caça Hup; trabalho nas roças com as mulheres; levantamento demográfico; fotografias da comunidade, das casas, das festas, da pescaria, das coletas de fruto e da roça. Foram realizados desenhos de dois mapas do território Hupd'äh dos clãs Ya'ám-Dúb-Tëh-D'äh e Sokwät-Nöh-Köd- Tëh-D'äh. O assessor pedagógico indígena, Ricardo, desenhou o mapa do território de seu clã de acordo com as informações de seu pai, Joaquim; e Crispiniano, que é professor da comunidade, produziu o mapa de seu clã, Sokwät-Nöh-Köd-Tëh-D'äh, junto a seu pai, Alberto.

CAPÍTULO 1: INTRODUÇÃO

A presente dissertação aborda a territorialidade e a mobilidade dos Hupd'äh, um grupo indígena pertencente à famíla lingüística denominada Maku[5] na literatura etnológica, que habita os interflúvios dos rios Uaupés, Papuri e Tiquié, na região do Alto Rio Negro, Amazonas e que até a década de 90 era considerado um povo de alta mobilidade territorial, tendo a caça e a coleta como atividades preferenciais. O estudo etnográfico da territorialidade e mobilidade dos Hupd'äh na comunidade Tukano, do clã Turoponã de Barreira Alta, no rio Tiquié-AM, atenta para os motivos que levaram os Hupd'äh a se estabelecerem neste território há pouco mais de 40 anos e os fatores que os levam a continuarem fixados no local, compreendendo a investigação etno-histórica e etnográfica do modo como eles se mantêm por meio das relações cotidianas com os seus patrões e vizinhos Tukano; a caracterização das relações deste grupo local Hupd'äh com o seu território na atualidade e a investigação de suas estratégias de sobrevivência no contexto econômico, social e cultural de Barreira Alta.

Este estudo também aponta que a mobilidade não é puramente determinada pela economia ou pela ecologia, mas corresponde ao desenvolvimento histórico de distintos estilos de vida. (RIVAL, 2002). Nesse caso, pode-se deduzir que a perspectiva evolucionista não pode explicar satisfatoriamente os estilos de vida de grupos caçadores e coletores. No caso dos Hupd'äh de Barreira Alta, mesmo vivendo a pouco mais de 40 anos fixados nesta comunidade, praticando a agricultura - como observado em 2010-, ainda realizam incursões no interior da floresta, caçando e coletando frutos do mato; prestam serviços em outras comunidades Tukano; realizam visitas e buscam casamentos em outros grupos locais Hupd'äh - embora a maioria dos casamentos entre os Hupd'äh de Barreira Alta ocorra entre os clãs co-residentes. Assim sendo, a mobilidade territorial deste grupo local está também relacionada ao contexto econômico e sócio-político. Sobre tal observação, menciono a relação Hup com seu território (S'áh) explorando a noção de ethos que, no sentido atribuído por Bateson, remete à expressão emocional coletiva de uma cultura, a um sistema de atitudes emocionais,

---

[5] O povo Hupd'äh, assim como os Däw, Yuhup, Kákwa (Bará-Maku), Nukak e Nadëb, configura o tronco lingüístico, até então, denominado 'Maku' na literatura etnológica. O termo Maku é altamente ofensivo aos Hupd'äh. Como observa Athias (1995), Maku é uma palavra Aruak, que significa povo sem fala (Ma=privativo/aku:fala). Os Aruak, no início do contato com esses povos os denominaram Maku, termo que viajantes, missionários e pesquisadores passaram a empregar. Tal denominação na região do Alto Rio Negro é depreciativa, e como aponta Athias, "é na realidade um palavrão e serve para xingar os outros" (1995:08). Na cidade de São Gabriel da Cachoeira, quando um chama o outro de Maku, também quer dizer: sujo, feio, não-civilizado. Atualmente a lingüista Pattie Epps propõe o termo Nadahup para a família lingüística até então conhecida como Maku (PATTIENCE, EPPS. *A Grammar of Hup*. Mouton de Gruyter. 2008)

governado por valores estabelecidos por um determinado grupo diante das várias satisfações ou insatisfações em diferentes contextos que a vida apresenta, ou ainda, ethos enquanto um sistema de padrão cultural de organização das emoções dos indivíduos. (BATESON, 1958, p. 220).

Em consonância com os dados levantados durante minha pesquisa de campo, a presente dissertação está dividida em três capítulos. A primeira seção deste primeiro capítulo aborda a mobilidade Hupd'äh, apresentando a discussão teórica acerca dos povos caçadores e coletores na antropologia, mais especificamente sobre os estudos realizados entre os Hupd'äh. Na segunda seção, desenvolvo uma descrição da economia e subsistência dos Hupd'äh de Barreira Alta, atentando para as atividades de caça, coleta de frutos, pesca e agricultura dos Hupd'äh.

O segundo capítulo versa sobre a noção de territorialidade no sistema sociocosmológico da Bacia do Uaupés e sua relação com o parentesco bem como a organização social, política e econômica. Especificamente, aborda a relação entre a sociocosmologia Uaupesina, que é articulada com base na mitologia de origem da humanidade, com a hierarquia presente entre os grupos étnicos. Traço uma breve apresentação da percepção Tukano e Hupd'äh acerca da mitologia de origem da humanidade e como um se relaciona com o outro neste contexto, a partir da literatura etnológica sobre a região e dos dados de campo.

No terceiro e último capítulo, a partir de uma discussão etnohistórica, abordo a mobilidade e territorialidade Hupd'äh a partir da trajetória de seu grupo local até a comunidade ribeirinha, na perspectiva Hupd'äh, dos clãs Ya'ám-Dúb-Tëh-D'äh e Sokwät-Nöh-Köd-Tëh-D'äh e dos Tukano de Barreira Alta, do clã Turoponã. Na primeira seção: "Introdução à História de Colonização do Alto Rio Negro", começo com uma revisão da história "nossa" da região, baseada em fontes secundárias. Na segunda seção, detalho o ponto de vista dos Turoponã e dos Hupd'äh, sobre o processo de ocupação de Barreira Alta, conforme o levantamento realizado em 2010.

1.1 Mobilidade Hupd'äh

O Alto Rio Negro, conhecido também como "Cabeça do Cachorro" em alusão ao delineamento do mapa do Brasil indicando suas fronteiras com Colômbia e Venezuela, situa-se no noroeste da Amazônia Brasileira e é habitado por cerca de vinte e dois povos indígenas pertencentes a quatro troncos lingüísticos: Aruak, Maku, Tukano e Yanomami. A maior parte da região é constituída por 5 terras indígenas contíguas dentro da Terra Indígena do Alto Rio Negro e por um parque nacional do Pico da Neblina (criado pelo Decreto n 83.550, de 05/06/79, 83. 550/1979 com extensão de 22.000 km²).

Essas terras foram reconhecidas oficialmente pelo governo federal entre 1995 e 1997 e homologadas pelo presidente da República do Brasil em abril de 1998. Constitui-se em cinco terras contíguas, perfazendo um total de 106 mil km² (CABALZAR; RICARDO, 2006). A terra indígena abrange 80% do território, onde também se localiza São Gabriel da Cachoeira, município cuja população é formada principalmente por indígenas advindos das comunidades existentes no Rio Negro e seus afluentes, distante de Manaus a 852 km cujo acesso se dá via transporte aéreo ou fluvial.

Mapa 01 – São Gabriel da Cachoeira. Fonte: Instituto Socioambiental

A cidade de São Gabriel da Cachoeira[6] é o município de referência para os indígenas da região do Alto Rio Negro e atualmente é o único município brasileiro a possuir três línguas co-oficiais: Língua Geral (Nheengatu), Baniwa e Tukano. Houve um aumento significativo de sua população nos últimos trinta anos por conta do fluxo migratório das comunidades indígenas do interior; da entrada de pessoas de fora do Alto Rio Negro - que chegaram para trabalhar nas obras de abertura de duas estradas (trecho da Perimetral Norte e BR 307), empreendimento que fazia parte do Plano de Integração Nacional do Governo Federal da década de 70; do estabelecimento de militares, através da instalação, a partir de 1973, da 1ª Companhia do 1º Batalhão de Engenharia e Construção (BEC) e, a partir de 1984, de um Batalhão de Infantaria da Selva (5º BIS); do surgimento do comércio como supermercados, farmácias, lojas de roupas, sapatos, redes, utensílios domésticos e outros serviços como hospital, posto de saúde, delegacia, cartório, secretaria de educação, secretaria de saúde, ONGs e DSEI - Distrito Sanitário Especial Indígena. (ANDRELLO, 2006).

De acordo com o mapa-livro do ISA – Instituto Socioambiental – (2006), a bacia do Alto Rio Negro se estende pela Colômbia e Venezuela e recebe as águas dos rios Uaupés, Içana, Curicuriari, Marie, Padauiri, Uneiuxi, Cauaburi, Marauiá, Xié e outros que fazem parte da maior bacia de águas pretas do mundo. O rio Uaupés é o segundo maior tributário do rio Negro, tendo cerca de 1.375 km de extensão, sendo 845 km das cabeceiras até o limite Colômbia/Brasil e servindo de fronteira com a Colômbia por mais 188 km e, deste ponto até a boca são mais 342 km em território brasileiro. Em seu curso, o Uaupés recebe as águas dos rios Tiquié, Papuri, Querari e o Cuduiari. De sua foz no rio Negro até a desembocadura do rio Papuri, o Uaupés está situado em território brasileiro, depois, entre este ponto e a foz do Querari delimita-se a fronteira entre o Brasil e a Colômbia, e a partir desse ponto até suas cabeceiras se localiza em território colombiano.

Na década de 70-80, Ramos, Silverwood-Cope e Oliveira (1980), diferenciavam duas áreas principais na região do rio Uaupés e seus afluentes Papuri e Tiquié, destacando as margens do rio como um local dos grupos étnicos, que se caracterizariam como "sedentários" e se assemelhariam nos aspectos sócio-econômico-culturais, no entanto, de diferentes línguas ainda que a língua franca seja a tukano. São eles, os Arapaço, Barasana, Desana, Cubeo,

[6] São Gabriel da Cachoeira possui 109.185 km2, sendo o terceiro maior município, em extensão, do país.

Miriti-Tapuia, Pira-Tapuia[7], Tariana, Tukano, Tuyuca, Wanano[8]. A outra área é o interior da floresta, aonde vivem os grupos étnicos da família lingüística Maku, povos distintos dos ribeirinhos nos aspectos sociais, econômicos e culturais, inclusive na língua. Nesta região, do lado brasileiro, são os grupos étnicos Hupd'äh e Yuhupdeh quem mantém maior contato com os índios ribeirinhos, sobretudo com os Tukano.

Os Hupd'äh estão compostos em mais ou menos 25 clãs, termo utilizado por Reid (1979) e Athias (1995) para designar a unidade básica da estrutura social deste povo, que estão espalhados entre os Rios Papuri, Tiquié e Uaupés, ocupando territórios próprios no interior da floresta e também – desde o contato direto com os missionários salesianos, nos idos dos anos 60 – os territórios de outros grupos étnicos, como os Tukano, Tuyuka e Desana (família lingüística Tukano), todos habitantes às margens dos rios. No Rio Tiquié, a comunidade Tukano, do grupo Turoponã de Barreira Alta, situada à margem direita (no sentido de quem sobe o rio), comporta 161[9] Hupd'äh, com sete clãs, como irei ilustrar com mais detalhes na seção Organização Social em Barreira Alta – 2010, no segundo capítulo.

Até o momento da minha pesquisa, não foi possível precisar o número total estimado da população Hupd'äh em 2010. Mas, de acordo com um estudo do perfil demográfico dos Hupd'äh realizado entre 2000-2003 (MACHADO et al, 2009, p. 39), a partir de levantamentos realizados por Reid (1979), Pozzobon (1991), Athias (1995) e Azevedo (2003), os dados da população Hupd'äh estavam estimados, segundo a tabela abaixo :

FIGURA 1[10]
População Hupd'äh do Amazonas estimada em diferentes estudos 1974-2002

Períodos	População média estimada	Estudos
1974-1976	1.200	Reid (1979:15)
1984-1985	1.139	Athias (1995:43) [11]
1988-1991	1.210	Pozzobon (1991:67)
1992-1993	1.203	Azevedo (2003:77)
1992-1995	1.398	Azevedo (2003:55-56)
2002	1.427	Azevedo (2003:55-56)

Figura 1 - Fonte: Machado et Al (2009)

[7] Autodenominam-se Waikanã.
[8] Autodenominam-se Kotiria
[9] Dados levantados durante pesquisa de campo em 2010.
[10] Fonte: Reid (1979), Athias (1995), Pozzobon (1991) e Azevedo (2003) (apud MACHADO, M. et al: 2009:39).
[11] Na tese de doutorado de Athias constam 1300 Hupd'äh (1995:74).

Machado (2009) argumenta que o aumento da população - conforme os períodos listados acima – pode ser atribuído a diversos fatores: melhoria na qualidade de informação, contagem dupla de indivíduos; ingresso de pessoas Hupd'äh na região. No entanto, é difícil precisar os números devido à mobilidade territorial dos Hupd'äh.

Na literatura etnológica, entre as décadas de 70, 80 e 90 (Reid, Pozzobon e Athias), os Hupd'äh, assim como os outros grupos que compõem a família lingüistica Maku (Nadahup), são considerados povos com alta mobilidade territorial, caçadores e coletores que habitam o interior das florestas nos interflúvios do Rio Tiquié, Papuri e afluentes da margem esquerda do Rio Uaupés em contraposição às famílias lingüísticas Tukano e Aruak, que habitam próximos aos rios, desenvolvendo atividades horticultoras, especialmente no cultivo da mandioca, alimento básico da região[12]. Viajantes como Koch Grunberg (2005 [1903-1905]) que realizou uma viagem ao rio Tiquié em março de 1904 já distinguia os Maku em relação aos Tukano e Aruak, muito embora tal distinção, além de sua própria interpretação, estava baseada na visão Tukano sobre os Maku "(...) eles tinham aspecto de mal nutridos, o que bem poderia ser atribuido à sua vida selvagem na mata" (2005, p. 287).

Para Sahlins (1972) e Fausto (2001), na literatura sul-americana, a caça e a coleta estão relacionadas à insegurança e à escassez alimentar, enquanto que a agricultura associa-se a uma vida de estabilidade e fartura. Partindo desta visão, os grupos tidos como caçadores e coletores seriam mais vulneráveis àqueles que possuem a agricultura como meio de sobrevivência. No entanto, como diz Lévi-Strauss (apud Fausto, 2001) a respeito dos Nambikwara, estes relacionam a vida sedentária e agrícola à melancolia e o período nômade à excitação. Ainda, segundo Fausto: "*Para os Parakanãs, os períodos de trekking[13] são marcados pela abundância, não pela escassez*" (2001 p. 153).

No que se refere ao grupo local Hupd'äh de Barreira Alta, pareceu-me nítida a alegria no momento em que as famílias se direcionavam ao mato e a expressão aparentemente de "tédio" ao se deslocarem à roça. Certa vez, uma jovem Hupd'äh se dirigiu a mim com uma alegria contagiante, ao saber que eu partiria para coletar frutos no interior da floresta: "*No mato tem tudo Lirian, você vai ver, tem peixe, cotia, paca, tudo!*", disse a jovem. Neste sentido os Hupd'äh estão em consonância com os Parakanã, quando Fausto aponta que "*o movimento de dispersão para a mata responde a um desejo de consumir carne em grande*

[12] Reid (1979); Athias (1995); Silverwood Cope, Ramos e Oliveira (1980).

[13] Caminhar em inglês

quantidade: quando os parakanãs se dizem com fome, referem-se à ausência não de comida, mas sim de abundância de carne". (2001, p. 153). No entanto, para os Hupd'äh, ainda que muitas vezes relacionem a fome ao desejo de consumir carne de caça (às vezes também ao desejo de comer bolachas, arroz, macarrão e enlatados), quando estes dizem que estão passando fome é porque realmente não possuem nenhum tipo de proteína como acompanhamento do alimento base, que é o beiju e/ou farinha, ou ainda quando não possuem nem mesmo estes alimentos a base da mandioca. É preciso compreender os contextos nos quais os Hupd'äh dizem sentir fome, que por vezes corresponde ao desejo de comer carne de caça, outros ao desejo de comer peixe, outros ao desejo de comer arroz, charque ou enlatados e outros à necessidade de comer o que tiver disponível por falta de proteína e/ou carboidrato. Nota-se também que se a família possui farinha e beijú disponíveis, esta poderá trocar com alguém que tenha proteínas disponívieis, como carne de caça, peixes ou vice-versa.

Geralmente, a oferta de alimentos diminui entre os meses de junho-julho a novembro-dezembro, quando não há abundância de frutos do mato e menos possibilidade de carne de caça em relação aos outros períodos. Como assinala Athias a partir de seu trabalho de campo entre os Hupd'äh do rio Tiquié e do rio Japu:

> A busca de recursos entre os Hupd'äh é mais exaustiva do que entre os Tukano, que se encontram em uma localização privilegiada, em lugares onde a fonte de recursos e as condições de solo são bem mais produtivas que nas áreas interfluviais, onde vivem os Hupd'äh. Por outro lado, os Hupd'äh têm uma fonte de proteína através da caça, privilegiada em relação aos Tukano. Esta forma de adaptar-se ao ambiente criou especializações no sistema econômico de ambos os grupos e se refletem nas suas formas de se relacionar (1995, p. 101).

Contudo, Marshall Sahlins, em "The Original Affluent Society" (1972), argumenta que os grupos caçadores e coletores costumam gastar menos energia "per capita" por ano em relação aos grupos não-caçadores/coletores. Na época, o autor questionava o ponto de vista da teoria antropológica de cunho evolucionista quando esta apontava que a economia dos caçadores e coletores era ineficiente. Barnard (2004) assinala que os grupos caçadores e coletores são considerados importantes nos estudos da antropologia social e cultural no sentido de enfatizar que, diferentemente de uma teoria evolucionista, é preciso reconhecer que a história da humanidade não é unilinear, mas sim, multilinear. Athias aponta que os Hupd'äh representam um caso peculiar nos estudos de mobilidade, pois não são enquadrados como sedentários nos estudos etnológicos, assim como os povos Tukano e Aruak, mas ainda assim

mantém “*atividades características de uma aldeia sedentária, como manutenção de roças*” (1995 p. 124). É neste sentido que a dicotomia agricultura/caça-coleta, para distinguir povos entre sedentários e nômades, merece uma análise mais cuidadosa.

Para tanto, enfatizo que o fato dos Hupd'äh serem especialistas na caça e coleta de frutos do mato não significa que não sejam também agricultores, embora esta especialidade seja mais atribuída aos grupos Tukano e Aruak. Inclusive, eles, os Hupd'äh, também são contratados para trabalhar na roça dos Tukano com a finalidade não só de abrir e queimar a área, mas também de plantar as manivas e colher as mandiocas. É bastante provável que, antes do contato com os missionários salesianos, os Hupd'äh desenvolvessem menos atividades agrícolas, pois a perambulação territorial era mais intensa, no entanto, o estilo de vida de maior mobilidade territorial não exclui a possibilidade de exercerem atividades horticultoras. Sendo assim, considero os Hupd'äh de Barreira Alta, na atualidade, caçadores-coletores-horticultores.

Renato Athias sugere que “*associar a mobilidade como uma característica de povos caçadores e coletores seria estreitar a noção diante das diversas dimensões que os movimentos de grupos étnicos apresentam no seu dia-a-dia*” (1995 p. 124). Aponto um exemplo dos Tukano que, mesmo sendo considerados “sedentários”, possuem um histórico na região do Alto Rio Negro de mobilidade territorial que também está relacionado à busca de melhores terras para a agricultura, melhores ofertas de peixes, estratégia de proteção do grupo em relação aos “brancos” e seus próprios conflitos internos,[14]. No entanto não se pode dizer que os Tukano possuam uma forma de mobilidade territorial semelhante aos Hupd'äh. Parece-me que a qualidade de “trekkers” dos Hupd'äh está mais associada ao **ethos** do que especificamente à economia do grupo, ou ainda a uma ideologia.

Barnard (apud Yengoyan, 2001) lança mão do conceito de ideologia para descrever o estilo de vida dos povos caçadores-coletores, no entanto Yengoyan (2001) prefere substituir tal conceito por um conceito de cultura, sustentando que a ideologia está baseada na ação racional.

---

[14] Ver capítulo II desta dissertação, no tópico Trajetória dos Turoponã

> [...] What he calls ideology, I would call culture. To summarize what could be a lengthy issue, I understand culture as a set of conscious and unconscious givens or ontological axioms which normally are part of prior texts which actors bring to bear to understand events. Normally, these prior texts or ontological axioms are not questioned by participants though it can occur. Culture in this sense is a form of stability and also a product of shared thought. By contrast, ideologies are also shared but they are consciously developed through reasoned and rational action (2001, p. 65).

De acordo com minhas observações de campo, os Hupd'äh, enquanto caçadores-coletores-horticultores, não vão somente à mata com o único intuito de caçar e coletar frutos, mas também vão para descansar, para se divertir, para fugir de momentos conflituosos na comunidade e para fazer o ritual das flautas do jurupari[15] (Döhö)[16] que permeia toda a vida política, social e econômica do grupo. O interior da floresta é um lugar onde os Hupd'äh exercem sua autonomia. E este fato também não parece se tratar somente de uma ideologia, pois eles não dizem que vão à mata porque lá exercem sua autonomia, ou ainda, de que vão à mata porque são caçadores e coletores, por isso são diferentes dos Tukano, que são agricultores. Mas, geralmente, quando às famílias vão para o mato, dizem que vão passear no mato. Raramente dizem que vão trabalhar no mato. O trabalho é na roça, na própria comunidade onde vivem, ou quando existe algum tipo de contrato de trabalho entre Hupd'äh e Tukano, ou regatão. Embora no mato haja muito trabalho, como caçar e coletar frutos, o sentimento é de lazer e descontração. Estar no mato, em acampamentos de caça é realmente um momento de felicidade, aonde os Hupd'äh se sentem completamente à vontade.

É neste sentido que as formas específicas em que os Hupd'äh se posicionam frente à atividade de perambular no interior da floresta constituem seu ethos, diferindo culturalmente dos seus vizinhos Tukano (bem, como os não-indígenas). Se levarmos em consideração que as crianças Hupd'äh até a atualidade brincam de caçaria, fazendo tapiris (acampamento de caça), caçando com mini arco-e-flechas para depois comer os alimentos (algo que pegam da casa de seus pais, como beiju, ou que coletam dos arredores da comunidade, como frutos plantados) em seus tapiris, "fazendo de conta" que estão em um acampamento de caça, vamos perceber que isto também se trata de uma produção cultural, através do "habitus" – que de acordo com Bourdieu (2004, p. 61), é um conhecimento adquirido e também um haver,

---

[15] "É um conjunto de mitos que, em sua essência, contém os códigos sociais patriarcais e onde exorta a exogamia lembrados em cerimônias rituais entre os habitantes da bacia do Uaupés" (ATHIAS, 1995, p. 178).
[16] Döhö em Hup significa "Herói cultural, dono dos instrumentos musicais" (RAMIREZ, 2006, p. 55).

indicando a disposição incorporada. "É a materialização da memória coletiva que reproduz para os sucessores as aquisições dos precursores" (Bourdie apud Cuche, 2002, p. 172). A noção de ethos ajuda a compreender que mesmo os Hupd'äh vivendo, na atualidade, em grandes comunidades (uns à beira do rio e outros um pouco mais distante do rio), ainda assim não deixam de perambular em seus territórios, nem de caçar e coletar frutos da mata, muito embora tenham ocorrido algumas transformações no habitus Hupd'äh relacionadas com o próprio histórico de colonização do Alto Rio Negro, da mesma maneira que José Antonio Kelly aponta em relação aos Yanomami no que se refere ao "*modo como, agora, as pessoas comem a comida dos brancos e vestem suas roupas; às vezes, também, à adoção de tetos de zinco e de motores, e à mudança do habitar o "fundo" da floresta para morar nas proximidades dos grandes rios.*" (KELLY, 2005, p. 10).

Na literatura sobre os povos Maku, recentes estudos sobre os grupos que vivem em território fronteiriço ao lado colombiano enriquecem nosso entendimento do ethos Hupd'äh em relação à organização socioeconômica e política. Em *Los Nukak: Un mundo nomada que se extingue*, Becerra faz o seguinte comentário: *"Plantear que la horticultura está acompañada de la sedentarización y que esta a su vez implique una mayor complejidade social, es negar la posibilidad que una sociedad pueda combinar diversas estratégias en la transformación de la naturaleza"* (BECERRA, 1998, p. 9).

Como diz um Hupd'äh de Barreira Alta: "***na época dos meus avós, a gente não tinha roça porque não tinha machado, mas a gente trabalhava para os Tukano e comia mandioca. Quando a gente estava no mato comia aqueles cará do mato.***" No entanto, outros Hupd'äh chegaram a informar que possuíam, sim, roças, que estas eram abertas com um tipo de machado de pedra. Eram roças bem pequenas e, na época, os velhos evocavam o vento para ajudar a derrubar as árvores no local onde as manivas seriam plantadas. As manivas (*Manihot* Sp), os Hupd'äh recebiam dos Tukano em troca do trabalho realizado em suas roças. Todos informam que sempre trabalharam na roça dos Tukano, eram convidados para o trabalho, vinham com a família, passavam um período na comunidade trabalhando, tomavam caxiri, ganhavam mandioca, traziam carne de caça para trocar também e depois, quando o trabalho terminava, voltavam para o interior da mata. Destaco aqui o trecho de um relato de uma mulher Hupd'äh, a mais velha de Barreira Alta, que expressa o estilo de vida Hup antes de um contato mais intenso com a missão salesiana. Neste caso, o relato de dona Balbina, do clã Dëh-Puh-Tëh-D'äh (Filhos da Espuma da Água), é sobre sua vida na juventude, no início

de seu casamento, em meados do século XX, com Antonio, do clã Sokwät-Nöh-Köd-Tëh-D'äh (Filhos do Bico do Tukano), antes de se fixarem em Barreira Alta na década de 70:

> ***(...) Depois nós fomos para o Huy Hóy, onde Antonio morava, no igarapé Payá(no rio Tiquié) e depois descemos para Barreira para trabalhar na roça do finado Fortunato Marinho*** (avô de Zezinho[17]) ***e ficamos um tempo trabalhando com eles e depois retornamos para Huy Hóy. Minha mãe e pai chegaram para me visitar. Quando minha mãe chegou, ela falou: "Balbina, você é minha única filha, por isso, vim lhe visitar"; e depois me levou junto com Antonio e Joaquim*** (irmãos do clã Sokwät Noh Köd Tëh d'äh) ***para o Igarapé Cumá (afluente do Igarapé Cabari-Rio Japu). Aí, chegamos ao Igarapé Cumá e ficamos muito tempo por lá, ali, eu fiquei grávida do primeiro filho e ganhei lá o Mário. Depois descemos em uma comunidade Desano para trabalhar. Ficamos nessa comunidade trabalhando. Eu ajudava a fazer caxiri, os Desano fizeram Dabucuri para mim.*** [18]***(Ya'am Keg Dëh Puh Tëh ãy/Balbina Marques Andrade).***

O depoimento de Dona Balbina chama à mente o conceito que Reid utiliza para este tipo de mobilidade a curto prazo, "short term mobility" (1979, p. 84), traduzido por "mobilidade logística" (ATHIAS, 1995), que seria todo o movimento que pequenos grupos, ou ainda "grupos de fogo", realizam em suas atividades de produção, ou seja, quando se deslocam para realizar um trabalho para os Tukano por tempo determinado, ou quando vão visitar parentes em outras localidades, ou ainda realizar caçaria e coleta de frutos por um período, para depois retornar ao povoado. Reid distingue o "short term mobility" (mobilidade em curto prazo) do "long term mobility" (mobilidade em longo prazo) ou "mobilidade residencial" (ATHIAS, 1995), como o que ocorre quando todo o grupo local se desloca para residir em outro povoado, como foi o caso dos Hupd'äh ao se deslocarem em direção à Barreira Alta na década de 70.

Os estudos antropológicos, entre as décadas de 70 e 90, referiram-se ao mundo Hup como constituído em três espaços: (1) aldeia Hup - no interior da mata; (2) aldeia Tukano - na beira do rio; e (3) acampamentos de caça Hup, mostrando que os deslocamentos constantes conferiram ao grupo um alto grau de mobilidade territorial (REID, POZZOBON e ATHIAS apud MARQUES, 2001).

---

[17] Era captião geral da comunidade de Barreira Alta. Atualmente reside em São Gabriel da Cachoeira, mas ainda possui roça em Barreira, além de sua casa (localização 4 no croqui da comunidade – segundo capítulo). As mulheres Hupd'äh cuidam da roça dele e de sua esposa. Elas plantam, colhem, fazem farinha e enviam para a cidade, à pedido de Zezinho.

[18] Tradução simultânea para o português – Ricardo Dias Pires

Com a maior permanência dos Hupd'äh em um único local, que se inicia, de forma mais significativa, na década de 60, estimulado pelos missionários salesianos, estão ocorrendo mudanças significativas. Muitos Hupd'äh habitam hoje regiões ribeirinhas adotando, também, os costumes da família linguística Tukano Oriental, como é o caso dos Hupd'äh de Barreira Alta, e inclusive a apropriação da mitologia de origem dos Tukano para explicar aos "de fora" o surgimento dos Hupd'äh e sua posição social em relação aos outros grupos étnicos, como será mencionada no segundo capítulo desta dissertação. Pode-se dizer que na atualidade o mundo Hup, especificamente o de Barreira Alta, constitui-se basicamente em dois espaços: aldeia Tukano na beira do rio e acampamentos de caça, no interior da floresta, transitando ainda em outras comunidades Tukano: prestando serviços, em comunidades Hupd'äh: visitando parentes, em São Gabriel da Cachoeira: realizando compras e resolvendo questões burocráticas. Pode-se dizer inclusive que a mobilidade territorial se ampliou se levarmos em consideração que hoje os Hupd'äh viajam até a cidade com mais freqüência em relação aos anos anteriores a 2004. A cidade também passou a ser uma fonte de recurso bastante considerável a partir dos programas sociais e da contratação assalariada, ainda que incipiente, de professores e agentes indígenas de saúde Hupd'äh pela Secretaria Municipal de Educação e pelo Distrito Sanitário Especial Indígena respectivamente, com a finalidade dos mesmos atuarem em suas comunidades.

É comum ouvir de um Hup que não quer voltar a ser "Maku" (anotação de campo 2006-2007-2010), ou seja, voltar a morar no mato, pois uma vida civilizada é ter escola, atendimento de saúde, morar na beira do rio, viver como os Tukano, trabalhar como professor, agente de saúde, poder ir à cidade comprar roupas, rádios e demais produtos industrializados. No entanto, morar em uma comunidade na beira ou próxima do rio não exclui a possibilidade de incursões ao interior da mata para descansar, passear e aproveitar para caçar e coletar frutos ou vice-versa. Como sinaliza Kelly (2005), as transformações no habitus não implicam em processos de perda cultural ou de contaminação, esta seria uma visão limitada, mas são produtos de um contato inter-étnico diversificado.

Segundo Fausto (2001, p. 125), "a política dos agentes coloniais e da sociedade nacional sempre visou à concentração e à fixação dos nativos em poucos locais, por razões econômicas, logísticas e ideológicas. A mobilidade e a dispersão foram percebidas como obstáculos à aculturação dos grupos indígenas". No Rio Negro, sobretudo com a criação da Província do Amazonas em 1850, esses agentes coloniais, conhecidos também como

Diretores de Índios, tinham a função de atrair grupos indígenas às margens dos rios de forma a "civilizá-los", engajando-os nos programas de serviço público da província (ANDRELLO, 2006, p. 82). Os índios que continuavam vivendo longe das margens dos rios, de difícil acesso aos agentes da colônia, o que inviabilizaria as relações comerciais, não poderiam ser considerados civilizados, inclusive os chamado "Maku", que também pelo contexto cosmológico da região, relacionado à perspectiva Tukano, seriam muitas vezes capturados pelos índios ribeirinhos a pedido dos agentes coloniais, para o trabalho forçado. Giacone (apud Athias, 1995, p. 75) informa que os Hupd'äh, inclusive, eram capturados pelos Tukano e vendidos como escravos.

Segundo Wright (apud ANDRELLO, 2006, p. 82-83), na época da Província do Amazonas, os agentes coloniais dividiam as populações indígenas em três categorias: aquelas que viviam nos fundos das florestas, entre as quais, as "tribos" consideradas hostis; aquelas que viviam em malocas já conhecidas pelos agentes da colônia e que então comercializavam regularmente produtos das florestas com os brancos; e aquelas já habituadas à civilização, que trabalhavam para o serviço público na área da agricultura e da navegação. É nesse contexto histórico (que inclusive irá se acentuar com a chegada dos missionários salesianos, nas primeiras décadas do século XX), que os Hupd'äh parecem viver um dilema doloroso: se deixassem de perambular no interior da floresta, como realizariam o Jurupari? Como coletariam frutos e comeriam carne de caça? Em que lugar no mundo, teriam maior liberdade? Mas, por outro lado, se voltam a morar no interior da floresta, deixam de receber os benefícios da sociedade envolvente (serviços de saúde, educação formal, acesso aos produtos industrializados com maior facilidade) e não fortalecem o status de "civilizados", ainda que a concentração de muitos Hupd'äh em um mesmo local acarrete em maior vulnerabilidade alimentar.

Athias (1995) relata que, durante sua pesquisa de campo, sentiu uma grande diferença em relação aos recursos econômicos dos Hupd'äh entre sua estadia na década de 1970 e depois, na de 1990, percebendo que a caça estava diminuindo e que durante seus treze meses de campo teve a oportunidade de comer carne de anta apenas em três ocasiões. Isto se deve muito ao fato dos Hupd'äh se concentrar, cada vez mais, em maior número de pessoas em um mesmo local, pois se antes os Hupd'äh viviam em média entre 15 a 40 pessoas em um mesmo povoado, na atualidade essa realidade mudou, chegando a haver concentração de mais de 100 pessoas vivendo em um mesmo local. Mesmo assim, os atrativos da 'civilização'

(termo corrente entre os próprios Hupd'äh) ainda estimulam estes a preferir morar próximo ao rio, que por sua vez, é território Tukano.

Não obstante, os Hupd'äh de Barreira Alta mesmo permanecendo ali concentrados desde a década de 1970, ou seja, há pouco mais de 40 anos, ainda possuem um amplo conhecimento de seus territórios, reconhecendo os territórios dos clãs e a utilização destes pelos grupos domésticos, locais e regionais – mesmo que atualmente perambulem com menos freqüência em relação à época das pesquisas de campo de Reid e Athias. Na bacia do Uaupés, somente os Hupd'äh têm domínio do interior da mata, sabendo inclusive das trilhas que os levam aos Hupd'äh de outras calhas de rio, do lado brasileiro e colombiano. Tal domínio de conhecimento Hup do interior da floresta não só é reconhecido entre os próprios Hupd'äh, assim como também entre os grupos Tukano. No mês de março de 2010, por exemplo, um velho Hup, tio do xamã de Barreira Alta, veio participar do ritual de Jurupari desta comunidade. Ele saiu, andando pela floresta, de Turi-Igarapé, local aonde reside, no lado colombiano. Como informa Athias (1995, p. 128) que "os caminhos (Hup-tíw) passam necessariamente por todas as aldeias Hupd'äh e interligam todos os grupos regionais".

O conceito de sedentarização na literatura etnológica, a partir de Eder (apud ATHIAS, 1995, p. 165), está relacionado ao aldeamento, "(...) um aldeamento sedentário é aquele no qual a população, ou parte, permanece no mesmo lugar durante o ano inteiro". Relembrando, que no caso de Barreira Alta, os Hupd'äh já vivem no local há 40 anos. Analisando por este âmbito, pode-se perceber que esta população específica se encontra mais sedentária, no entanto, seu grau de mobilidade durante o ano, entre o interior da mata e a beira-rio é expressivo. Como diz Athias, "partindo da noção de sedentarismo (aldeamento) elaborada por Eder, os Hupd'äh enquadrariam-se como sedentários com um grau muito elevado de mobilidade" [19]. Cabrera Becerra (2000) aponta que os grupos étnicos, inclusive os Hupd'äh da família lingüística Maku, possuem uma tradição nômade e são considerados os descendentes dos mais antigos habitantes do noroeste amazônico. Todavia, ainda na década de 90, eram os Nukak, que vivem no lado colombiano que, segundo informação pessoal de Reid para Athias (1995, p. 166), ainda estavam em constante movimento, residindo no máximo três dias em um mesmo local, o que os diferenciavam dos Hupd'äh que, apesar de possuírem ainda mobilidade territorial, estavam cada vez mais se fixando em uma comunidade. Como aponta Politis (apud Marques, 2009, p. 59), "*they probably represent one*

---

[19] Ibidem, p.165

of the last opportunities to observe a hunter-gatherer society that still lives in a traditional way”. Contudo, o contato recente com os brancos levou os Nukak a uma situação frágil de sobrevivência, como ainda destaca Marques.

Através dos relatos dos Hupd’äh, estes realmente mudavam com muita freqüência de lugar até a chegada dos missionários. Em um trecho do relato do Sr. Alberto:

> ***O Tukano, Ovídio, pai de Oséas, chegou pela primeira vez no sítio Somoh Dó, ensinando oração. Eu ainda era jovem. Nessa época, a gente não tinha ainda roupa, sal, rede, fósforo, terçado. Ovídio mandou os Hupd’äh vir mais para perto deles. Onde os Hupd’äh estavam morando, demorava 18 horas[20] caminhando. Era para os Hupd’äh morarem mais perto para Ovídio ensinar oração, e então os Tukano mandaram fazer só uma comunidade. Era na época do padre Norberto[21]. (Méhtih Sokwät/Alberto Pires)***

Somóh Dó (Irara Podre) é um sítio velho às margens do igarapé Yɨyɨw dëh, aproximadamente a duas horas de caminhada (no ritmo Hup, que é rápido e contínuo) em relação à beira do rio Tiquié, na direção de Barreira Alta. Este local foi cedido para o clã Sokwät Noh Kod Tëh d’äh (Filhos do Bico do Tukano) pelo clã afim Ya’am-Dúb-Tëh-D’äh (Filhos do Rabo de Onça). Os Hupd’äh do clã Sokwät- Nöh-Köd-Tëh-D’äh já prestavam serviços para os Tukano, do clã Turoponã de Barreira Alta muito antes do contato missionário, como irei abordar com mais detalhes no capítulo três. No entanto, a partir da intervenção “branca”, esse contato se intensificou. A promessa de uma escola e as possibilidades de acesso aos produtos industrializados que ela oferecia também atraiu os Hupd’äh, cada vez mais, para a beira do rio. No entanto, ainda que tenham se fixado em um único espaço territorial por muito tempo, no caso de Barreira Alta, a mobilidade dentro desse espaço continuou, como relata Alberto:

[20] Sr. Alberto informou 18 horas com o intuito de explicar que era longe de Barreira Alta, mas Somoh D’öh se distancia a 02 horas da comunidade ribeirinha.
[21] Tradução simultânea Crispiniano Dias Pires.

Chegaram a Barreira Alta, e Ermínio Marinho mandou os Hupd'äh fazer suas casas para morar (onde Sebastião mora hoje). Ali moraram 4 anos. Aí a esposa do Paulino ficou doida porque a Curupira[22] fez assim para ela. Ela morreu, e os Hupd'äh mudaram para onde o Mário está morando agora. Ali, a mãe de Mateus e Tancredo, Nazária[23] foi atingida pelo trovão e ela morreu. Os Hupd'äh ficaram com medo e mudaram mais para trás, onde é a comunidade Barreira II. Só Mário e Pedro continuaram ali mesmo (mais próximo do rio Tiquié- Barreira I)***. Era mais ou menos em 1998 quando isto aconteceu. (Méhtih Sokwät/Alberto Pires)***

Athias (1995, p. 126) sugere dois termos de mobilidade como instrumento de análise, traduzindo o "short mobility" e "long mobility" de Reid para "mobilidade logística" e mobilidade residencial, sendo "[...] o primeiro conceito estreitamente ligado a relações internas do grupo e as relações com seus vizinhos Tukano. O segundo diz respeito à mudança de todo um grupo, no caso dos Hupd'äh não está necessariamente ligado a melhor exploração dos recursos ambientais e sim às relações sociais que estes mantêm com seus vizinhos".

No caso de Barreira Alta, a mobilidade logística dos Hupd'äh é bastante intensa e se ampliou para a cidade. Como já foi mencionado neste trabalho, os Hupd'äh, apesar de residirem em uma comunidade ribeirinha Tukano, ainda utilizam os recursos de seu território, realizando incursões à mata para caçar, pescar em igarapés, coletar frutos, retirar cipós, como descrevo de acordo com minhas notas de campo na seção 1.2 deste capítulo, e podem permanecer um, dois, três ou mais dias no interior da floresta para depois retornar à comunidade. Às vezes, ficam por mais tempo, sobretudo no período de férias escolares e em períodos de fartura – de dezembro a, mais ou menos, maio/junho. Durante minha pesquisa de campo, no mês de janeiro de 2010, as famílias de Tancredo, Antonio e José ficaram morando em suas roças, a família de Moisés foi trabalhar por um mês para uma família Tukana, de Barreira Alta, que atualmente vive em Pari Cachoeira. Elias, José e Sebastião estavam em Nova Fundação, onde possuem parentes. Elias, inclusive, estava trabalhando na roça que possui nesta comunidade, de onde é a sua esposa. Em fevereiro, José e Martinho foram visitar

---

[22] "Döh-ãy" na língua Hup é uma entidade que habita a floresta. Para os Hupd'äh, é uma mulher com longo cabelo e tem os pés voltados para trás. De acordo com Luis da Camara Cascudo (1984, p. 114), a palavra Curupira, na mitologia indígena, significa "corpo de menino", que vem da abreviação: Curu (curumim) = menino mais pira = corpo. "Curupira é a mãe do mato, o gênio tutelar da floresta que se torna benéfico ou maléfico para os frequentadores desta, segundo cirscunstâncias e o comportamento dos próprios freqüentadores. Figuram-no como um menino de cabelos vermelhos, muito peludo por todo o corpo e com a particularidade de ter os pés virados para trás e ser privado de órgaõs sexuais".

[23] Mãe do pajé Mateus. Tancredo é seu filho mais jovem. Foi casada com Francisco Goes (clã Kog Keg). Após o falecimento de seu esposo casou-se novamente com Sr. Bibiano Dias (Ya'am Dub). Dessa união não houve filhos.

os seus parentes do clã Dög-Méh-Tëh-D'äh, em Santo Atanásio, retornando à Barreira somente em abril. Os professores Hupd'äh ainda aproveitam as férias para viajar até São Gabriel da Cachoeira, a fim de retirarem seus salários, de realizarem compras, de se divertirem na cidade, de resolverem questões burocráticas, de fazerem cursos promovidos pela Secretaria Municipal de Educação e de participarem de encontros promovidos pela FOIRN – Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro.

Reid (1979, p. 84) também aponta que a mobilidade Hup não é apenas de um sítio para outro, como costumavam realizar mais intensamente antes do contato, mas também dos lugares dentro de um mesmo sítio ou até mesmo de casa. *"...These annual renovations do not necessarily involve changes in the location of the settlement, but usually involve the rearrangement of the houses within the site, and their occupants"*. No entanto, considera que esta prática se tornou mais recorrente quando os Hupd'äh passaram a se fixar por mais tempo em uma mesma comunidade e com um número maior de pessoas. Estas mudanças de casa podem ocorrer por falecimento de um parente, por feitiços, por doenças. *"Every year or so, some or all the houses of every Hupd'äh settlement are reconstructed"*. É ainda bastante comum entre os Hupd'äh, não à toa suas casas dão a impressão de improviso, de que poderão mudar a qualquer momento mesmo residindo em uma comunidade há muito tempo, como é o caso de Barreira Alta, Taracuá-Igarapé, Nova Esperança e Santa Cruz, em que as casas são basicamente construídas de esteios de madeira, cobertas com folhas de paxiuba (*Socratea exorrhiza*) ou caranã (*Copernica cerifera*) e, por vezes, cercadas com cascas de ambaúba (*Cecropia peltata*).

Nova Fundação é um caso a parte, pois as casas foram construídas com auxílio dos missionários salesianos, sendo estas de pau-a-pique e cobertura de folhas de zinco. Mas, ainda assim, os Hupd'äh não deixam de queimá-la caso alguém da casa venha a falecer, construindo em seguida uma nova moradia em outro espaço. No entanto, os Hupd'äh almejam uma casa de pau a pique e com cobertura de folhas de zinco, pois ter uma casa semelhante as dos Tukano confere-lhes status de "civilizado". Os próprios Tukano, no momento de minha pesquisa, perguntaram-me por várias vezes o motivo pelo qual eu não escrevia um projeto para melhorar as casas dos Hupd'äh, pois "eles precisam se estabilizar" e "ter uma vida civilizada", não podem mais viver como "maku". Estas indagações dos Tukano são também incorporadas no discurso Hupd'äh, que desejam e solicitam, sempre que possível, umas folhas de zinco para a cobertura de suas casas, alegando que estas possuem maior durabilidade que

as folhas de caranã (*Copernica cerifera*), sendo que o caranã se desgasta em até 05 anos. Também consideram suas casas feias e atribuem beleza às casas de alvenaria, contudo, é interessante notar, pelo menos no caso de Nova Fundação, sendo que em Barreira Alta não há casas Hupd'äh com folhas de zinco, com exceção da casa 12 (ver croqui 1 da comunidade no segundo capítulo), que os Hupd'äh geralmente dormem em suas cozinhas cujas coberturas são de folhas de bananeira (pɨhɨt két), /alegando que "é mais fresco para dormir e dá para fazer fogueira".

1.2 Organização Econômica e de Subsistência em Barreira Alta – 2010

As principais atividades de subsistência em Barreira Alta, observadas no período de dezembro a abril de 2010, são a agricultura familiar, a caça, a pesca e a coleta de frutos do mato. Os homens trabalham na caçaria, sobretudo aqueles que possuem cachorro, principal "instrumento" de caça dos Hupd'äh nos dias de hoje, sendo que, principalmente antes de um contato mais intenso com os missionários salesianos (século XX) os Hupd'äh utilizavam, geralmente, o arco-e-flecha, embebidos de curare (*Strychnos toxifera)* e a zarabatana. No entanto, quando os homens caçam a noite o fazem com arco-e-flecha. Atualmente, somente os Hupd'äh da comunidade Santo Atanásio, localizada no igarapé Japu, dispõem do curare com mais facilidade e, inclusive, são eles que abastecem de curare os Hupd'äh do Tiquié, quando solicitado por estes. O contato entre Santo Atanásio e Barreira Alta, através das visitas entre seus parentes, possibilita o acesso ao curare. Algumas famílias Dög-Méh-Tëh-D'äh, clã de Santo Atanásio, que residem em Barreira Alta, adquirem curare quando vão visitar seus parentes nesta comunidade do Japu e vice-versa.

Durante minhas estadias na comunidade, entre 2004 e 2007, pude presenciar, em alguns momentos, a carne de caça como caititu, anta, cutia e uma única vez, durante o curso de Agentes Indígenas de Saúde Hupd'äh, em 2006, carne de tamanduá. Entre janeiro e abril de 2010, tive a oportunidade de adquirir carne de paca com os Hupd'äh de Barreira por três vezes, e com homens diferentes. Sabendo que eu estava na comunidade, um Hup de Santa Cruz, um pequeno povoado Hup próxima a Barreira Alta, localizada atrás de uma comunidade Desana, também foi me oferecer um pedaço deste tipo de caça, recebendo em troca tabaco, bolacha, 03 tacos de pilha, sabão, sabonete e arroz, conforme solicitado. Também cheguei a comer cotia em uma noite, durante estadia por três dias no interior da floresta, esta caçada com ajuda de Duque, o cachorro, que é considerado um bom caçador pelo seu dono.

Foto 01 - Moqueando carne de caça

No que se refere à escassez alimentar os Hupd’äh informaram que a maior dificuldade que se encontra é na aquisição diária de peixe e carne de caça. No entanto, a carne de caça é ainda mais difícil em relação à aquisição diária de peixes. Segundo um informante Hup, em Barreira, as famílias conseguem peixes diariamente, mas não o suficiente para alimentar a todos por isso faz-se muita mojeca (um caldo de água com farinha fina de mandioca – maçoca – ou com goma de tapioca e peixe), desta forma, rende mais a comida. Algumas famílias também possuem mais dificuldades que as outras na produção de mandioca por não terem roça o suficiente. Há famílias, por exemplo, que estão com a roça acabando de ser colhida e não possuem outra roça para iniciar a colheita, o resultado disto é fome, pois ficam sem beiju, mingau, farinha, manicoera – alimentos essenciais da dieta indígena do Alto Rio Negro. Com isto, acabam necessitando trabalhar na roça de outros, seja Tukano ou Hupd’äh, para conseguir mandioca.

Pesca

Em relação à pesca, os Hupd'äh comem peixes de igarapés e do rio Tiquié. Nos igarapés, quando o nível da água está mais baixo, utilizam timbó[24](*Tephrosia sinapu)* e anzóis, que adquirem mediante as trocas realizadas com os Tukano, profissionais de ongs e regatões. Somente as famílias que possuem canoa pescam no rio Tiquié, aquelas que não possuem, geralmente, pescam nos igarapés ou solicitam empréstimo de canoas para pescar no rio, onde também utilizam malhadeiras e anzóis. Os Hupd'äh de Barreira possuem a permissão dos Tukano para pescar no rio, em área delimitada, também permitida para os Tukano do grupo Turoponã, sendo que os limites de pesca ao longo do rio se dão a partir de onde começa uma comunidade e pouco antes de se iniciar outra. Geralmente os Hupd'äh comem piabas (*Leporinus friderici*), peixes com escamas, de pequeno porte, raramente ultrapassando os 20 cm. Segundo os Hupd'äh, essas piabas não crescem. Há também uns tipos de peixes ornamentais que os jovens pescam para comercializar com regatões. Tais produtos, não somente os peixes ornamentais, mas também breu e cipó, geralmente, são solicitados por comerciantes de Manaus. O tipo de breu mais solicitado pelos regatões e coletado pelos Hupd'äh se destina à construção de canoas, servindo como um tipo de vedante.

O limite de pesca no Tiquié pelos Hupd'äh de Barreira Alta é desde Uirapoço (ou Vira Poço), antiga comunidade dos Turoponã até um pouco antes da comunidade Desana de São Luiz. Neste trecho qualquer Hupd'äh de Barreira possui permissão para pescar. Caso transgridam esta regra, podem sofrer represálias das lideranças das comunidades ribeirinhas.

Utilizando malhadeiras, aqueles que a possuem[25], vão com suas pequenas canoas depositando as malhadeiras entre um ponto e outro na margem direita ou esquerda do rio, de forma que estas permaneçam submersas por um tempo, que é determinado pelo pescador. Geralmente os pescadores não deixam suas malhadeiras no rio da noite para o dia, alegando que os botos costumam rasgá-las, além da possibilidade de roubo por outros que passem pelo rio. Os Hupd'äh costumam também pescar com anzol, sobretudo em igarapés. Aqueles que possuem malhadeira, raramente, pescam com anzol no rio, mesmo o possuindo. As crianças e jovens também costumam pescar com suas iscas no porto da comunidade, na prainha que há

---

[24] Veneno utilizado para matar peixes por asfixia em igarapés.

[25] Levando em consideração que uma malhadeira de 1 dedo, para pegar peixes menores, custa em média 20,00 em São Gabriel da Cachoeira.

na margem esquerda, em frente a Barreira Alta e, algumas vezes, em lugares mais afastados, utilizando assim a canoa. Nem todos os homens costumam utilizar o rio para pescar, sobretudo aqueles que moram em Barreira II, por não possuírem canoas. Esses utilizam geralmente os garapés, sobretudo os mais velhos da comunidade.

Foto 02 - Pesca com malhadeira no médio rio Tiquié

Foto 03 - Pai e filha – pescaria no médio rio Tiquié

As mulheres[26] geralmente reclamam, informando que os homens saem para pescar, mas nem sempre conseguem peixes. Eu cheguei a presenciar, por muitas vezes, a reclamação da sogra e da esposa de um homem Hupd'äh de 30 anos quanto ao seu insucesso na pesca, sendo que ele saía para pescar todos os dias, mas quase sempre voltava sem nada, ou com pouco peixe, sendo insuficiente para a refeição da família. Em certa manhã de março, quando fui me banhar no rio, avistei um Hup chegando de sua pescaria, ele trazia apenas uma pequena piranha, pescada com malhadeira, para a primeira refeição de sua família, que consistia na esposa e três filhos pequenos. Neste mesmo mês, quando retornava da casa de uma família, encontrei com um casal que retornava da coleta de japurás, realizada nas margens do rio Tiquié, a esposa com um aturá carregado de japurás e o esposo com um cesto de peixes de porte médio. O casal estava muito feliz com o resultado do trabalho. No entanto, na maioria das vezes, durante meu trabalho de campo, observei que as famílias Hupd'äh geralmente comem piabas, sendo raros os peixes de médio porte. Por sua vez, as famílias Tukano em Barreira Alta, quase sempre, tinham peixes de médio porte para suas refeições diárias.

Os Tukano costumam atribuir a falta de peixe ao período que eles chamam de "constelação de jararaca", informando que os peixes entram no ânus desta cobra, por isso, há escassez de peixe. Alguns informaram que também pode ocorrer falta de peixes no mês de novembro. Os Hupd'äh informaram que há, em territórios Hupd'äh, lagos que ficam nos igarapés. Esses lagos são "as casas" dos peixes. Um informante do clã Ya'ám-Dúb disse que os Hupd'äh da comunidade de Taracuá-Igarapé, localizada também no Tiquié, podem pescar nesses lagos, embora seja área de pesca do clã Hup - Ya'ám Dúb, contudo os Hupd'äh de Taracuá-Igarapé, quando pretendem pescar em território Ya'ám-Dúb, comunicam, convidando os Ya'ám Dúb para a pescaria. Esses Hupd'äh, que o informante se refere, são os Sokwät do grupo local de Taracuá Igarapé, sendo que os Ya'ám-Dúb somente estão localizados em Barreira Alta, não havendo a dispersão desse clã em outros grupos locais ou regionais. De Barreira Alta, partindo para o interior do mato, também há lagos. No sítio velho (não há nome ou não me foi informado) do pajé de Barreira Alta, Sr. Mateus (clã Kög-Këg-Tëh-d'äh), há um lago com peixes grandes. Mas os velhos, já falecidos, benzeram o local no

[26] As mulheres também podem pescar nos igarapés durante suas incursões na mata, ou até mesmo, geralmente as jovens, no porto da comunidade. Pude participar de uma pescaria certa noite, onde as moças pescavam piabas na beira do rio com o auxílio de um mosquiteiro. Conseguimos encher meio pote de piabas.

passado, tornando a água doce e por isso os peixes daquele lago não morrem com timbó, somente se pescar com anzol, diz o informante.

As jovens, sobretudo as solteiras, também pescam em igarapés e na beira do rio, preparam os alimentos e também produzem aturas (cestos de cipó) para uso próprio e trocas. Em uma incursão à mata para coletar frutos, verifiquei que as filhas e o pai pescavam no igarapé. Em diversas ocasiões, sempre via um jovem casal saindo ou voltando da pescaria no rio, mas, em nenhum momento, presenciei uma mulher mais velha e casada saindo para pescar, sobretudo, porque as atividades cotidianas não lhes faltam, ocupando-lhes a maior parte do tempo. No entanto, as mulheres casadas e solteiras geralmente pescam em igarapés quando vão à mata com suas famílias. As jovens solteiras também podem ir pescar juntas na beira do rio. Com essas observações, posso dizer que a atividade de pesca não é uma tarefa estritamente destinada aos homens, como é a caça, no entanto, não é uma obrigação feminina como é para o homem. A pesca entre as mulheres é, sobretudo, um momento de descontração.

Os Hupd'äh costumam comer também maniuaras (do gênero Atta): um tipo de formiga[27], de cor avermelhada, cuja picada é muito dolorida; saúvas (do gênero Atta), um tipo de formiga alada; cogumelo preto; caruru (tipo de folha que brota naturalmente na roça). Segundo os Hupd'äh de Barreira Alta, hoje em dia, a escassez de alimentos pode ocorrer tanto em períodos do inverno (Soh dëh wág), quanto no de verão (Ki'wág). Por isso, é muito importante realizar o jurupari, "pois antigamente, quando os Hupd'äh faziam muito jurupari, sempre tinham comida, fruta, carne de caça", informa Elias. Para professor Moisés, tukano do clã Turoponã, "na época dos frutos do mato, quando eles – os Hupd'äh – vão coletar os frutos, fazem o jurupari para garantir a safra do ano seguinte" (caderno de campo 2010). O ritual do jurupari está estreitamente relacionado às coletas de frutos do mato. Mas não são em todas as coletas de frutos do mato, que os Hupd'äh realizam o Jurupari. Por outro lado, quando há um jurupari, necessariamente, ocorre o dabucuri (ritual de trocas), mas nem todos os dabucuris são realizados com o jurupari atualmente. Sobre o Jurupari e dabucuri, abordarei com mais detalhes na segunda seção do terceiro capítulo.

Geralmente, no mês de junho, ocorre o Aru, curto período de muito frio. Com o Aru, não tem peixe e nem animal de caça. Os animais de caça, por sentirem frio, escondem-se em toco-de-pau, e os peixes permanecem no fundo. Nesse período, os Hupd'äh também não vão à roça por mais ou menos 3 dias. O Aru, segundo os Hupd'äh, seria o "homem do gelo",

[27] Na região do Alto rio Negro a maniuara é conhecida como um tipo de cupim.

quando ele vem, leva tudo consigo: os frutos do mato, os animais, os insetos. Se ele pausa para um descanso, surge um pouco de sol, caso contrário o frio é constante, até que ele vá embora de vez. Aí, surge o sol, e as pessoas voltam às suas atividades normalmente, os animais saem dos tocos e os peixes sobem.

Breve descrição das relações de troca entre os Hupd'äh e os Regatões

Os homens costumam extrair cipó e breu, além de realizarem a venda de alguns tipos de produtos de suas roças e peixes ornamentais para a comercialização com os regatões, realizando, com os mesmos, a compra de produtos industrializados advindos da cidade como sabão, fósforo, anzol, pilhas, tabacos, sandálias e alimentos industrializados. Os regatões são comerciantes locais que sobem e descem os rios, negociando mercadorias com os indígenas.

Certa vez, vejo o barco do Candinho aportado na beira do rio Tiquié, na comunidade de Barreira Alta. Candinho é um Tukano do Tiquié que comercializa produtos dos indígenas deste rio, sobretudo dos Hupd'äh e Yuhuped (do igarapé Castanha), com a cidade de São Gabriel da Cachoeira. Os Hupd'äh já o esperavam, há algumas semanas. Quando Candinho chegou, foram logo a seu encontro a fim de trocar seus produtos pelos industrializados. Pedro e sua esposa, Alba, chegam com três aturás cheios de abacaxi e, após longo tempo de negociação com Candinho, a família consegue em troca dos três aturás, contendo no total 30 abacaxis: 1 pacote de macarrão, 1 pacote de arroz, 1 pacote de bolacha e 2 maços de fumo. O filho de Pedro, levou para trocar uma panela cheia de peixes ornamentais - que Candinho revende para comerciantes de Manaus - por um par de sandálias, 1 maço de fumo e 2 pacotes de salgadinho Militos. Pierina recebeu em troca de 1 aturá (cesto de carga) e 1 bati (um tipo de cesto raso), 2 kg de açúcar, 1 pacote de bolacha e 1 salgadinho militos.(anotações de caderno de campo 2010)

Os Hupd'äh alegam que os produtos comercializados por Candinho são mais caros, pois ele possui o trabalho de transportá-los até a comunidade, no entanto, a impressão que se tem é que os Hupd'äh saem prejudicados nesses tipos de negociação. No mesmo período, um comerciante da cidade de São Gabriel da Cachoeira, Cezário Velasques, chegou solicitando breu aos Hupd'äh. Enquanto Velasques aproveitava a ocasião para se dirigir ao Igarapé Castanho, rio Tiquié, para comercializar com os Yuhupdeh, os Hupd'äh foram para o mato em busca de breu, que se destinaria para a confecção de canoas em São Gabriel da Cachoeira.

Os homens levaram dois dias inteiros extraindo breu da mata para comercializar com Cezário. Segundo Jarbas, o comerciante propunha um pagamento de R$4,00 o kilo do breu. Alguns Hupd'äh conseguiram comercializar 17 kilos, levando em troca bacias, anzóis, fósforos, sabão entre outros itens. Neste caso, os Hupd'äh consideraram a negociação boa, no entanto, os produtos industrializados dos regatões são sempre mais caros, em relação ao que os regatões pagam aos Hupd'äh pela produção extrativista, o que os leva à condição de constantes devedores e, consequentemente, estabelecendo-se uma relação de dependência por parte dos Hupd'äh.

Foto 04 - Barco do Candinho no porto de Barreira Alta – médio rio Tiquié

Coletas de frutos

Mulheres, homens e crianças trabalham na coleta de frutos do mato, que pode ser "com rede", o que pressupõe acampamento por uma noite ou mais ou "sem rede", significando o retorno para a comunidade no mesmo dia. Entre fevereiro e abril, todas as famílias estavam ocupadas com a coleta de frutos do mato. Todos os dias homens e mulheres chegavam com aturás (cesto de carga) cheios de cunuri (pëd); Japurá (yawák), umari (pej), uirapixunas (dog), mais especificamente entre março e abril. Nesta época, as atividades de processamento de alimentos se duplicam, sendo bem vinda a ajuda de mais pessoas, fora do grupo de fogo, como das sogras e cunhadas. Geralmente, os núcleos domésticos (vide croqui

2 na seção 2.3 do segundo capítulo) se reúnem sempre que há muitas demandas em relação aos processamentos de alimentos em períodos de fartura dos frutos do mato.

No caso dos frutos como umari, come-se naturalmente. Em casos do cunuri[28], um fruto amargo e venenoso, é preciso primeiramente descascá-lo (homens, mulheres, crianças, idosos); depois, ralá-lo (geralmente as mulheres); em seguida, fervê-lo até que seque dois dedos na panela (geralmente as mulheres). Depois, pode-se acrescentar peixes/carne de caça/ caruru, ou somente pimenta ao creme do cunuri para comer com beiju. Neste período de fartura, todos os homens passavam parte do tempo perambulando pelo interior da floresta na coleta de frutos, aproveitando a ocasião para caçar e pescar também. Por vezes, o casal e filhos também se direcionavam ao mato para as atividades de coleta de frutos, pescaria em igarapés e caçaria, passando o dia todo no interior da floresta e somente retornando para a comunidade no final da tarde.

Foto 05 - Coleta de uirapixunas

Tive a oportunidade de passar um dia com uma família do clã Dög-Méh-Tëh-d'äh, coletando japurás. Saímos da comunidade por volta das 9h00 e retornamos às 17h00. Seguimos para o interior da mata. Pierina (filha do Sr. Alberto) junto com suas filhas, Doracina e Rosinha, seguiam com seus aturás (cesto de carga – vide foto 05), e seu marido, Tiago, com um terçado, caniço e anzol de pesca. O nosso destino era o igarapé Payá d'ëh, em

---

[28] Pë d (Cunuri) também é um nome de orientação feminino do clã Sokwät Nöh Köd T'ëh d'äh.

território Hup. Caminhamos por uma hora e meia, passando pelo igarapé Yiyiw dëh e, durante esse percurso, aproveitamos para colher os japurás que estavam caídos no chão. Chegando ao local, enquanto Tiago e sua filha mais velha, Doracina pescavam, eu, Pierina, Rosinha e a filha mais nova, Sônia, colhíamos os japurás, enchendo os cestos. A pesca não foi abundante, havendo somente alguns peixes pequenos. À tarde, Tiago fez fogo e Pierina assou os pequenos peixes. Nossa refeição foi peixe assado com beiju. Retornamos para a comunidade no final da tarde com dois aturás de japurás, um carregado por Pierina e outro por Doracina. Esses japurás foram fervidos, depois descascados. No dia seguinte, Tiago cavou um buraco fora de sua casa, o cobriu com folha de bananeira, e sua esposa, Miquelina, depositou os japurás nesse buraco. Em seguida, cobriu com folhas e tapou o buraco com terra. Esta iguaria, com um sabor que lembra queijo gorgonzola, é muito apreciada entre os povos indígenas da região, podendo também ser misturada com peixes ou carnes de caça.

Foto 06 – Coleta de Japurás

Foto 07 - Enterrando japurás descascados e cozidos

Foto 08 - Enterrando japurás descascados e cozidos

Em diferente ocasião, fui coletar japurás pelo rio Tiquié com uma família Ya'ám-Dúb-Tëh-D'äh, composta pelo filho mais velho (Ricardo) e sua esposa (Miquelina), sua mãe (Catarina), suas irmãs (Elena e Eliana), esposa do professor Moisés Marinho, que por sua vez é Tukano do clã Turoponã. A família possuía canoa, e a coleta ocorreu à tarde, durante um curto período. Todos coletavam os japurás que estavam caídos nas águas, Ricardo também aproveitou o momento para fixar sua malhadeira na boca do igarapé Payá, um pouco depois da comunidade de Barreira Alta, subindo o rio Tiquié. Enquanto a malhadeira permanecia submersa no rio, permanecemos colhendo os frutos. No retorno para a comunidade, Ricardo

foi retirar sua malhadeira, porém, nenhum peixe foi capturado. Paramos também para coletar umaris próximo a Barreira Alta, em território Turoponã, e em seguida, retornamos para a comunidade com os japurás e umaris. Quando chegamos a Barreira, avistamos o pai da esposa de Ricardo, Sr. Mateus (clã Kog-Këg-Tëh-d'äh), que é pajé, chegando do mato com sua esposa, Quintina (clã Mih-Pów-Tëh-d'äh) e sua filha menor Ângela. Eles passaram alguns dias no interior da floresta e retornaram com cestos de cunuris, umaris, japurás e carnes de caça moqueadas.

As crianças, a todo tempo, comem frutas: umari (péj), uirapixuna (dög), caju do mato (yahám), cacau do mato, ingá (mín), abiurana (pík); e também as frutas plantadas na própria comunidade como cupuaçu, mamão, uirapixuna, umari assim como as frutas que seus pais plantam nas roças: abacaxi e banana, sobretudo. Segundo os pais Hupd'äh, as crianças gostam muito de frutas e, quando não as têm, ficam tristes. Um professor Hup me disse certa vez que se ele não fosse contratado novamente como professor pela Secretaria Municipal de Educação, não haveria problema, pois se mudaria para a roça dele. Enfatizando que o mato tem tudo, informou-me que desta forma ele poderia sustentar melhor sua família e que seus filhos comeriam mais frutas, "porque eles gostam muito", destacou. O argumento do professor demonstrou que, apesar do salário e a aquisição de produtos industrializados serem recursos importantes, não são os únicos, pois há ainda uma alternativa: o mato.

As frutas das plantações não suprem as necessidades de todas as crianças de Barreira Alta, sendo que estas não são de utilidade coletiva, a produção varia de família para família, diferentemente das frutas do mato, sendo que todas as famílias costumam caminhar no interior da floresta, coletando frutos, inclusive com as crianças. Presenciei as crianças muito mais felizes e dispostas no período de dezembro a abril, momento em que realizei meu trabalho de campo. No entanto, em novembro de 2010, época em que passei uma semana pelo rio Tiquié e alguns dias em Barreira, a mudança era chocante. Pela falta de frutos e logicamente, pouquíssima disponibilidade de proteínas como peixes e carne de caça, as crianças estavam mais tristes e desanimadas. Os casos de diarréias seguidos de desnutrição eram muitos, sobretudo nas crianças entre 1 e 5 anos de idade. Algumas crianças que pude ver sorrir e brincar, entusiasmadas pela comunidade no início de 2010, acabei por presenciá-las sem forças, deitadas na rede, com expressão de desânimo, dada a fraqueza do corpo pela falta de alimentos, em novembro do mesmo ano.

Incursão ao interior da floresta "com rede" – passeio, caçaria e coleta de frutos

No dia 16 de março de 2010, realizei minha primeira incursão ao interior da floresta, com rede, a fim de acompanhar uma família Hupd'äh na realização de coletas de frutos do mato, que era o objetivo mencionado, tendo também a possibilidade de comer alguma carne de caça e peixes de igarapés, além de passear no mato, que para os Hupd'äh também significa um descanso da vida cotidiana na comunidade ribeirinha. Jarbas chegou a minha casa para me chamar pouco antes das 8h00. Professor Moisés apareceu oferecendo dois beijus para que eu pudesse levar. Acompanhei Jarbas até sua casa, onde Miquelina, sua esposa, arrumava tudo em um grande aturá (cesto de carga) para a viagem: rede, roupa, panela, farinha, beiju. Jarbas trouxe 02 caniços para a pesca. Vieram conosco duas crianças, sobrinhas de Miquelina, a filha de Vítor e a menor de Casemiro. Saímos quase 9h00, e todos já seguiam para suas roças. Os homens estavam saindo para o mato a fim de coletar japurás para o dabucuri de domingo, 21 de março. Passamos pela roça de Miquelina e depois pela de seu irmão Casemiro. Entramos na mata mais fechada, Jarbas abria o caminho com ajuda de seu terçado. Em 45 minutos, chegamos ao sítio velho Acará Poço (Döb dëh - no igarapé yiyiw-dëh), onde os Hupd'äh moraram antes de se transferirem para Barreira Alta. Após caminhar mais um pouco, paramos para colher cunuris. Miquelina os deixou protegidos sob as folhas para somente recolhê-los quando retornássemos do acampamento. Seguimos e depois paramos um pouco, próximo ao tapiri (pequena casa de acampamento Hup com esteios de madeira, coberta com folhas de bananeira) do Norberto, que estava dormindo ali por alguns dias, onde está abrindo sua nova roça. Continuamos a caminhada, e, mais ou menos às 11h15 chegamos ao acampamento, em território Sokwät-Nöh-Köd-Tëh-D'äh, mas também compartilhado pelos Ya'ám-Dúb, clã também afim do clã de Jarbas, Mih-Pów-Tëh-d'äh, que por sua vez é consanguíneo dos Ya'ám-Dúb. Enquanto Jarbas fincava os esteios no local do nosso acampamento, o cobrindo com uma lona, Miquelina pegava minhocas para pescar. Fomos também buscar água no igarapé. Com esta água, Jarbas preparou um xibé de maçoca (água misturada com farinha de mandioca branca e bem fina) enquanto me informava: "Lirian, estamos em território dos Sokwät, da minha esposa, mas também é dos Ya'ám-Dúb. Aqui os Wóh d'äh (Tukano) não andam, pois não conhecem a área Hup".

Para os Hupd'äh, esta demarcação do território entre Hupd'äh e Tukano é geralmente bem definida, sendo o interior do mato pertencente aos Hupd'äh e a beira do rio, aos Tukano.

No entanto, os Hupd'äh dizem conhecer bem a beira do rio, o território dos "Wöh d'äh", como costumam denominar os Tukano. Na visão Hupd'äh, os Tukano desconhecem o território dos Hupd'äh porque não andam no mato ou ainda "não sabem andar no mato", como costumam dizer. Embora os Hupd'äh digam, no dia-a-dia, que a área próxima ao rio pertence aos Tukano, durante o caxiri esse discurso geralmente é invertido, sendo comum, nesses momentos, ouvir dos Hupd'äh que o rio Tiquié também os pertence, pois foram eles que descobriram, contudo os Tukano "sovinam" a área ribeirinha e "escondem a verdade". Em relação aos Tukano, do grupo Turoponã, já ouvi destes que os Hupd'äh são os verdadeiros donos do rio Tiquié por terem chegado primeiro, mas durante o caxiri esse dicurso também é invertido, ou seja, no caxiri, os Turoponã dizem ser os verdadeiros donos, pois sempre viveram próximos ao rio, enquanto que os Hupd'äh sempre viveram mais para o interior do mato.

Nosso acampamento ficava bem próximo ao igarapé Yiyiw dëh. Segundo Jarbas, aquele lugar não tinha um nome, era um acampamento de caça, e o sítio velho mais próximo daquele local seria o Somóh Dó, mas ainda assim teríamos que andar por mais 1 hora, o que não era a intensão de Jarbas, pois a finalidade desta viagem era coletar uirapixunas, comer carne de caça e descançar.

Após atarmos nossas redes, Jarbas foi pescar no igarapé junto a sua esposa, e me pediu para permanecer com as duas crianças no acampamento. Na verdade, as duas crianças ficaram tomando conta de mim no acampamento, enquanto os adultos não chegavam. Após um tempo, Casemiro, irmão de Miquelina (Sokwät-Nöh-Köd-Tëh-D'äh) chegou com seu arco-e-flecha, caniço de pesca e seu cachorro, avisando que seu animal havia cercado uma cotia. Quando a cotia se sentiu acuada, entrando no tronco da árvore, ele a prendeu tapando o buraco. Nesse momento, enquanto a cotia se encontrava presa, Casemiro veio ao encontro de Jarbas, solicitando sua ajudara para matá-la. Enquanto Jarbas não chegava da pescaria, Casemiro aproveitou o momento para dar banho em sua filha, atando posteriormente sua rede. Como Jarbas e Miquelina demoravam, Casemiro resolveu sair a procurá-los.

Após um tempo, Miquelina retornou com um aturá com mais japurás e um bati – pá' na língua Hup (um cesto raso também chamado de balaio, confeccionado com cipó, o mesmo material de que é feito o aturá) – com três peixes mandubés e mais algumas piabas. Fiz uma farofa de sardinha para nossa merenda, que comemos com pimenta e beiju. Era 14h30. Após a refeição, Jarbas, Miquelina e Casemiro saíram para matar a cotia. Jarbas me pediu novamente

para que eu permanecesse no acampamento junto às crianças. Eu e as crianças aproveitamos o tempo para coletar japurás nos arredores do acampamento. Após o trabalho, fomos nos banhar no igarapé e em seguida comer bolacha na rede. Às 17h00, eles retornaram.

Miquelina vinha carregando a cotia dentro do aturá, Jarbas e Casemiro vinham atrás com seus cachorros caçadores, Duque e Pitoco. Jarbas fez o fogo e colocou água para ferver, em seguida, começou a depelar a cotia jogando água quente, tirou-lhe o bucho e depois a cortou em pedaços. Enquanto a cotia era cozida com água e pimenta, Miquelina preparou rapidamente uma quinhampira de peixe para a nossa refeição após o banho.

Quando já era noite, a cotia ficou pronta. Alimentamo-nos muito bem e ficamos felizes com a refeição fresca e saborosa. Depois, cada qual foi para sua rede, de onde permanecemos conversando. A fogueira ficou acesa próxima à rede de Miquelina, que cuidou do fogo durante toda a noite de maneira que este não se apagasse. O peixe, a cabeça e a costela da cotia ficaram moqueando (defumando). Jarbas colocou folhas por cima para proteger a comida dos cachorros Duque e Pitoco, que estavam sempre atentos a qualquer oportunidade de caçar nossa comida. Depois de divertidas conversas, dormimos, mas despertamos quase 23h00 com o grito de Miquelina, pois nosso acampamento havia desabado. O tronco de cima, que sustentava a lona quebrou de podre que estava, não suportando o peso das redes penduradas. Assim, Jarbas rapidamente foi buscar outro tronco nos arredores, e logo depois nosso acampamento estava firme novamente. Com o acampamento seguro, dormimos bem, na tranqüilidade da floresta. Despertamos às 6h30. Após o banho matinal no igarapé, realizamos nossa primeira refeição: quinhampira e mingau.

Jarbas, Miquelina e eu pegamos o caminho às 9h00 a fim de coletar Dög (uirapixuna). Desta vez, eu disse a Jarbas que gostaria de ir com eles, ao invés de continuar no acampamento. Então, dessa vez Casemiro ficou com as crianças. Andamos um pouco e atravessamos um pequeno igapó até chegar ao local onde havia uirapixuna. Miquelina passou primeiro com o seu grande aturá, depois Jarbas e, em seguida, eu, que tentava pisar exatamente onde eles pisavam. Seguimos pela trilha estreita. Segundo Jarbas, mais à frente havia outro acampamento Hupd'äh. Mais adiante se chegaria até Boy dëh (igarapé Traíra), território dos Ya'ám-Dúb-Tëh-D'äh, informa Jarbas. O igarapé Yiyiw, onde estávamos, é território dos Sokwät-Nöh-Köd-Tëh-D'äh, Jarbas reafirmou.

Com seu machado, Jarbas tirou uma lasca do tronco da árvore de uirapixuna a fim de averiguar se os frutos estavam bons de serem colhidos. Após o teste, subiu na árvore e cortou

os galhos para que eu e Miquelina começássemos a coletar as uirapixunas. Nesse momento, Duque começou a latir, Jarbas foi atrás para ver o que acontecia. O cachorro havia encontrado uma cotia, e Jarbas foi atrás para tentar caçá-la, mas infelizmente a cotia conseguiu escapar. Então, Jarbas retornou e se pôs a nos ajudar na coleta. Conseguimos encher um aturá grande e, após o trabalho, retornamos para o acampamento. Eram 14h00, quando começou a chover.

No retorno, Miquelina preparou uma quinhampira (água com peixe e pimenta cozidos) e comeu com a sua sobrinha e Jarbas, serviu também para mim, Casemiro e sua filha. Preparei arroz e sardinha e servi para Miquelina, sua sobrinha e Jarbas, assim como, para Casemiro e sua filha. Até mesmo na mata, os grupos de fogos (famílias nucleares) realizam as refeições separadamente uns dos outros (cada qual em um canto), muito embora o alimento seja compartilhado. Ali, havia dois grupos de fogo: Miquelina e Jarbas com a sobrinha (agregada); Casemiro, sua filha e eu, como convidada de Jarbas e Miquelina. Após a refeição, Miquelina cozinhou dög (uirapixunas) e saboreamos os frutinhos cozidos. Depois, Miquelina fez dög dëh, suco de uirapixuna que, após cozido, pila-se as frutinhas para depois coá-las no cumatá (peneira de arumã). Dög dëh é um suco verde muito saboroso.

Casemiro e Jarbas foram pescar, enquanto Miquelina, eu e as crianças coletávamos japurás (jawák) nos arredores e também os que flutuavam nas águas do igarapé. Após a coleta, encarregamo-nos de descascar os japurás, o que deixa o aturá mais leve na hora de carregar e já reduz o trabalho da família na comunidade. Casemiro e Jarbas voltaram frustrados, pois não haviam conseguido peixe para a nossa refeição noturna. A carne de cotia também já havia terminado. Eu havia informado que ainda tinha sardinhas. Miquelina disse a Jarbas que eu deveria prepará-las, pois as sardinhas eram minhas, assim, Jarbas me passou o recado. Assim, tentei fazer uma mojeca do enlatado (sardinha cozida com água e farinha) para a nossa janta, e depois cumpri as regras de oferecimento da comida, que é entregar na mão da mulher de cada grupo de fogo. Um “self service” foge totalmente às regras de etiqueta Hupd’äh e é sempre de bom tom experimentar a comida antes de servir ao outro. Oferecer uma refeição, sobretudo uma bebida como o caxiri, sem experimentar primeiro, é motivo de desconfianças da parte de quem recebe.

Comemos a mojeca de sardinha com beiju e depois bebemos Dög dëh. Ao anoitecer, caiu uma forte chuva com raios. Permanecemos em nosso acampamento, conversando em nossas redes até dormir.

Amanheceu chovendo e ficamos na rede até as 7h30. Após o banho, preparei

novamente mojeca de sardinha para nossa refeição matinal. Miquelina também cozinhou uirapixuna. Comemos a mojeca com beiju. Depois, comemos uirapixuna e bebemos suco de uirapixuna. Permanecemos ainda no acampamento até a chuva passar. Organizamos nossas coisas e começamos a nos preparar para o retorno à comunidade. Miquelina arrumou seu grande aturá com as uirapixunas, os japurás, roupas, rede, cipós e as panelas por cima. O aturá de Miquelina pesava em torno de 50kg, o de Jarbas era bem menor, também com uirapixunas e a lona do acampamento por cima. Eu carregava apenas minha mochila e uma panela.

Durante o percurso de volta, ouvimos as flautas do jurupari. Eram os homens que estavam voltando da coleta de japurás, no interior do mato, para a comunidade. Pelo caminho, apanhamos os cunuris que Miquelina havia coletado e guardado sob as folhas atrás de uma árvore em nossa ida. Também aproveitamos nossa caminhada de retorno para coletar jawák pög (japurás grandes) pelo chão. Jarbas, Miquelina, Ednéia e eu coletamos o suficiente para encher ainda mais o aturá de Jarbas e minha mochila. Depois, seguimos em frente. Para atravessar o igarapé Yiyiw dëh, Jarbas passou em nossa frente a fim de escolher um esteio firme e longo de forma que pudesse fincá-lo no igarapé para que Miquelina pudesse segurá-lo enquanto atravessasse o estreito tronco de árvore sobre o igarapé, pois estava com um aturá muito pesado. Jarbas ainda a ajudou, dando-lhe a mão. Depois, Ednéia, a sobrinha de Miquelina, passou sozinha pelo tronco tranquilamente. Em seguida, Casemiro passou com sua filha no colo. Eu tentei passar descalça (calçada é muito mais difícil) com minha mochila e a panela de Miquelina na mão, mas sem sucesso. Então, Jarbas teve que retornar e me dar a sua mão para que eu pudesse atravessar o igarapé com mais segurança. Assim, prosseguimos sem parar até chegarmos a Acará Poço, já território dos Turoponã (na perspectiva dos mesmos) ou, na perspectiva Hup, território do clã Hup: Kög-Kég Tëh d'äh (Descendentes do osso do macaco zogue-zogue). Segundo informações de Sr. Mateus, Acará Poço pertence ao clã, Kög-Kég Tëh d'äh, alegando que seu avô foi ali enterrado com o seu paricá e que, portanto, aquele local seria sagrado para os Kög Këg Tëh-d'äh.

Quando chegamos neste Móy Höd (sítio velho), Jarbas me informou que os Hupd'äh moraram ali pouco antes de seguirem para Barreira Alta. Foi naquele local que o pai do finado Mandu, Sr. Manoel, "enlouqueceu", "virou onça" e depois morreu envenenao por timbó, como os Hupd'äh e Tukano contam a história. Jarbas recordou naquele momento que, na época de sua infância, os velhos Hupd'äh faziam dabucuris e juruparis uma vez por semana, "era todo mundo alegre naquele tempo. Os velhos gostavam de festa", diz.

Continuamos a caminhada pela trilha Tukano e, já próximo à Barreira Alta, paramos para descansar. Miquelina trouxe um fruto silvestre para comermos chamado Páháy (não souberam me informar como se fala em português), muito saboroso, doce e amarelado. Após o descanso, seguimos em nossa caminhada até a casa de Jarbas, às 12h00. Passamos antes pela casa de Tancredo, do clã Kög-Këg-Tëh-d'äh, e depois pela casa de Vítor, irmão de Casemiro, em Barreira II[29]. Os homens, jovens e mais velhos ainda não haviam retornado do mato, da coleta de japurás. Na casa de Sr Antonio (Ya'ám-Dub-Tëh-D'äh) e sua esposa, Maria (Sokwät-Nöh-Köd-Tëh-D'äh) já preparava o caxiri para o dabucuri de domingo. Às 17h00, todos já haviam retornado de suas roças. As crianças estavam felizes, coletando uirapixunas (Dög) na própria comunidade, onde há vários pés plantados pelos Tukano desde a época em que povoaram o local.

Roças

Os homens, além das atividades de caça, pesca, extrativismo e construção das casas, fazem a abertura e queimada de roças. As mulheres e suas filhas plantam maniva, frutas e demais raízes, como cará, taioba, pimenta, batata, fazem a manutenção da roça e realizam a colheita. Como informa Athias (1995, p. 63): "o ato de derrubar uma roça é concebido pelos homens como uma prestação de serviço para a mulher e os filhos. As mulheres e filhos retribuem este serviço plantando alimentos para o corpo: mandioca, cana de açúcar, bananeiras, abacaxi, mamoeiros, várias espécies de cará. O homem planta os alimentos para o espírito". Percebi que os homens também ajudam suas esposas na primeira plantação de uma nova roça, caso as esposas não tenham, no momento, mulheres de sua família ou da família do marido para ajudar no trabalho, porém a colheita é realizada somente por mulheres. Apesar dos homens ajudarem suas esposas na primeira plantação de maniva de uma roça recém-queimada, não significa que o ato de plantá-las seja também trabalho de homem. Existe o discurso, não só entre os Hupd'äh, mas pelo menos entre a maioria dos grupos étnicos do Alto Rio Negro, de que o plantio das manivas é trabalho da mulher, inclusive são as mulheres que possuem autoridade para falar sobre os nomes das espécies das manivas. Se perguntar para um homem quais os tipos de manivas existentes em sua roça (sua e de sua esposa), ele logo responderá que não sabe, e que são as mulheres que possuem tal conhecimento. Geralmente

[29] Ver croqui da comunidade no segundo capítulo

dizem “A mulher que sabe”.

As mulheres são “donas” da roça, especificamente das roças de manivas. É importante enfatizar que os homens jovens e solteiros podem ter suas roças “particulares”, como costumam dizer, que geralmente são de frutas, no caso de Barreira Alta, de abacaxi. Ter uma roça particular seja um jovem solteiro ou uma jovem solteira é motivo de orgulho para a família, além de causar uma boa impressão aos afins que possivelmente venham realizar matrimônio no futuro. As moças solteiras de Barreira Alta costumam comentar se um jovem é bom para casar ou não, levando em consideração, sobretudo, se este costuma sair para pescar e/ou caçar e se ajuda seu pai na abertura e queimada de roças e, muito mais, se possui uma roça “particular”.

Apesar de um homem solteiro poder possuir uma roça de abacaxi, como já vi em Barreira Alta, nunca presenciei, nesta comunidade – e nem em nenhuma outra – o mesmo com uma roça particular de manivas, pois estas são, ideologicamente, das mulheres, sendo que o bom desenvolvimento das manivas está estreitamente relacionado à fertilidade feminina que, por sua vez, relaciona-se aos cuidados xamanísticos a partir da menarca.

Algumas mulheres Hupd’äh de Barreira Alta, além de cuidarem de suas roças, prestam serviços, trabalhando em roças dos Tukano de Barreira ou comunidades próximas, assim como também podem trabalhar em roças de Hupd’äh que possuem condições de lhes pagar o trabalho, seja com manivas ou produtos industrializados. As roças dos Tukano de Barreira Alta geralmente se localizam a margem esquerda do rio Tiquié, sendo assim, algumas mulheres utilizam a canoa para a travessia, que é relativamente curta, se comparada ao rio Uaupés (Pög-dëh - rio grande, na língua hup) [30]. . Em troca do trabalho, podem receber mandioca, manivas ou produtos industrializados. Os homens Hupd’äh ao trabalharem na abertura das roças dos Tukano, por exemplo, podem receber machados, terçados e roupas usados, além de sal, fósforo e tabaco como pagamento, a depender da negociação.

O trabalho cotidiano de uma mulher Hupd’äh, em Barreira Alta, consiste em ida a roça pela manhã, as sete ou oito da manhã, podendo retornar 12h00 ou mais tarde. Os Hupd’äh despertam entre quatro e cinco da manhã diariamente. Homem, mulher e filhos pequenos se banham juntos. O homem, a mulher ou os filhos maiores podem sair para pegar lenha. A mulher prepara o mingau, a manicoera e, se tiver peixe, prepara-se também a

---

[30] Ou ainda como o rio Uaupés é também chamado pelos Hupd’äh, Wóh-dëh- Rio dos Tukano. Não obstante, como informa Athias, os Tukano se referem ao rio Uaupés de “dyà pohsà” (rio dos Maku). (1995:69)

quinhampira ou mojeca, acompanhada sempre com beijú.

Antes de sair para o trabalho, “o grupo de fogo” faz a primeira refeição do dia em conjunto. Na maioria das vezes, os núcleos domésticos (vide croqui na seção 2.3 do segundo capítulo) compartilham os alimentos e a primeira refeição do dia. Na ida à roça, levam o aturá, na língua Hup: Máj, (cesto de carga), terçado (facão), quando possui, faca e fósforo. Se a família possui duas roças, geralmente a mulher vai primeiramente à roça nova, se for o caso desta necessitar de algum tipo de manutenção, como por exemplo, o trabalho de capinar. Somente depois, direciona-se à outra roça, com manivas já maduras ou possíveis de arrancar, para colher as mandiocas. Após colhê-las, guardam as manivas na sombra para o replantio posterior. Quando da época de plantio, após a abertura e queimada da área pelo homem, a mulher tem o trabalho de plantar as manivas. Neste primeiro plantio da roça, o homem também pode ajudar sua esposa. Muitas vezes, as Hupd’äh acabam colhendo as mandiocas antes da maturação, no entanto, os Hupd’äh informam que o tipo de terra influencia o crescimento das manivas. Dizem que, em área de mata virgem, que se encontra cada vez mais longe da comunidade, no mínimo a uma hora de caminhada, ou duas horas ida e volta, as mandiocas demoram mais para se desenvolver, mas crescem bem, o que já não ocorre com as capoeiras, onde as mandiocas se desenvolvem mais rápido, no entanto, são pequenas e ainda pode ocorrer de apodrecerem na terra, se deixarem para realizar a colheita após 1 ano.

Foto 09 - Partindo as manivas para o plantio

Foto 10 - Roça de mata virgem pronta para o plantio

Foto 11 – Plantio de Manivas

Foto 12 – Mulher Hupd'äh em sua roça de manivas

Foto 13 - Colheita

Após a colheita da mandioca, a mulher segue para a casa carregando nas costas um aturá (cesto de carga) pela metade ou cheio de mandiocas, dependendo da necessidade do dia. No caminho de volta, aproveita para banhar e lavar as mandiocas ao igarapé. Para se obter uma consistência diferente entre as raízes, pode-se deixar um aturá cheio delas submerso no igarapé por dias. Com este tipo de processamento da mandioca se faz o beiju mole e a farinha. Depois da lavagem das mandiocas no igarapé, continua-se o percurso de retorno à comunidade.

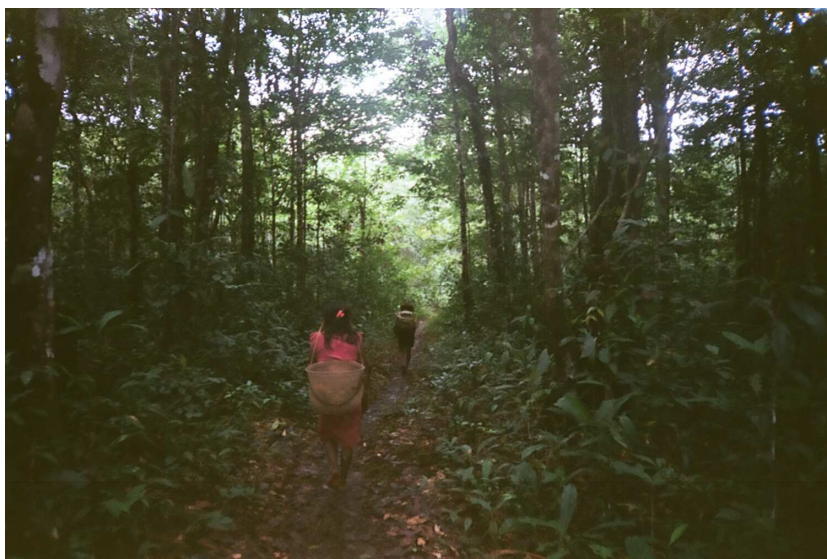



Foto 14 - Retornando para a comunidade

Chegando em casa, começa-se a descascar a raiz com faca ou colher, para depois começar a ralar a mandioca no ralador Baniwa, uma tábua retangular e côncava, de madeira, repleta de lascas de metal bem afiadas. Em seguida, a massa da mandioca ralada é depositada no cumatá, um artefato redondo feito de arumã que é apoiado em um tripé de madeira. Neste momento, a mulher despeja água na massa e retira boa parte do sumo pressionando a massa com as duas mãos sobre o cumatá.

Foto 15 - Processamento da mandioca

Em seguida, coloca-se a massa da mandioca dentro do tipiti (material com formato cumprido e cilíndrico feito de arumã). O tipiti possui dois anéis, um em sua parte superior e outro na inferior. Pendura-se sua parte superior na viga da casa e sua parte inferior em uma vara de madeira, onde a mulher senta pressionando o tipiti para baixo de forma que todo o sumo venenoso da mandioca seja retirado. Este sumo chama-se manicoera (língua geral), Kayák-dëh em Hup, que depois de bem fervida e retirada a espuma, pode ser consumido puro ou misturado a frutas. A manicoera é levemente adocicada e possui um sabor muito agradável.

Após retirar a massa da mandioca do tipiti, peneira-a para depois a pôr no forno, onde, dependendo da finalidade, torra-se a farinha ou se assa o beiju. Todo esse processamento da mandioca pode durar, em média, de 3 a 4 horas diárias, dependendo da quantidade. Se contabilizarmos o trabalho na roça e seu percurso, a mulher Hupd'äh gasta, em média, 7 horas por dia, trabalhando na roça e processando o alimento base.

Foto 16 – O Beijú

Foto 17 – Beijú pronto

Muitas vezes, o homem vai junto com sua esposa à roça. Em outros momentos, o homem sai junto com seu filho solteiro (ou filha solteira) para atividades de pesca ou caça, enquanto a mulher tem a ajuda de suas filhas ou filhos solteiros. Geralmente as crianças com até 06 anos ficam sob a guarda dos idosos e/ou irmãos maiores na comunidade, enquanto seus pais saem para o trabalho.

Durante minha pesquisa de campo, realizei um registro, para a organização não-governamental Saúde Sem Limites, sobre os tipos de maniva que os Hupd'äh possuem e ficou constatado, a partir dos dados coletados, até aquele momento (entre fevereiro e abril de 2010) que os Hupd'äh de Barreira Alta possuíam 71 tipos diferentes de manivas. Na maioria das vezes, as mulheres recebem as manivas de suas sogras, após o trabalho na roça. Também ganham algumas manivas de suas mães, quando casam. O casal, logo no início do casamento, possui poucas manivas e as vão adquirindo à medida que trabalham na roça – a mulher ajudando sua sogra, sua cunhada, ou ganhando de sua própria mãe. Também adquirem manivas com os Tukano, em troca de trabalho em suas roças, tanto o homem quanto a mulher. O homem, na abertura da roça, a mulher, no plantio. As mulheres também costumam trocar espécies de manivas, geralmente com as mulheres da própria comunidade, ou com seus parentes de outras comunidades. As manivas também são oferecidas em dabucuris. A família que não tem maniva pode pedi-la em troca de frutos do mato, por exemplo, caso a família que possa oferecer as manivas, também solicite frutos do mato ou o que necessitar no momento. Há Hupd'äh que também trabalham na roça de outros Hupd'äh em troca de manivas. A aquisição de manivas entre os Hupd'äh não está somente relacionada à troca de mulheres, mas também à prestação de serviços dos Hupd'äh para os Tukano, que possuem tipos variados da planta. Inclusive, a maioria dos nomes das manivas em língua Hup são traduções da língua Tukano. Não posso afirmar aqui que todas as manivas em língua Hup sejam traduções da língua Tukano, pois, para tanto, seria necessário um levantamento completo de todas as espécies de manivas conhecidas pelos Hupd'äh do Tiquié, Papuri e Japu.

Em Barreira Alta, no que se refere à quantidade de roça, constatou-se que, das 24 famílias entrevistadas, 6 não possuiam roça para comer no momento e 2 famílias não abriram roças novas. Em Barreira há 20 roças sendo colhidas e 36 a serem colhidas posteriormente. Há apenas 2 famílias com 2 roças em fase de colheita, o restante possui apenas 1. Em relação às roças com manivas em fase de crescimento, apenas 1 família possui 3 roças, 12 famílias possuem 2 roças e 9 apenas 1 roça.

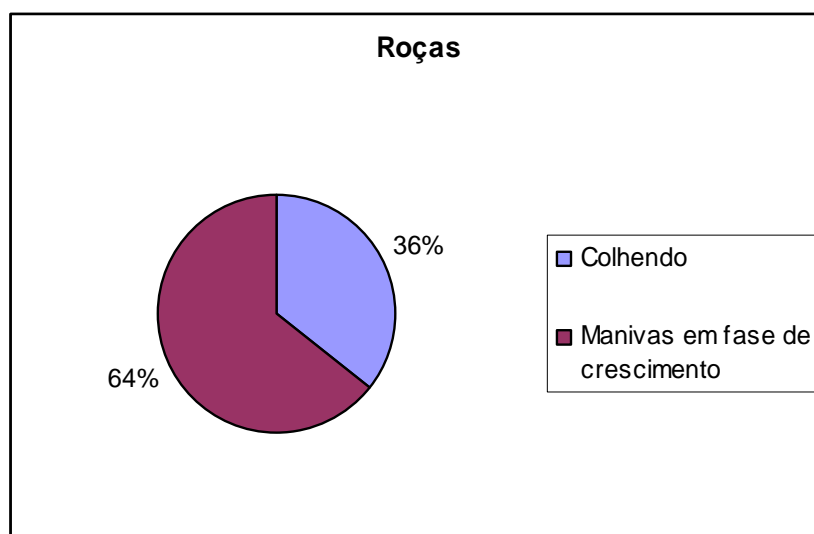



Gráfico 01 - Disponibilidade de roças Hupd'äh em Barreira Alta – 2010

Esses números apontam as dificuldades das famílias Hupd'äh na aquisição de roças em relação: a indisponibilidade de terras cultiváveis próximas à comunidade aonde residem, pois, cada vez mais, as famílias necessitam caminhar mais para o interior da mata para abrir roças, sendo que as terras situadas à margem direita do Tiquié pertencem ao clã Turoponã (Tukano); a falta de instrumentos de trabalho para o plantio, como terçados e machados e a falta de manivas para o plantio. A disponibilidade das melhores terras para o plantio entre os Hupd'äh também está associada à posição hierárquica dos clãs, que vai do irmão-maior ao irmão-menor. Ressalto aqui que não realizei um levantamento mais específico, durante meu trabalho de campo, em relação às posições espaciais das roças de acordo com o grau de parentesco, nem da distância de uma roça em relação à outra. No entanto, pude observar que geralmente as roças das famílias de um núcleo doméstico (ver croqui 2) são relativamente próximas umas das outras. Contudo, não é necessariamente uma regra.

-x-x-x-

A partir da descrição, com base nos dados de campo, apresentada na seção deste primeiro capítulo - levando em consideração a discussão na literatura etnológica a cerca dos Hupd'äh, é possível demonstrar que os Hupd'äh de Barreira Alta, mesmo residindo na comunidade Turoponã há cerca de 40 anos, ainda assim, continuam perambulando no interior

da floresta, realizando, além do cultivo de roças, as atividades de caça e coleta de frutos do mato, levando em consideração, sobretudo, o ritual do Jurupari. Ser caçador e coletor não exclui as atividades horticultoras e o ato de perambular no interior da floresta não é tão somente determinado pelo plano econômico ou por fatores ecológicos, mas, sobretudo, faz parte de uma visão de mundo, fundamentada também na mitologia de origem da humanidade – como será apresentada no próximo capítulo –, guiada por atitudes emocionais que permeiam toda a vida política, social e econômica do grupo e que constituem a mobilidade territorial Hupd'äh.

CAPÍTULO 2: ORGANIZAÇÃO SOCIAL: PARENTESCO, CASAMENTO, RESIDÊNCIA E TERRITORIALIDADE

A posição hierárquica da bacia do Uaupés fundamentada na mitologia, “enquanto um reflexo da estrutura social e das relações sociais” (LÉVI-STRAUSS, 2008, p. 222) de origem da humanidade, a partir da perspectiva Tukano, confere aos Hupd’äh a condição de “inferiores” ou “servos”, sendo chamado pelos Tukano de “Pohsa”, excluindo-os, sobretudo, das regras matrimoniais. Já os Hupd’äh, que denominam os Tukano de “Wöh-d’äh”, afirmam que no início todos viviam como irmãos na grande maloca Darayá e somente depois de uma briga, por causa das flautas do Jurupari, os Tukano os puniram, inferiorizando-os. Contudo a relação entre Hupd’äh e Tukano sempre foi bastante próxima, sendo que os primeiros sempre, ou há muito tempo, prestaram serviços aos segundos, estabelecendo assim, uma relação simbiótica, como sugeriu Ramos (1980).

A primeira seção do presente capítulo aborda como as relações entre organização social, política e econômica dos territórios estão imbricadas e justificadas no mito de origem da humanidade, oriunda do sistema sociocultural da bacia do Uaupés. Especificamente, trata, ainda que de forma breve, da relação entre a sociocosmologia uaupesina, que é articulada no ritual e na mitologia, com a hierarquia presente entre os grupos étnicos desta região de acordo com as fontes secundárias baseadas na perspectiva Tukano. Acrescento, a partir de anotações de campo que me foram possíveis sobre esse tema, a percepção Hupd’äh acerca da mitologia de origem e como esta se relaciona com a Tukano. No entanto, considero possuir poucos dados disponíveis sobre Hibáh Tëh d’äh pɨnɨg (história da origem da humanidade dos Hupd’äh), e que, não será possível aqui, uma discussão aprofundada da mitologia de origem sob a ótica Hupd’äh. Na segunda seção, a partir das perspectivas Tukano e Hupd’äh, trato do que vem a ser um casamento ideal, a definição de grupos regionais, locais e de fogo Hupd’äh na literatura etnológica, e da relação dos clãs Hupd’äh, a partir do grupo local, com o território. Na terceira seção, apresento a organização social de Barreira Alta em 2010, com base nos diagramas genealógicos domiciliares bem como diagramas genealógicos por núcleos domésticos.

Mapa 02 - Comunidades indígenas do Tiquié - Fonte: Mapa-livro ISA

2.1 Os Hupd'äh no Sistema Sóciocosmológico da Bacia do Uaupés

De acordo com Aloísio Cabalzar (2000) e Renato Athias (2006) os povos indígenas do noroeste amazônico têm, como uma das características comuns, a sua história de origem: todos se referem a uma rica mitologia da Cobra Ancestral, que é a Canoa da Transformação ou Canoa de Fermentação[31]. Segundo me informou um homem Tukano (em 2004), a pessoa que vai guiando esta canoa pela proa, indicando o caminho, é um Maku. Por isso eles são bons guias, pois conhecem bem o caminho, conclui. Em outra versão deste mito, foram os Maku, os últimos a saírem da "Canoa de Transformação". No entanto, Athias (comunicação pessoal) informa que os Hupd'äh, em sua mitologia de origem dizem não fazer parte da "Canoa de Transformação". Inclusive, de acordo com seus dados de campo apresentados em sua tese de doutorado, acrescenta a informação de um Hupd'äh da comunidade de Nova Esperança (Böidëh) – localizada no médio Tiquié, atrás de uma comunidade dos Desano – acerca da origem dos Hupd'äh "*nossos Antepassados estavam embaixo das águas acocorados. Depois eles sairam todos debaixo das águas*" (ATHIAS, 1995, p. 68). Como aponta Andrello, segundo uma das versões Tukano da mitologia da Cobra da Transformação, os Hupd'äh não viajam no interior da cobra, assim como os outros grupos, inclusive os Brancos.

> No ventre da cobra, estavam os seguintes viajantes: Ye'parã ou Ye'pã-masa, o ancestral dos Tukano; Tõ'rãki-bo'teã, o dos Desana; Pirõ-masa, o dos Pira-Tapuia; Kõreãgi, o dos Arapasso; Di'ikãhági, o dos Tuyuka; Bekagi, o dos Baniwa; Barêgi e Pe'târi, os ancestrais dos Baré, e Pekâsi, o dos brancos. O ancestral dos Hupd'äh vinha pelo lado de fora e retirava sua força de vida da espuma produzida pelo deslizar da cobra. (ANDRELLO, 2006, p. 372)

Em Barreira Alta, alguns Hupd'äh – sobretudo os mais jovens, abaixo de 60 anos – apropriaram-se da mitologia de origem Tukano, informando que vieram na Canoa de Transformação[32], e inclusive há uma tradução da língua Tukano para a Hupd'äh a respeito desta origem da humanidade assim como para várias outras histórias. Importante lembrar que os Kákwa, que fazem parte da mesma família linguística dos Hupd'äh, possuindo também contato entre eles, ainda que esporádicos, dizem vir da "Serpente-canoa", de acordo com

---

[31] Pa'mɨri Yukusé

[32] Considero que para ter mais certeza sobre essa apropriação da mitologia de origem tukano por todos os jovens Hupd'äh de Barreira Alta seria necessária, a fluência na língua Hup pela pesquisadora para uma compreensão mais profunda.

Silverwood-Cope, como o leitor poderá examinar mais adiante. O que os Tukano chamam de Pamɨri Yɨhkɨsé, os Hupd'äh chamam de Hibáh (nascimento) Hoh-Tëg (canoa), que é diferente do Hibáh Höd Tëg (Buraco do nascimento) e de Hibáh Tëh d'äh[33], que segundo o dicionário Hup-Português (2005) significa os primeiros humanos que surgiram das casas de transformação. De acordo com Sr. Rafael Marinho, há uma serra chamada "Serra dos Maku", onde os Hupd'äh se transformaram em humanos, "*por isso que na hora de benzimento, quando eles (hupd'äh) pedem para eu benzer, eu tenho que contar a história desde essa serra*", conta.[34] Meu informante, Ricardo, confirma posteriormente, mostrando-me a serra localizada no rio Uaupés (durante uma viagem nossa do Tiquié para São Gabriel da Cachoeira), denominando-a "Húp Páç" (serra de pessoa). Pergunto a Ricardo em que sentido – sendo que Hup, às vezes, pode ser utilizado para designar um indivíduo não necessariamente pertencente ao grupo étnico "Hupd'äh" –, então, Ricardo me esclarece que foi Hibáh Tëh ĩh que parou neste local para criar o mundo, comendo ipadu e fumando. Segundo Ricardo, seu sogro, o pajé Mateus, e seu pai, Sr. Joaquim, dizem que os Hupd'äh brotaram desta serra já como seres humanos. Importante acrescentar que a viagem da "Cobra de Fermentação" se dá no início, quando os seres ainda não possuem forma humana.

O xamã Hupd'äh Mateus contando-me, certa vez, durante uma conversa à noite em sua casa (2010), sobre suas viagens para outros mundos através de seus sonhos, informa que vê em seu sonho o Tëh Säg Páç (serra de iniciação) – não tenho certeza se esta serra seria o local onde os Hupd'äh brotaram como seres humanos, ou se é o local que os Hupd'äh, já humanos na forma física, receberiam de Hibáh Tëh ĩh seus bens culturais (materiais e imateriais) – que se localiza no igarapé Machado, afluente do Samaúma, no rio Tiquié. Quando Sr. Mateus chega nesta serra, consegue avistar a serra do Cabari. Esta serra é o fim do mundo, na concepção Hupd'äh. É também o caminho do espírito, para onde vão os mortos, onde há uma árvore bem grande caída[35]. Durante o sonho, ele mergulhou nessa árvore e chegou ao outro mundo. Segundo Ricardo, para "nós é rio, mas o pajé vê como árvore", e ainda diz "embaixo do rio tem terra". Esta serra do Cabari se localiza no Uaupés, no entanto, não se trata da Hup Páç apontada por Ricardo, nem da Serra dos Maku que Sr. Marinho se

---

[33] Hibáh também significa "brotar", que é diferente de fermentar/transformar, como sugere a palavra Tukano "Yɨhkɨsé"

[34] Sr. Rafael Marinho é muito solicitado entre as mães Hupd'äh no benzimento de suas crianças enfermas, reconhecendo nele "um bom benzedor". Presenciei três mães, de diferentes clãs, levando seus filhos pequenos, que estavam doentes, para serem tratados pelo Sr. Rafael Marinho.

[35] Para os Hupd'äh, Säw e Sëwëw (heróis culturais) são os personagens míticos que derrubaram esta árvore (Dëh Tëg), dando origem aos rios e oceano. Säw cuida do leste e Sëwëw do oeste.

referiu. Da mesma forma, a “Tëg Säg Páç” (serra de iniciação) informada por Sr Mateus não deve ser a mesma que a Hup Páç informada por Ricardo, sendo que uma está no Tiquié e a outra, no Uaupés. Portanto, será necessário conversar mais vezes com os Hupd’äh a respeito destas serras informadas, para se fazer um estudo mais cuidadoso futuramente.

Os relatos de Sr Mateus sobre seus sonhos, como acrescentou Ricardo, “são sonhos de pajé”, não se referiram à cobra canoa em nenhum momento, como geralmente os Tukano e alguns Hupd’äh mais jovens mencionam. Contudo, Sr. Mateus vai compartilhar da história, que é comum se ouvir no Rio Negro, sobre o Lago de Leite para explicar a relação assimétrica entre Tukano e Hupd’äh, e de ambos em relação ao branco, como veremos pouco mais adiante.

Reid (1979, p. 289) aponta, no mito de origem da humanidade, o caráter ambíguo da relação: grau de parentesco/poder, e como este exerce uma forte influência na relação hierárquica da bacia do Uaupés, seguindo a ordem Branco-Tukano-Hupd’äh, sendo que, para os indígenas da região, os “brancos” são considerados superiores em relação aos demais, e os Tukano, considerados superiores aos Hupd’äh. Para tal relação assimétrica ,Viveiros de Castro (2002, p. 204) vai fundamentar sua origem, de acordo com a percepção dos grupos indígenas em relação aos brancos, no princípio da má escolha. Para os Hupd’äh, são eles, os primeiros a sair do Hib’àh Höd[36] (buraco de nascimento), sendo os irmãos mais velhos, no entanto, os menos poderosos. Em seguida saem os índios ribeirinhos, considerados irmãos mais novos e poderosos e, finalmente, saem os brancos, os mais novos dos irmãos e ainda mais poderosos.

> Whites were the last people to emerge from their imersion in the Hibah Hodn – birht hole – and were thus both the youngest brothers and technologically and spiritually most powefull of all three groups. The deliberately ambiguous sequence Hupdu- oldest brother but least powerful, river Indian- youger brohter but more powerful, is completed by the appearance of the Teng Hoidu[37]; as yougest brothers but most powerful, and is born out by the facts of the situation in the Vaupés today. (REID, 1979, p. 289).

---

[36] Durante minha pesquisa de campo os Hupd’äh mais jovens falavam “Hibah höh-tëg”. A tradução seria mais ou menos Canoa de nascimento. Um certo Hup me informou que não seria bem nascimento, mas não soube achar uma palavra que correspondesse. Disse ser mais ou menos como “brotar”. Provavelmente este nome Hibah höh tëg seja uma tradução do Tukano para o Hup, e não exatamente como os Hupd’äh (mais velhos) se referem. Quando perguntei aos mais velhos sobre Hibah höh tëg pɨnɨg, estes disseram desconhecer sobre o assunto. Para tanto proponho investigar futuramente.

[37] A partir da grafia Hup proposta pelo lingüista Henri Ramirez, Tëg-ho d’äh é como os Hupd’äh denominam os “brancos”. Tëg-ho ih: branco; tëg-ho ay: branca. Tëg=lenha; hó=queimar, Tëg-ho =fogo; d’äh é o plural.

De acordo com uma breve informação sobre o Hibáh Tëh D'äh pɨnɨg (história de origem da humanidade), de Sr. Mateus, houve um momento da história[38] em que todos os povos estavam no Puréh Móh (Lago de Leite), ali, todos deveriam se banhar. Os Hupd'äh eram os primeiros da fila, mas ficaram com medo de entrar na água, pois esta borbulhava, por isso, ficaram entre os últimos. Os Brancos (Tëg-ho d'äh = fogos), que eram os últimos da fila, correram e mergulharam primeiro, por isso ficaram com a pele branca, eles também escolheram a espingarda (tëg-ho-tëg). Os Tukano correram em seguida para mergulhar. Os Hupd'äh foram os penúltimos a entrar no lago, quando saíram, escolheram a zarabatana, o arco-e-flecha e o aturá. Os negros (Tɨh s'á) foram os últimos, como não tinha mais água no lago, passaram cinzas no corpo, por isso ficaram negros.

Athias e Chagas tratam da história de origem da Humanidade sob a perspectiva dos Waikhana, grupo étnico dos Tukano Orientais. A narrativa "O Universo é uma Grande Maloca Para Dançar - Mitologia dos Povos Indígenas do Rio Negro", publicada num blog em 2010, soma-se à informação do xamã Hup, Sr. Mateus.

> Outro fato que merece realce é o aparecimento do homem "branco". No princípio, todos que estavam na Cobra-Canoa eram iguais na fala e na cor. Após a saída do **Pa'miri Masã**, o "buraco de emersão", na cachoeira de Ipanoré, começou a entrar em ebulição semelhante a um grande caldeirão de breu ou de asfalto. O Trovão ordenou que alguém caísse dentro do caldeirão borbulhante. Dentre eles, houve um que tinha coragem e ele caiu dentro e desapareceu. E outros pensaram que o arrojado indivíduo debaixo do breu quente não escaparia ao cozimento. Passados alguns minutos veio à tona todo transformado, esbranquiçado. Mudou a cor de pele, de cabelos, de olhos, talvez até o pensamento. O ancestral dos Waikhana não teve coragem de cair dentro do caldeirão, todavia, molhou as palmas das mãos e as palmas dos pés. Continuou com a mesma cor. O Trovão deu para o ancestral dos brancos uma espingarda, o símbolo de poder, de conquista, de guerra e de riqueza (http://renatoathias.blogspot.com; acesso em junho/10).

Para os Hupd'äh é bastante comum ouvir a versão Tukano, sobretudo nas noites de caxiri, que eles, os Hupd'äh eram os primeiros, os irmãos maiores, mas pela punição do criador ou ainda, por "inveja dos Tukano" eles ficaram os últimos (princípio da inversão). Peter Silverwood-Cope, em seu estudo sobre a cosmologia Bara-Maku, conhecidos atualmente como Kákwa, retrata, a partir de seu trabalho de campo entre 1968 a 1970, a

[38] Esta história se refere a um acontecimento posterior a viagem da Cobra Canoa. Sr Mateus, Sr. Alberto e Sr. Antonio informaram não saber da história da Cobra canoa (Hibáh Höh Tëg/ Canoa de Nascimento).

concepção da criação na perspectiva Kákwa[39]:

> Quando Idn Kamni criou gente, os Makú eram os chefes, os irmãos mais velhos. Abaixo deles vinham os Índios do Rio, os irmãos mais moços. Idn Kamni veio e ofereceu um ornamento de dança ritual de conchas de caramujos ao irmão mais velho. O irmão mais velho estava segurando sua zarabatana e seu estojo de setas. O irmão mais velho não quis deixá-los e não pegou o ornamento ritual. Idn Kamni ofereceu o ornamento ao irmão mais moço que o aceitou. Idn Kamni então revirou a língua do irmão mais velho e o fez falar outra língua e lhe disse que ele passaria a ser Makú e viveria na mata e que o irmão mais moço, o índio do Rio, possuiria os Makú como servos. (SILVERWOOD-COPE, 1990, p. 73).

Neste trecho da versão Kákwa do mito, percebe-se que a língua passa a ser um fator distintivo a partir da punição do demiurgo em conjunto com a localização geográfica e posição social, assim como na versão Hupd'äh, os artefatos possuem um fator distintivo significativo, tanto que os Hupd'äh chamam o homem branco de Tëg-ho ɨh, ou a mulher branca de Tëg-ho ãy (Tëg-ho também pode ser traduzido como "atirar"). Marta Azevedo acentua a base hierárquica uaupesina a relacionando à geografia e ao sistema de parentesco a partir do mito da Cobra-grande, em que, conforme a cobra descia o Rio Uaupés e depois o Rio Negro "em cada parada nascia o primeiro homem de sua etnia e seu cunhado, gerando assim a seqüência de ancestrais hierarquicamente organizados, o que traceja a fórmula da exogamia lingüística" (2002: 2). Tal referência é registrada por Silverwood-Cope (1990, p. 140) a partir dos relatos sobre a Criação dos Kákwa, como: "O primeiro Povo saiu na Canoa da Serpente, veio para todos os lugares no rio Esquilo, depois subiu para as cachoeiras Pimenta. O Primeiro Povo subiu da Canoa da Serpente e cada tribo tinha o seu lugar na Terra e cada clã também".

O autor ainda descreve que a Canoa da Serpente ou Serpente-Canoa[40], sobe o rio do Veado, conhecido como rio Uaupés, sobe o rio Água Preta, referindo-se ao rio Papuri e entra no rio Esquilo, também conhecido como rio Macu-paraná. Aqui, quando os Maku saem da Canoa-Serpente Idn Kamni[41], o demiurgo, oferece a eles o sangue do umbigo do Sol, e cada Maku lambe um pouco desse sangue[42]. Por este motivo, os Maku possuem uma língua que fere, sendo assim os índios do rio têm medo da maldição Maku (SILVERWOOD-COPE,

---

[39] Os Kakwa vivem nos tributários do Macu-paraná, um afluente do rio Papuri , em território Colombiano.
[40] Uma das denominações da Canoa da Transformação
[41] Para os Hupd'äh o demiurgo é chamado de K'ég Tëh.
[42] Inclusive há um clã Hup que também é chamado de "lambe-sangue", pelo hábito de lamber um pouco o sangue após matar sua vítima. Isto era mais comum no passado (s'ám y⟩').

1990, p. 140), que também são considerados peritos em magia negra pelos índios ribeirinhos (RAMOS, 1980).

O relato do Sr. Rafael Marinho, pertencente ao clã Turoponã, corrobora com a idéia de que os Hupd'äh vieram juntos aos outros grupos étnicos na canoa de transformação ou cobra grande, que Sr. Rafael chama de Pamiri Yihkisé. No entanto, "Deus não permitiu" que os Hupd'äh fossem os primeiros a sair, sendo assim, foram os últimos e a eles coube o interior da mata, de acordo com o argumento de Sr. Marinho.

> ***Eles os Hupdah, o primeiro dessas canoa grande, ele já tinha vindo com a gente. Eles que eram primeiros cabeça, que ia sair. Como Deus não quis que eles ficassem o primeiro, então ele proibiu e mandou sair os Tukano, Dessano, Tuyuka, Piratapuia. Ele deixou essas turmas, por isso que eles ficaram os últimos. Ele deixou para morar na beira para os Tukano, Dessano e enfim, ele deixou para os Hupdah morar no meio do mato. Aí que eles ficaram morando. Ele já veio do início junto mesmo, do Pam←ri Y←hk←s←, por isso ninguém pode distinguir com eles. Não é que agora, nosso irmão, nosso parente já tá casando agora com eles? Como nós, nossos filhos, nossos sobrinhos já casam com brancas, caboclas, mestiças. É assim agora, não tem mais distinção, como dizem esses políticos, né? (Yesemi Turoponã/Rafael Marinho)***

De acordo com informações de alguns Hupd'äh, se hoje existe uma relação assimétrica entre eles e os Tukano, foi por causa das flautas do Jurupari. Segundo eles, nos primórdios houve uma briga entre Tukano e Hupd'äh, o que resultou na separação desses grupos étnicos. Como já informado, no início os Hupd'äh e Tukano viviam como irmãos em uma grande maloca chamada Darayá. Sr. Alberto afirmou por várias vezes que eram como irmãos, viviam juntos e faziam festas juntos. No entanto, essa informação, sobre a grande maloca Darayá, merece um estudo mais aprofundado no futuro, uma vez que não é comum os Hupd'äh fazerem menção a tal maloca. Contudo, a partir desse relato, é possível averiguar o princípio da inversão na perspectiva Hupd'äh, sendo que para estes, Hupd'äh e Tukano eram iguais, "viviam como irmãos", mas pelo fato dos primeiros declararem aos segundos durante uma festa de caxiri que suas flautas "zoavam mais alto"no sentido de serem melhores/superiores, houve a briga por causa "da inveja dos Tukano" e, consequentemente, a separação entre Hupd'äh e Tukano, inclusive territorial, tornando os segundos superiores em relação aos primeiros.

2.2 Organização Social: Os Clãs Hupd'äh, Casamento e Grupo Local

Segundo Alexandra Ainkhenvald (2003) e Renato Athias (2006), na visão dos Tukano, os Hupd'äh, por seus hábitos de viverem no interior da floresta e por se casarem com pessoas que falam a mesma língua, não são considerados como pessoas, e sim "pohsá" na língua Tukano, traduzido para o português como "**gente estragada**". Notei que os Hupd'äh chamam o rio Tiquié de Dëh Póh e os Tukano, sobretudo os mais velhos (acima de 60 anos), chamam os Hupd'äh de Pohsa, sendo "sa", na língua Tukano traduzido para "gente", como Mahsa (gente da terra: mah – terra; sa – gente) e Pehkasa para designar os "brancos". Para o termo Poh na língua Hup e na língua Tukano, não obtive tradução para o português. No entanto, uma das palavras Póh na língua hup significa "fermentar", contudo, não posso afirmar ainda que Póh, no sentido de fermentar, seja o mesmo atribuído à denominação do rio Tiquié.

Os Tukano, principalmente os mais jovens , chamam os homens Hupd'äh de "peoná" e as mulheres de "peogó". Segundo ouvi dos Hupd'äh de Barreira Alta, o termo "peoná" e "peogó" são considerados "nomes feios", pelos quais os Hupd'äh não gostam de ser chamados, da mesma forma que não aceitam ser chamados de "Maku", considerando uma ofensa. Já os Hupd'äh chamam os Tukano de Wòh d'äh, no plural. Os homens são wòh ɨh e as mulheres wòh ãy, no entanto, não foi possível confirmar o significado do termo "Woh", pois os Hupd'äh disseram desconhecer o sentido em português. Contudo, os Hupd'äh chamam certo clã Tukano de Woh-Käwäg-Tëh-d'äh, que segundo a tradução de um informante Hup significa "Descendentes do olho do sapo" (ou de um tipo de sapo), sendo Käwäg (olho), Tëh-d'äh (filhos/descendentes) e, nesse caso Woh = sapo, no entanto, ainda não foi possível confirmar o real significado do termo Wòh em relação aos Tukano em geral.

Jackson (1983, p. 151) expõe que para os Tukano, os Maku possuem um comportamento impróprio também por não observarem os tabus alimentares, pois comem cobras, bichos preguiças, ratos e abutres. Assim como, também não sabem pescar nem navegar pelo rio, não sabem cultivar roça e nem construir casas e ainda casam com suas irmãs. Nesta perspectiva, os índios do rio atribuem aos Maku um caráter não-humano, ou ainda, como aponta Silverwood-Cope (1990), para os índios do Rio, os Maku se encontram na ordem mais inferior da hierarquia, podendo, até mesmo, serem igualados à categoria dos animais.

Ainkhenvald (2003, p. 2) aponta que os Maku, por casarem com pessoas da mesma língua, tendem a ser monolíngues, enquanto os outros grupos linguísticos, por se casarem com pessoas de diferentes línguas, são multilingues. No entanto, de acordo com minhas observações, não é o que geralmente ocorre, uma vez que os Hupd'ah, tanto homem quanto mulher, por prestarem serviço aos Tukano em uma relação bastante próxima, além de sua própria língua, falam fluentemente a língua Tukano. Portanto, os Hupd'ah são multilíngües, mas, como aponta Pozzobon (1991, p. 164), o multilinguismo seria unilateral, pois, enquanto os Hupd'ah falam a língua dos índios ribeirinhos, o contrário não ocorre – pelo fato dos Tukano considerarem a língua daqueles, "bestial e ridícula".

Para os Tukano, é considerado como casamento ideal, aquele baseado na exogamia linguística, enquanto para os Hupd'äh o ideal é a exogamia clânica, sendo que os casamentos ocorrem entre clãs, que são os grupos de descendência patrilinear e preferencialmente patrilocal. Por este motivo, os Hupd'äh não se percebem incestuosos como os Tukano os definem. Pode-se dizer ainda que os Hupd'äh realizam também casamentos baseados na exogamia lingüística, sendo que estes também casam com os grupos étnicos Yuhup, Kákwa e Däw, embora não seja freqüente. De acordo com Cabalzar:

> [...] observa-se que a estrutura de cada grupo de descendência exogâmica é baseada em um conjunto de *sibs* nomeados, localizados — ou com uma viva idéia de um passado unido pela co-residência —, e hierarquizados entre si. Nesta área sócio-cultural dominada pelos grupos Tukano Orientais (os Maku vivem nas regiões de interflúvio e não **mantêm relações de aliança** por casamento com os Tukano) ocorre uma coincidência, embora não universal, entre unidade lingüística e unidade de descendência exogâmica, da qual vem a regra de exogamia lingüística; ou seja, a língua é uma referência comum na definição do grupo de descendência exogâmico. Ocorre ainda uma forte tendência à exogamia local e à virilocalidade (CABALZAR, 2000, p. 01).

Conforme Silverwood-Cope (1990) e Athias (1995), o modelo matrimonial Maku se baseia em um sistema de grupos de descendência patrilinear idealmente de tipo Kariera/dravidiano, ou seja, o casamento preferencial se dá entre primos cruzados bilaterais da mesma geração de clãs em uma relação de afinidade. Ainda de acordo com Athias (1995), tal casamento preferencial observa a troca de irmãs classificatórias. No entanto, como lembra Silverwood-Cope (1990, p. 105) "[...] na prática, há alguns casamentos entre membros do mesmo clã, ou membros de clãs agnaticamente relacionados, e outros casamentos ocorrem entre pessoas de diferentes níveis de geração". Ainda de acordo com o autor, é considerado

incesto entre os Maku, o casamento entre pessoas de um mesmo clã. No entanto, durante o trabalho de campo, de 1968 a 1970, entre os Kákwa, Silverwood-Cope encontrou casos de casamento entre ágnatos, assim como dois casos de casamento entre pai e filha e dois casos de casamento entre irmão e irmã.

> Os Bara Maku descrevem as uniões entre pai e filha como “casamento de anta” – eles dizem que as antas acasalam-se pai com filha e mãe com filho. As uniões entre irmão e irmã são características de “casamento de caititu”. Ambos os tipos são espécies de “casamento de cachorro”, já que os cachorros exploram todas as permutações de “casamentos errados”. Outra maneira de descrever essas uniões é “mik hempna” – comer a si próprio (SILVERWOOK-COPE, 1990, p. 119).

Peter Silverwood-Cope relata que os homens Bara Maku (Kákwa) não dispunham de mulheres casáveis o suficiente, sendo que em grupos locais havia homens solteiros adultos, assim como velhos e raramente mulheres adultas solteiras. Tal fato se assemelha no caso Hupd’äh – diferentemente do tronco Tukano cuja regra é a exogamia linguística – que casam com pessoas que falam a mesma língua, mas, de clãs diferentes e etnias pertencentes ao mesmo tronco lingüístico, como os Daw e os Yuhup. O casamento entre Hupd’äh e Tukano é raro, mas nunca ocorreu de uma mulher Tukano se casar com um homem Hupd’äh, apenas o contrário, ainda que não seja um tipo de casamento considerado adequado. No entanto, parece uma prática bastante antiga os casamentos entre mulheres Hupd’äh com homens Tukano, considerando a informação de Sr. Joaquim do clã Ya’ám-Dúb-Tëh-D’äh, quando este diz que Pëd Sö, o ancestral de seu clã, morreu sem filhos. Ele era casado com Mehén do clã Sokwät Nöh-Köd Tëh-d’äh, porém após um tempo, depois do falecimento de Pëd Sö, Mehén se casou com um Tukano e dele engravidou. Depois o casal se separou, e a criança ficou com Mehén, recebendo o nome do clã Ya’ám Dúb. Mehén o criou como se fosse filho de Pëd Sö, conta Joaquim.

A princípio, há apenas um caso, na região do Rio Negro, de um homem Hup, que inclusive é de Barreira Alta, que se casou com uma Baniwa, e hoje vive no município de São Gabriel da Cachoeira. Já não fala mais sua língua de origem. A justificativa dos Hupd’äh para este caso foi o fato de ele ter estudado, e também se tornado cabo do exército. Diz o capitão Hup de Barreira Alta, que no momento que os Hupd’äh avançarem nos estudos irão poder se casar com mulheres Tukano e também, com as brancas.

Na atualidade, o modelo de casamento da etnia Tukano (Ye’Pâ-Masã) sofreu

algumas transformações, pois, antes, os homens desse grupo se casavam basicamente com mulheres Desana. Segundo Moisés Maia (2004) do clã Ye'pârã-Oyé põ'ra, etnia Ye'Pâ-Masa, antigamente, os homens se casavam com as Desana do clã Botea pó'rã. Como conta Moisés:

> No nosso povoado já chegaram Desana, Arapasso e Tariano. Então começou a entrar novas etnias ainda, com o Daniel Maia que casou com uma Pira Tapuia, e meu irmão Rafael com uma Tuyuka. Se todos nós morássemos lá no Pato, o número seria bem grande. Meu filho Hilário se casou com uma Tariana. Também o Ozéias, se casou com Tariana. O filho do Cláudio, Heraldo, já não dá mais para considerar, casou com uma Tukana, uma avó. Agora está começando a entrar uma nova etnia, porque Heracleo casou-se com uma Cubeo. Os Cubeo são considerados como nossos primo-irmãos, assim como os Wanano. São essas coisas que eu cheguei a ver com os meus olhos, o que está acontecendo com o nosso grupo, com a nossa comunidade (MAIA, 2004, p. 14-15).

Pude presenciar dois casos de endogamia lingüística, ainda que não seja considerado um casamento ideal entre os Tukano, em Barreira Alta, de homens jovens Turoponã casados também com jovens mulheres Tukano dos clãs Bati-Torogó e Pãmoponã. Fato que era pouco provável, por exemplo, na época dos avôs do Sr. Moisés Maia. Pode-se pensar que ao mesmo tempo em que os Hupd'äh se "tukanizam" em Barreira Alta (como a apropriação da história da Canoa de Transformação, assim como outras histórias), os Tukano de Barreira Alta se "hupdanizam", levando em consideração as transformações nas regras matrimoniais, ou seja, a adoção, ainda que não de forma ideal e mais geral, da endogamia lingüística (e exogamia clânica).

Conforme Christine Hugh-Jones (1979), baseada em seu estudo sobre os Barasana, o sib do grupo lingüístico Tukano que conforma o grupo local é intrínseco ao território, sendo que um determinado sib pertence a um determinado território desde a origem, que se dá a partir da viagem da Cobra Anaconda. A organização interna do sib é hierárquica, respeitando a ordem de nascimento do primeiro (sênior) ao último (júnior). Dentro de um sib, encontra-se cinco subdivisões, sendo o grupo dos Chefes, Dançarinos/Cantores, guerreiros, xamãs e serventes. *"[...] There are five hierarchically organised specialist roles, each of which is allocated to a single sib, so that five sibs belong together in a functionally integrated unit. These roles, in descending hierarchical order, are chief, dancer/chanter, warrior, shaman and servant"* (HUGH-JONES, 1979, p. 19).

No entanto, houve algumas mudanças em relação ao sib-espaço geográfico dos Ye’Pã-Masã. Como diz Moisés Maia (2004, p. 14), “Se todos nós morássemos lá no Pato[43], o número seria bem grande”. Isto porque, um clã ou sib Tukano pertence a um determinado espaço geográfico. No caso do clã de Moisés, os Ye’pârã-Oyé, pertence à Cachoeira de Patos, localizada no rio Papuri e antes vivia somente naquele local. Mas hoje houve modificações, sendo que o referido clã se encontra vivendo em outras comunidades, como as do distrito de Yauareté.

Reid (1979) utiliza o termo clã aos grupos Hupd’äh para designar um grupo de descendência patrilinear, onde todos seus membros descendem de um ancestral fundador. Pozzobon (1991, p. 119) indica que os pertencentes à família linguística “Maku” são divididos em clãs patrilineares exogâmicos, que obedecem idealmente aos ancestrais masculinos desde tempos míticos. A ascendência comum é reconhecida através da tradição oral, e tanto o caráter mítico da fundação do clã quanto o caráter superficial da memória autorizam o uso do termo “clã”.

De acordo com Athias (1995), uma das diferenças entre o clã Hupd’äh e o sib Tukano está em sua distribuição espacial, uma vez que um clã Hupd’äh não está relacionado necessariamente a um território, assim como ocorre com um sib Tukano. Os clãs Hupd’äh se relacionam hierarquicamente assim como os sibs Tukano, no entanto, entre os primeiros, não há uma forma rígida nesta hierarquização. Para os Hupd’äh o sentimento de pertencimento está muito mais enraizado no grupo local do que propriamente no clã, sendo que em um grupo local pode haver mais de um grupo clânico, assim como seus membros podem se localizar em diversos grupos locais e nos três grupos regionais existentes.

> O clã agrupa todos os membros, agnaticamente relacionados a um antepassado comum. Dentro da concepção de vida Hupdäh e nas relações sociais, ele tem uma importância menor que o grupo local, uma vez que dificilmente se pode identificar um grupo local com um determinado clã. A nosso ver, é principalmente no grupo local que se efetuam a fraternidade e uma concepção de territorialidade importante nas relações sociais entre os diversos grupos locais. O espaço geográfico ocupado por um grupo tem como característica o sentido de pertença a um grupo local, mas não a um clã. As celebrações de dabucuris se realizam entre os grupos locais e não entre os diversos clãs (ATHIAS, 1995, p. 96).

[43] Certa comunidade localizada no Rio Papuri

Mesmo que o sentimento de pertencimento dos Hupd'äh em relação ao território se dê a partir do grupo local, estes possuem uma relação do clã com o território, ainda que esta não seja necessariamente de posse do clã por um território específico, mas de reconhecimento a partir dos acontecimentos históricos, o que é fortemente enfatizado em seus relatos. Mesmo que essa relação do clã com o território se dê através do grupo local, sendo que o território dos Sokwät de Barreira Alta não é o mesmo que os dos Sokwät de Taracuá-Igarapé ou os dos Sokwät do rio Japu, por exemplo - um clã reconhece o território de outro clã.

Os Hupd'äh contam que a avó do clã Sokwät Nöh-Köd-Tëh-d'äh, de nome Kawáy, ficou na cachoeira do Caruru, no rio Uaupés, durante a viagem da canoa (percebe-se aqui a apropriação da história da "viagem da canoa de transformação" contada tanto pelos Sokwät quanto pelos Ya'ám-Dúb de Barreira Alta). Enquanto Kawáy, a primeira avó dos Sokwät se estabelece no Uaupés, Mohóy Kä', o avô maior dos Sokwät da linhagem dos Meh Póh Tëh d'äh segue adiante, vindo a falecer no rio Tiquié, em um lugar denominado Tapá Moh Tú.[44] Interessante nesta informação é que o primeiro avô dos Sokwät (Méh Póh Tëh d'äh) falece no Tiquié, rio que os Hupd'äh chamam de "Dëh Póh", não à toa, os Sokwät de Barreira Alta, durante as rodas de caxiri, falam enfaticamente que são daquele lugar (daquele rio), e que seus avós estão enterrados ali (no interior da floresta próximo ao rio Tiquié). Não souberam informar a respeito do casamento de Kawáy (mulher), ou até mesmo se ela se casou e teve filhos, mas recordam que Mohóy K'äh (homem) casou-se com uma Hupd'äh do clã Píj Noah Tëh d'äh (Filhos do Cabari que brota). Esse clã reside em uma comunidade vizinha a Barreira Alta, denominada Santa Cruz, sendo afin dos clãs Sokwät e Ya'ám-Dúb de Barreira Alta.

Outro fato que merece atenção é que a palavra Meh, na língua Hupd'äh, significa "cobra" e Póh, "fermentar". Logo, uma das 4 linhagens ancestrais do clã Sokwät Nöh Köd T'ëh d'äh, os Méh Póh Tëh-d'äh, possivelmente, significa "filhos da cobra que fermenta", o que remete ao mito de origem da humanidade geralmente contado pelos Tukano, e apropriado pelos Hupd'äh de Barreira Alta, como é percebido em seus discursos. Com isso, questiono até que ponto Hupd'äh e Tukano não compartilham do mesmo mito de origem, baseado na viagem da "cobra ancestral", levando em consideração, inclusive, "a relação simbiótica" entre eles, como caracterizou Alcida Ramos (1980). Contudo, tal estudo acerca do significado e da história da linhagem dos Sokwät merece ser mais aprofundado, o que pretendo realizar a partir de um futuro trabalho de campo, junto aos Hupd'äh, para pesquisa de doutorado.

[44] Não souberam traduzir para o português

De acordo com a etnologia clássica de Silverwood-Cope e Reid (apud ATHIAS 1995), as relações internas dos Hupd'äh se distinguem em três unidades: grupos de fogo, grupos locais e grupos regionais. Os grupos de fogo se assemelham à "família nuclear", pois são a unidade mínima de produção e consumo, organizando-se basicamente a partir de um casal, que pode ter filhos solteiros e agregados, também solteiros. Ou, ainda como descreve Athias (1995, p. 81) "[...] tive oportunidade de notar outras composições em um grupo de fogo, como por exemplo, em Pungdeh[45], um dos grupos de fogo era formado por um homem solteiro, sua mãe e irmã viúva com seus filhos". Nunca dois casais compõem um grupo de fogo. Este grupo tem uma mobilidade muito maior que um grupo local, podendo-se deslocar com maior autonomia para atividades de caça, pesca, agricultura e prestação de serviços para os Tukano. O preceito é que um grupo de fogo seja autosuficiente, por isso a importância de dois adultos para sua constituição, sendo um homem e uma mulher, sobretudo se for um casal.

Como aponta Athias, para que um grupo local venha a existir, basta haver dois ou mais grupos de fogo no mesmo espaço geográfico, tendo um homem mais velho como referência e um clã predominante. Pode, idealmente, abrigar no máximo, três clãs irmãos em que o número de pessoas pode chegar até aproximadamente 40 pessoas. No entanto, a partir do contato com a missão salesiana, há grupos locais, incentivados pelos próprios missionários, constituídos por mais de 100 pessoas. O grupo local não possui um lugar fixo, assim como ocorre com os Tukano. Por este motivo, acaba recebendo o nome de acordo com as condições geográficas do local, à medida que o grupo se desloca. Ainda que o grupo local possua um clã que predomine, sua autonomia é bastante acentuada, uma vez que se pode dividir em dois grupos ou se juntar a outro. O grupo local, chamado de Hayám (povoado) pelos Hupd'äh, pode ser pensado como uma unidade móvel. Em outras realidades, levando em consideração as condições geográficas, os Hupd'äh podem denominar um lugar onde vive um grupo local a partir do termo dëh, que significa riacho ou igarapé; núh (cabeça) para dizer que se localiza na foz do igarapé e buk indicando uma clareira/descampado (ATHIAS, 1995). Em Barreira Alta, observei que, para indicar a foz do igarapé, os Hupd'äh geralmente utilizam o termo nó', portanto Yɨyɨw dëh nó' (foz do igarapé Maniaura) e Yɨyɨw dëh Hayám (Comunidade Igarapé Maniuara) ou ainda Yuyu dëh hayám (comunidade Barreira Alta), sendo que "yuyu" seria uma tradução do tukano "yuyutá" para o termo em português de "barro" ou "argila".

Os grupos regionais constituem vários grupos locais. Segundo Reid (apud ATHIAS,

[45] Comunidade de Nova Fundação – médio Tiquié

1995), existem três grupos regionais Hupd'äh localizados na região interfluvial dos rios Papuri e Tiquié, compreendendo em sua totalidade 35 grupos locais. "O grupo regional, assim como o grupo local, detém um determinado espaço geográfico para sua perambulação" (ATHIAS, 1995, p.91). Não existe precisamente uma delimitação fronteiriça entre os grupos regionais, o que distingue um do outro é o tipo de relação estabelecida entre seus grupos locais, ou seja, "*um grupo regional reúne todos os grupos locais onde se mantém uma relação de afinidade e onde se dão as relações de alianças matrimoniais*" (ATHIAS, 1995, p.88). No entanto, os laços matrimoniais entre os grupos locais Hupd'äh não se restringem ao interior de um único grupo regional, ainda que seja mais comum, podendo este até ser caracterizado como endogâmico. De acordo com Renato Athias:

> São apontadas pelos próprios Hupd'äh algumas diferenças entre os diversos grupos locais/regionais em seu território tradicional. Os critérios usados são os seguintes: i) proximidade geográfica; ii) variação da língua; iii) afinidades e trocas constantes. Os Hupd'äh podem distinguir um outro grupo regional como sendo diferente, pela língua, ou seja, pela acentuação tônica e uma pequena variação na inflexão das palavras. Já em relação aos clãs, os Hupd'äh podem distinguir como sendo diferente um grupo regional onde existe um determinado clã, inexistente em outros lugares (ATHIAS, 1995, p. 88).

Em relação à proximidade dos grupos locais, esta pode variar entre 3 a 6 horas de caminhada uns dos outros. As visitas são constantes, o grupo de fogo de um determinado grupo local, ao visitar seu parente em outro grupo local, pode permanecer dias, semanas ou meses, havendo, nesse caso, grandes chances até mesmo de abrir uma roça para garantir o sustento durante a sua estadia. O dabucuri, enquanto um ritual de troca pode ser realizado tanto entre grupos de fogo de um mesmo grupo local quanto entre grupos locais diferentes. Existe também a possibilidade de se realizar dabucuris entre grupos regionais diferentes, no entanto, dada a distância geográfica, este evento é menos frequente. A variação da língua existe tanto entre os grupos locais quanto os grupos regionais, no entanto, todos conseguem compreender o que o outro diz, os Hupd'äh atribuem estas variações linguísticas a tipos de sotaque da língua portuguesa, por exemplo, quando dizem ***"quem é do Rio de Janeiro, fala um pouco diferente de São Paulo, da Bahia, né? É como nós, o pessoal de Barreira fala um pouco diferente de Taracuá Igarapé".*** (anotações de campo, 2006).

No tocante ao clã, Athias (1995) relata que, na época de seu trabalho de campo, pôde observar que o número de membros de um clã varia imensamente entre os Hupd'äh, podendo

chegar a duzentas pessoas, como é o caso do clã Sokwät-Nöh-köd-Tëh-D’äh, enquanto outros não passam de dez pessoas, como é o caso do clã Mih-Pów-Tëh-D’äh. Os membros de um determinado clã reconhecem a origem em um ancestral comum, como apontou Reid (1979). Estes membros são organizados de forma hierárquica e, ao nascerem, recebem nomes peculiares ao clã, que geralmente possui sete denominações femininas e sete masculinas.

A atribuição de nomes obedece à ordem de nascimento. No entanto, pode ocorrer a troca de nome em uma criança, caso esta fique doente em decorrência do nome atribuído, mas o nome continua sendo do clã patrilinear a qual pertence. Durante uma estadia com os Hupd’äh em Taracuá Igarapé, pude presenciar o caso de uma criança que vivia doente. Depois de algum tempo, encontrei-a forte e saudável, o que me levou a comentar com a mãe a significativa melhora de seu filho. Esta me informou que ele vivia doente por causa do nome que lhe foi designado. A partir do momento que seu avô paterno trocou o nome, de acordo com a ordem de nomeação do clã, a criança melhorou.

Renato (1995) assinala que a cerimônia mais importante de um clã Hupd’äh é a transmissão do nome. Tal cerimônia, denominada bi’ìd hát, ou seja, “nome soprado”, é realizada no interior de um clã em que o homem mais velho transmite o nome à criança. Ao receber o Bi’íd hát, a criança automaticamente passa a pertencer ao clã.

> Ter o nome significa adquirir direitos e possibilidades de acesso a todo o conhecimento específico de cada clã. Aí lhe é dado o fôlego, o sopro da vida, o sopro do ancestral comum e fundador do clã. Esta cerimônia é feita com a criança perto do homem mais velho de referência para o clã ou pelo avô paterno, caso esteja vivo. Este homem pega uma pequena cuia com água, **e durante horas começa a recitar o mito de origem do clã**. Algumas pessoas estão por perto assistindo e conversando. De vez em quando, o que está com a cuia na mão, pára e faz algum comentário, diz onde aprendeu e com quem, ou faz algum remarque no recito. Se existir um outro velho, ele passa a cuia e assim continua ou fala um outro recito, sempre com a boca em direção da cuia. Daí o verbo soprar “biin”. Este verbo só é usado em cerimônias. (ATHIAS, 1995, p. 101).

Segundo o autor, para um Hupd’äh, possuir um nome de referência clânica lhe garante o reconhecimento diante do grupo, além de privilégios econômicos e rituais. Pude observar, não só em Barreira Alta, mas em outros grupos locais Hupd’äh, que estes, por sua vez, geralmente possuem três nomes: um nome pertencente ao seu clã; um nome estrangeiro e um apelido.

Todos os filhos e filhas de homens Hupd’äh recebem o bí’id hát. Em Barreira Alta.

Mesmo os filhos de mulheres Hupd'äh com homens não Hupd'äh e, sobretudo, desconhecidos, recebem de seus avôs maternos, ou de um velho da comunidade, que saiba benzer, o bí'id hát do clã do avô materno. Houve somente um caso encontrado na comunidade de uma criança, cujo pai é desconhecido e que não recebeu um Bi'íd Hát. Os filhos (as) de mulheres Hupd'äh com homens Tukano também não são considerados, pelos Tukano, como Tukano e sim como um Hupd'äh "tukanizado", ainda que este também não possua o nome de orientação Hupd'äh, e sim um nome Tukano, isto é, quando a mulher Hupd'äh é casada com um homem Tukano. A adoção de crianças – filhas de mulheres Hupd'äh com homens de outros grupos étnicos – pelo avô materno é bastante comum. Estas crianças nunca ficam sem pertencer a um clã e consequentemente sem um nome Hupd'äh, a não ser que esta não possua avô materno. Há também casos de crianças concebidas de uma mulher e um homem Hupd'äh, através de relações extraconjugais. Nesse caso, a criança, mesmo convivendo com seu "padrasto", pertencerá ao clã do pai biológico, recebendo o nome de referência.

2.3 Organização Social em Barreira Alta – 2010

Atualmente, vivem três famílias Tukano, do sib Turoponã (os Marinho) em Barreira Alta. Um professor, Moisés Marinho, casado com uma Hup do clã Ya'am-Dúb-Tëh-D'äh, Eliana Dias Pires; um mais velho, que atua como capitão[46], Casemiro Marinho, casado com uma Cubeo da região de Mitú, Colômbia, Nely Hernandes Marinho; um jovem professor, filho de Casemiro e Nely, Josimar Marinho, que é casado com uma Tukana do clã Bati Torogó, Ivanilda Campos Gentil, de Pari Cachoeira (alto rio Tiquié).

A maioria dos Turoponã reside na cidade de São Gabriel da Cachoeira, atuando como professores da rede municipal de ensino, técnicos de enfermagem, entre outras ocupações profissionais. Há também algumas famílias residindo em Pari Cachoeira (alto Tiquié), onde há a missão salesiana e um pelotão de fronteira do exército brasileiro, e em Manaus, capital do Amazonas. No início de 2010, uma Turoponã que reside em Pari Cachoeira informou do desejo de retornar para Barreira Alta, enfatizando que ali é o território dos Turoponã, sendo que em Pari Cachoeira está cada vez mais difícil a oferta de peixes e a disponibilidade de terras cultiváveis para o plantio. Algumas famílias Turoponã possuem suas

---

[46] O antigo capitão da comunidade, Zezinho, transferiu-se com sua família para São Gabriel da Cachoeira, onde seus filhos estão estudando.

roças na comunidade de Barreira Alta, e algumas famílias Hupd'äh cuidam dessas roças.

Segundo o levantamento populacional Hupd'äh de 2007, realizado pela Associação Saúde Sem Limites, havia 147 Hupd'äh vivendo em Barreira Alta, sendo 68 pessoas do sexo feminino e 79 do sexo masculino. De acordo com o levantamento de minha pesquisa de campo, entre janeiro e abril de 2010, a população aumentou. Existem 173 pessoas vivendo em Barreira Alta atualmente, sendo 10 Tukano, 1 Cubeo, 1 Kákwa e 161 Hupd'äh. O aumento se deve, sobretudo, porque há famílias que retornaram para Barreira Alta, levando em consideração que, no momento do levantamento populacional em 2007, havia famílias Hupd'äh que estavam no mato, ou que se encontravam na cidade de São Gabriel da Cachoeira, ou ainda visitando parentes em outras comunidades. Outro fato importante é que, dos 161 Hupd'äh residentes em Barreira Alta, 102 nasceram nesta comunidade e os demais, em outras localidades – principalmente em território Hupd'äh: aqueles que nasceram antes da década de 70, residiam em outros povoados, e aqueles que nasceram pós 70-72, foi devido à perambulação territorial.

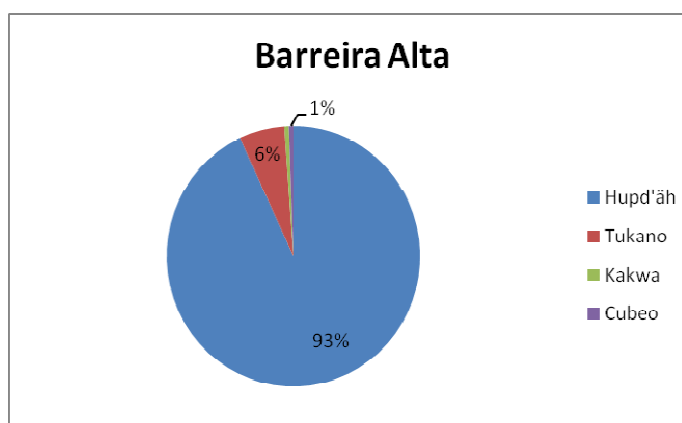



Gráfico 02 - Grupos étnicos de Barreira Alta

De acordo com minhas anotações de campo de 2010, residem em Barreira Alta 7 diferentes clãs Hupd'äh – sendo possível verificar sua disposição no **croqui 1**, indicando os números das casas e os matrimônios que obedecem a regra da exogamia clânica patrilinear – (Sokwät-Nöh-Köd-Tëh-d'äh, Ya'ám-Dúb-Tëh-d'äh, Mih-Pów-Tëh-d'äh, Wíh-Tëh-d'äh, Dög-Méh-Tëh-d'äh, Kög-Kég-Tëh-d'äh e Dëh-Púh-Tëh-d'äh). A comunidade é dividida em Barreira I, local onde moram os Turoponã, e algumas famílias Hupd'äh dos clãs Sokwät-Nöh-Köd-Tëh-d'äh, Dog-Méh-Tëh-d'äh e Ya'ám-Dúb-Tëh-d'äh e Barreira II, local onde residem

os Sokwät, Wih-Tëh-D'äh, Ya'ám-Dúb, Mih-Pów, Dög-Méh, Kög-Kég e Dëh-Púh. Cada número de casa indicada no croqui 1 está também representada pela genealogia, que indica inclusive a quantidade de grupos de fogos residindo em um domicílio. O diagrama genealógico domiciliar também adverte o local que cada indíviduo – representado pelo seu clã – nasceu, o que está localizado na parte superior do símbolo do ego triangular (masculino) e/ou circular (feminino), sendo BA – Barreira Alta. O nome do clã está escrito na parte inferior de cada símbolo (triangulo e círculo).

Em Barreira Alta, existem ao todo 25 casas (dados 2010), sendo 03 do clã Wíh-Tëh-d'äh; 4 casas dos Turoponã, sendo que 1 é habitada por uma família Ya'ám-Dúb e a outra (casa 4) se encontra fechada, pois a família reside atualmente em São Gabriel da Cachoeira. Há ainda 07 casas Sokwät e 7 Ya´ám-Dúb; 2 casas Dög-Méh-Tëh-d'äh; 1 Kög-Këg e 1 Mih-Pöw. Do lado direito de Barreira I, há duas casas, indicando troca de irmãs, sendo a casa 07 pertencente a um casal cujo marido é Ya'ám-Dúb e a esposa Sokwät, a casa 08 de um homem Sokwät (irmão da mulher da casa 7) com uma mulher Ya'ám-Dúb (irmã do homem da casa 7). Os filhos das casas 07 e 08 são primos cruzados bilaterais, considerados entre os Hupd'äh, ideais para contrair matrimônios.

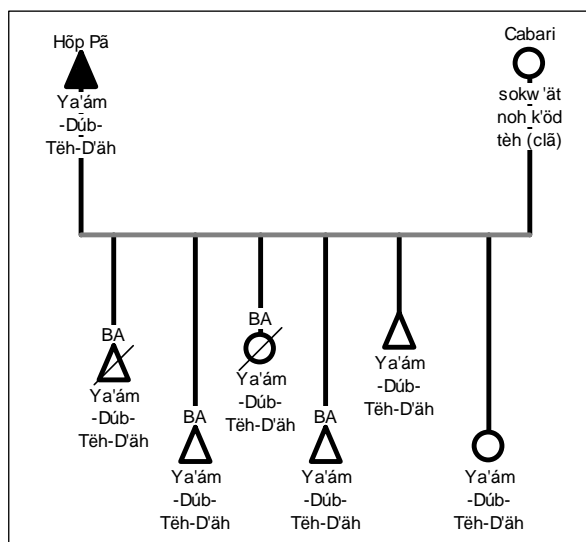



Diagrama 7 – genealogia casa 07

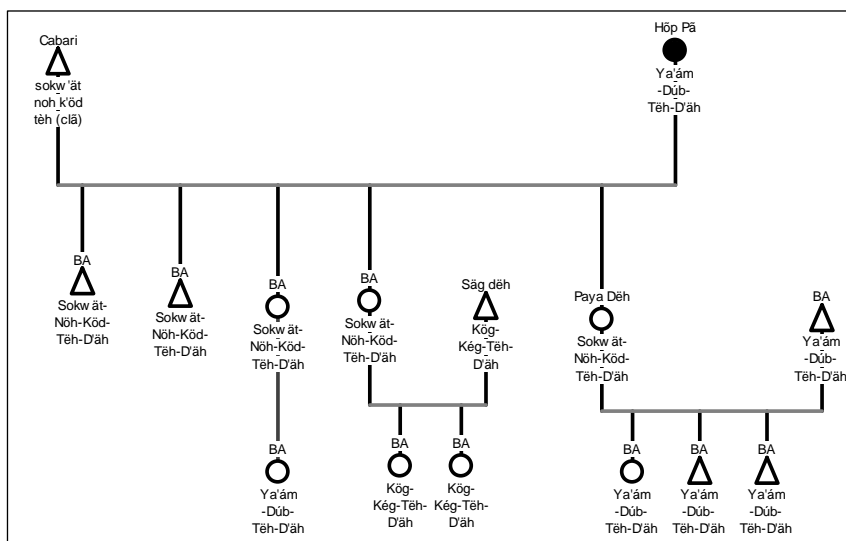



Diagrama 08 - genealogia casa 08

Seguindo para o lado esquerdo de Barreira I, localizam-se as casas dos Marinhos, sendo uma mais próxima ao rio Tiquié, a casa 03, onde um homem Turoponã é casado com uma mulher Ya'ám-Dúb – filha da casa 15. As outras três casas Turoponã estão localizadas do lado mais próximo ao igarapé, sendo uma dessas, a casa 06, que é habitada por uma família Ya'ám-Dúb-Tëh-D'äh (sendo a esposa pertencente ao clã Sokwät de Nova Fundação), cujo homem é irmão do homem da casa 07, empregada de uma família Turoponã, residente em Pari Cachoeira. Essa família Ya'ám-Dúb, além de cuidar da casa do patrão em Barreira Alta, por vezes se desloca a Pari Cachoeira, a fim de realizar trabalhos por tempo determinado na roça dos Turoponã. Em Barreira I, também estão localizadas a escola, a cozinha da escola e o centro comunitário, que são administrados pelos Tukano.

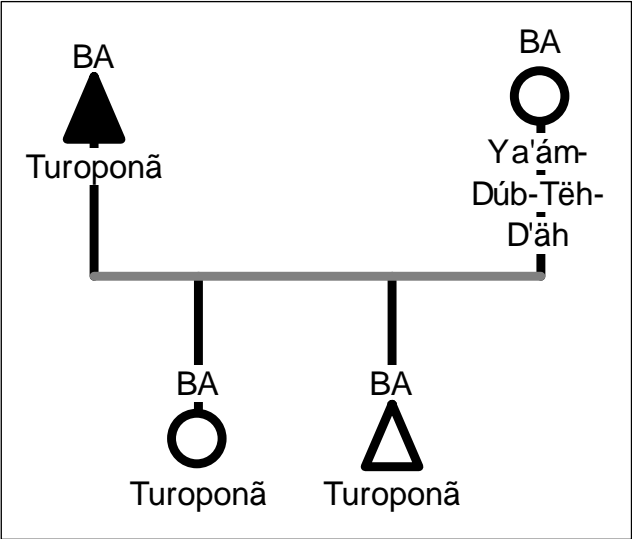



Diagrama 4 – genealogia casa 3

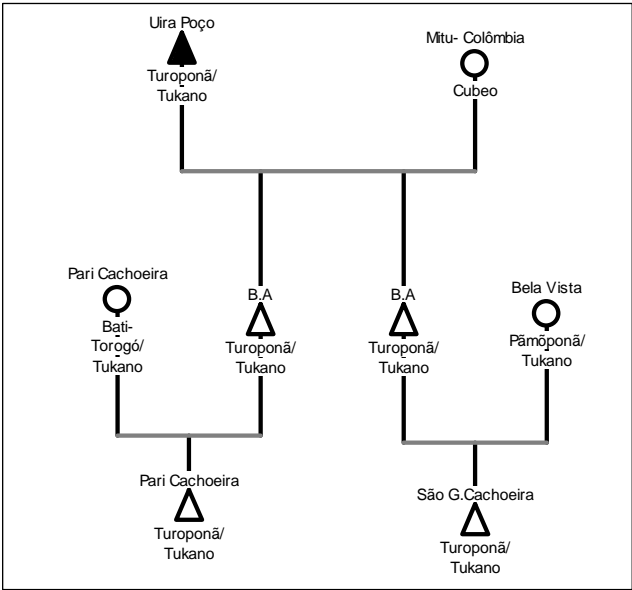



Diagrama 5 – genealogia casa 5

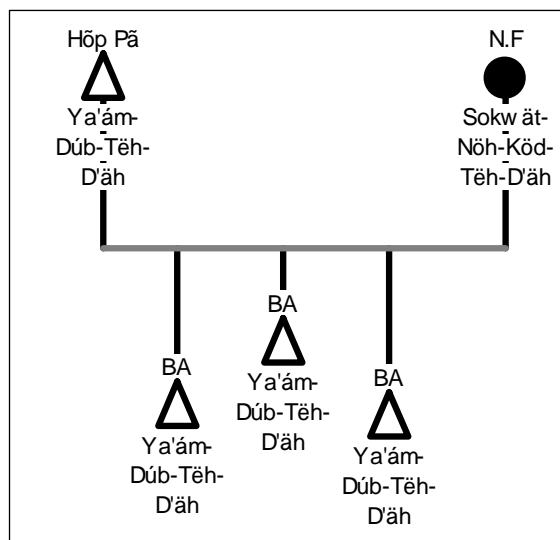



Diagrama 6 – genealogia casa 6

Após a última casa dos Marinho, encontram-se três grupos de fogo Hupd'äh, conforme demonstra os diagramas abaixo (2 e 3) distribuídos em duas casas, uma atrás da outra. Na casa 2, mora uma mulher do clã Sokwät, junto a seu marido do clã Dög-Méh-Tëh-d'äh , que é irmão do homem da casa 25. Na casa 1, reside o irmão da mulher da casa 2, que é casado com uma mulher do clã Kog-Këg-Tëh-d'äh de Nova Fundação. Na casa 02, há dois grupos de fogo, sendo que a filha mais velha é casada com um Ya'ám-Dúb, filho da casa 14, este, porém, residia, até o momento do trabalho de campo – 2010 – na casa de seu sogro, trabalhando inclusive na confecção de artefatos – sua especialidade – fundamentais para o processamento da mandioca pelas mulheres da casa, como o tipiti e o cumatá.

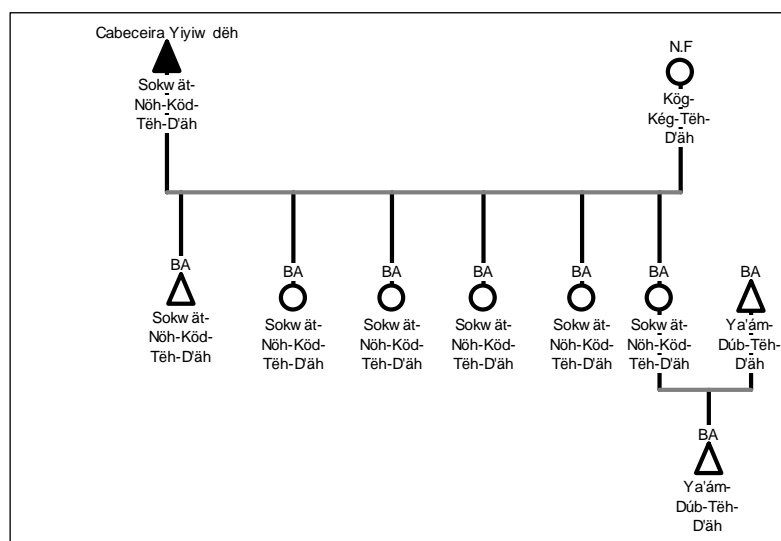



Diagrama 2 – genealogia casa 01

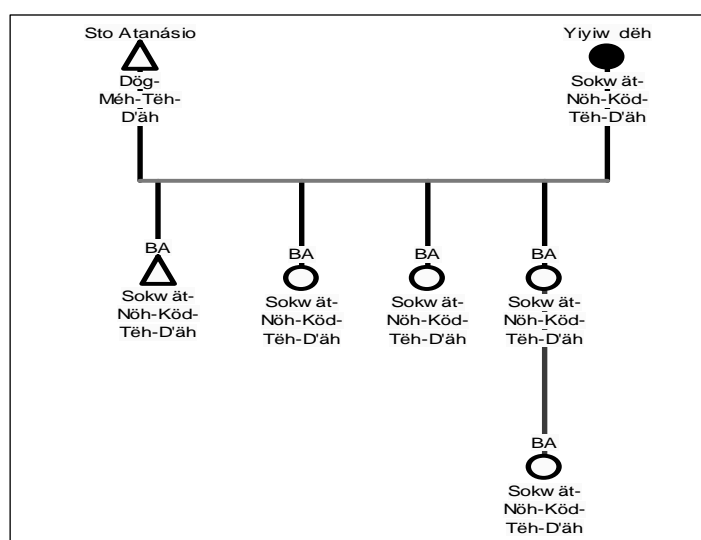



Diagrama 03 – genealogia casa 02

Barreira II se localiza atrás de Barreira I, onde atualmente reside a maioria dos Hupd'äh de Barreira Alta, da casa 9 a 25, como ilustra os diagramas abaixo e o croqui 1. Importante mencionar que a disposição das casas Hupd'ah em Barreira Alta se refere à própria forma de organização do grupo local em uma comunidade Turoponã. Um hayám (povoado) Hupd'äh é diferente do outro, levando em consideração que os Hupd'äh não possuem uma forma fixa de ocupar um espaço assim como os Tukano. Em Barreira Alta, cada vez mais, a comunidade se movimenta para o interior do mato à medida que ocorre doenças seguidas de morte, ou algum tipo de feitiço. Na década de 70, todos os Hupd'äh residiam em

Barreira I. Conforme o surgimento de doenças seguidas de morte, os grupos de fogo se deslocavam mais para “dentro”, formando Barreira II. Foi em 1998 que Jarbas, o capitão Hupd’äh, decidiu morar mais para o interior, distanciando-se pouco mais de 5 minutos de caminhada em relação à Barreira I, então os outros grupos de fogo o foram acompanhando, informa Jarbas, que diz não ser muito bom morar muito próximo ao rio por causa das doenças. Inclusive, em Barreira II, os Hupd’äh se sentem um pouco mais à vontade em relação à Barreira I, local que consideram de “propriedade” dos Turoponã, especialmente tudo que se constrói em Barreira I, como a escola, a cozinha da escola, o centro comunitário e a casa da SSL.

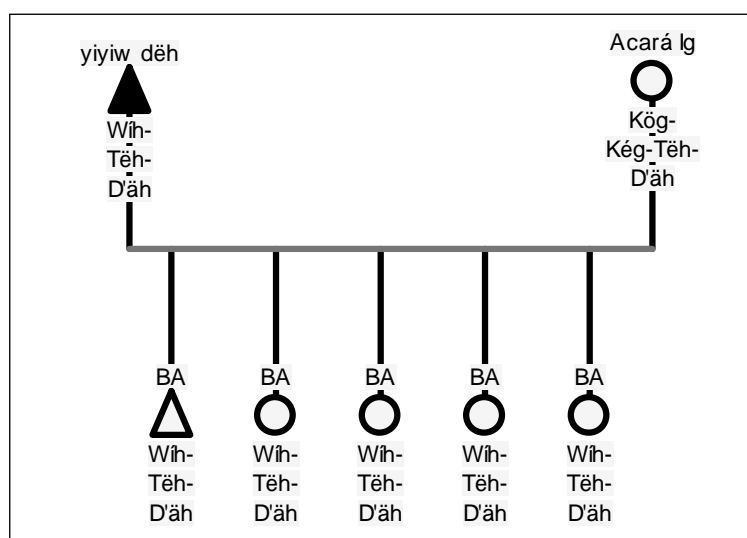



Diagrama 9 – genealogia casa 09

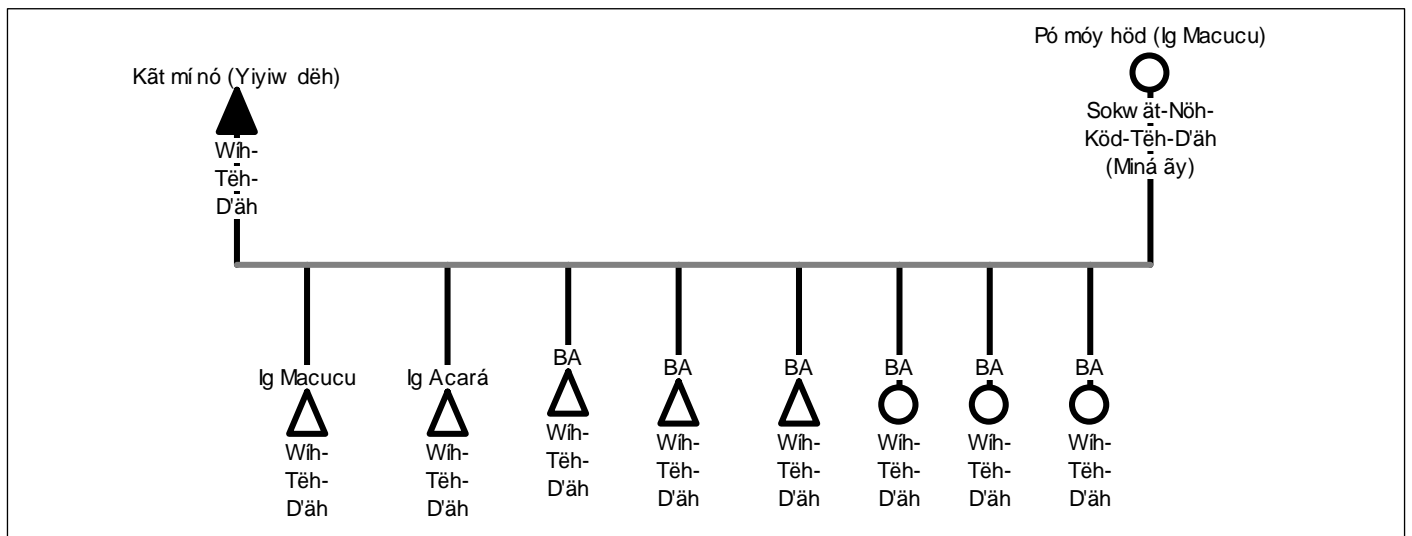



Diagrama 10 – genealogia casa 10

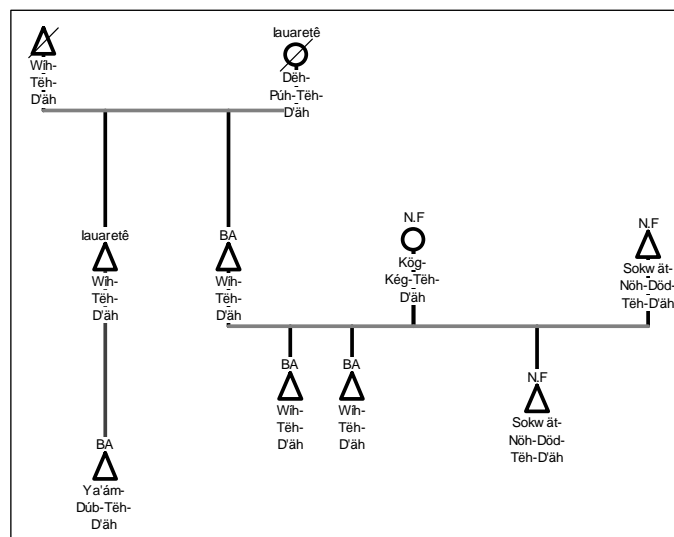



Diagrama 11– genealogia casa 11

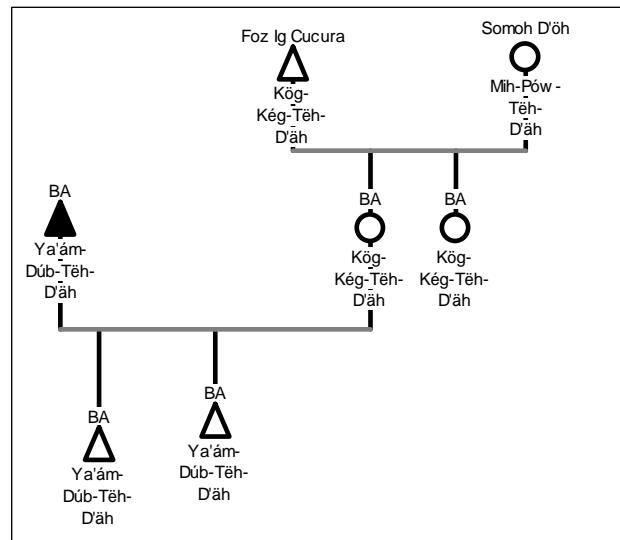



Diagrama 12 – genealogia casa 12

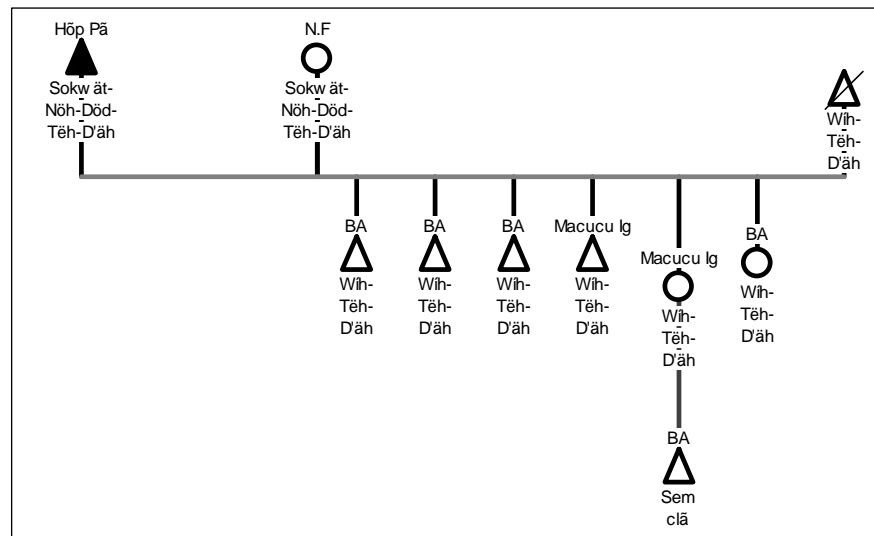



Diagrama 13 – genealogia casa 13

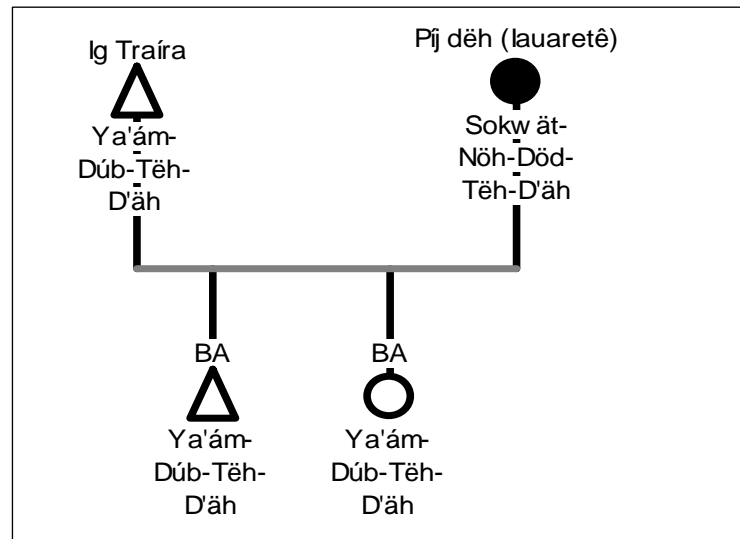



Diagrama 14 – genealogia casa 14

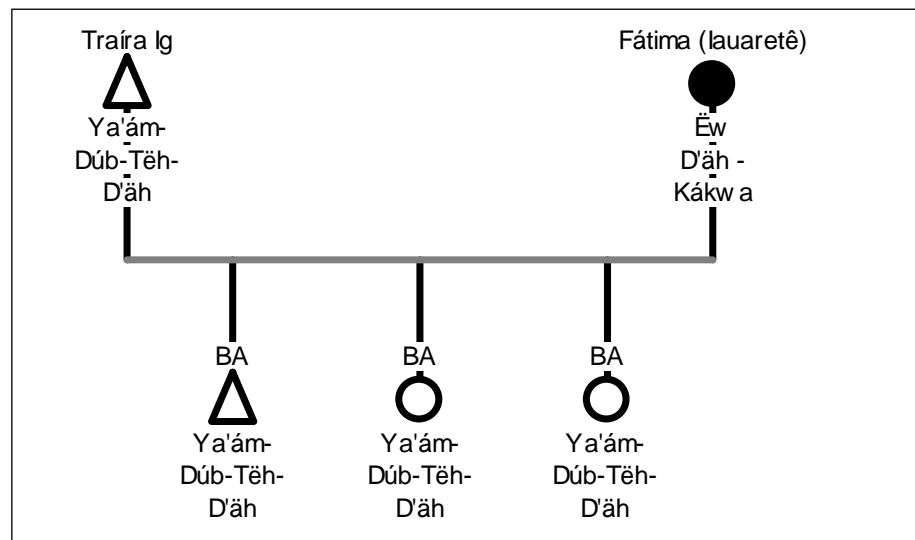



Diagrama 15 – genealogia casa 15

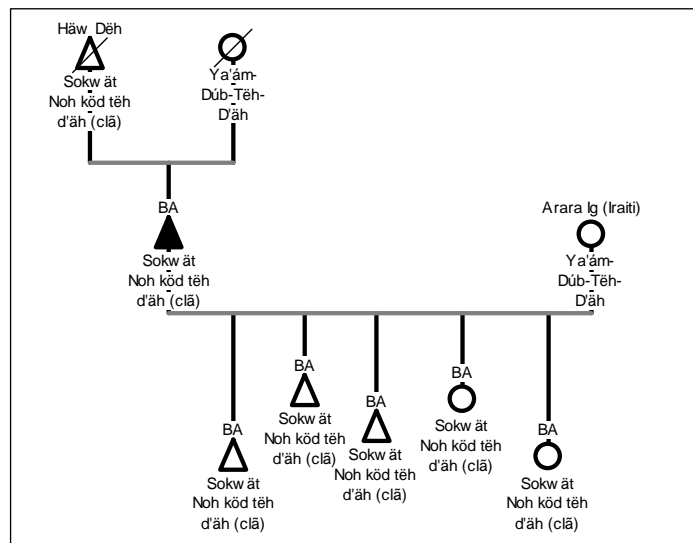



Diagrama 16 – genealogia casa 16

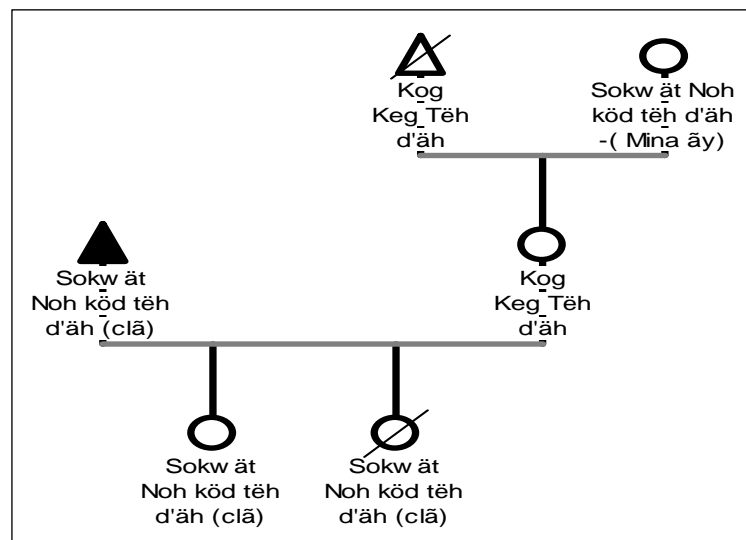



Diagrama 17 – genealogia casa 17

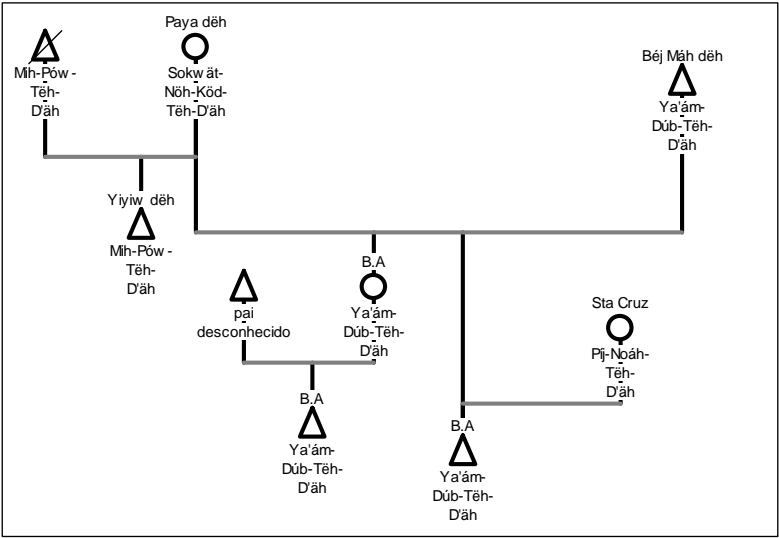



Diagrama18 – genealogia casa 18

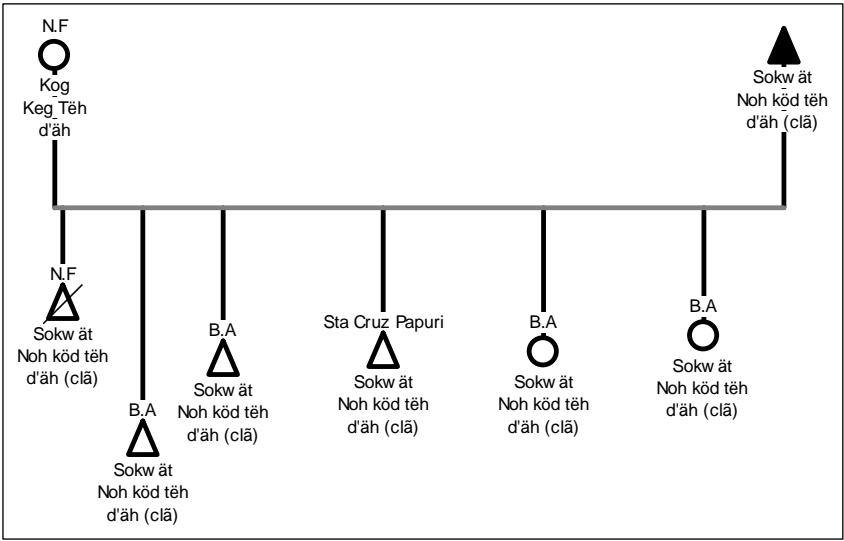



Diagrama 19 – genealogia da casa 19

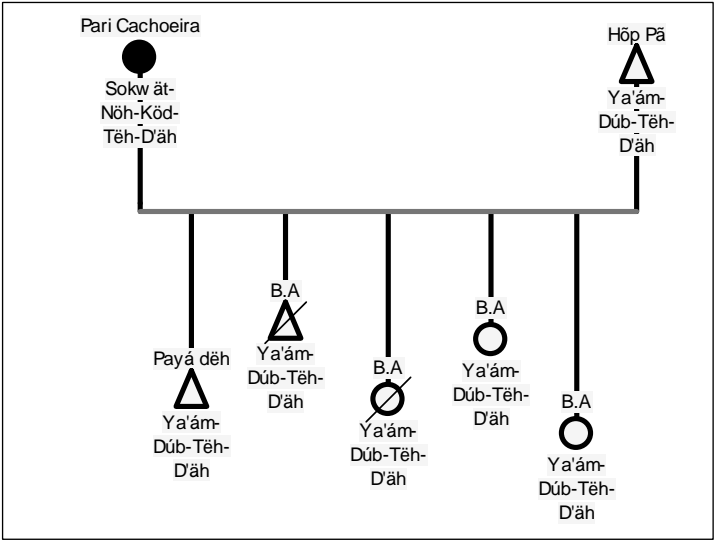



Diagrama 20 – genealogia da casa 20

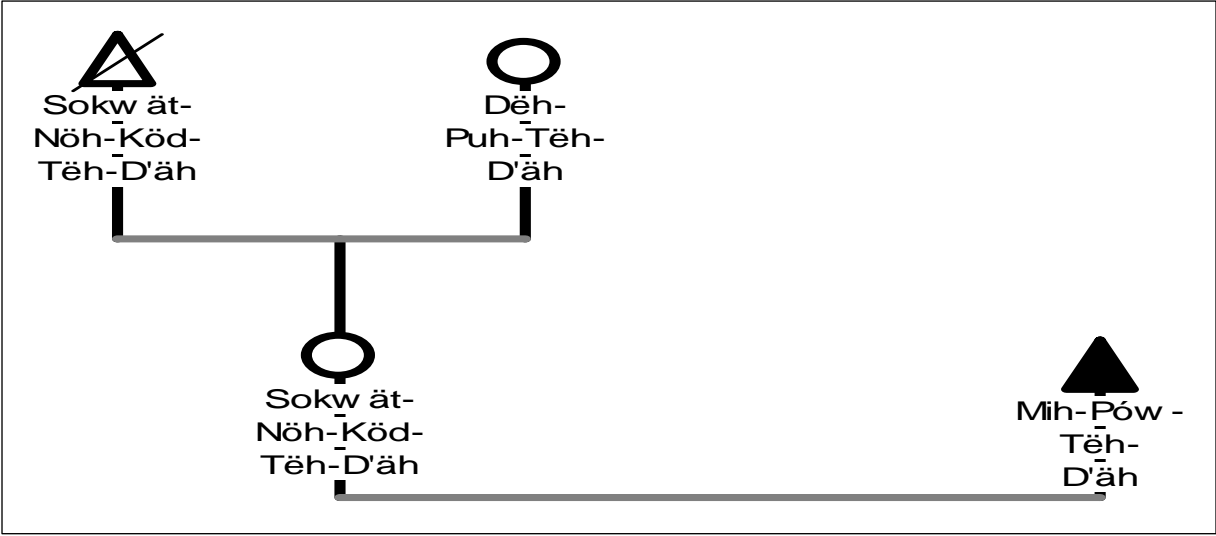



Diagrama 21 – genealogia casa 21

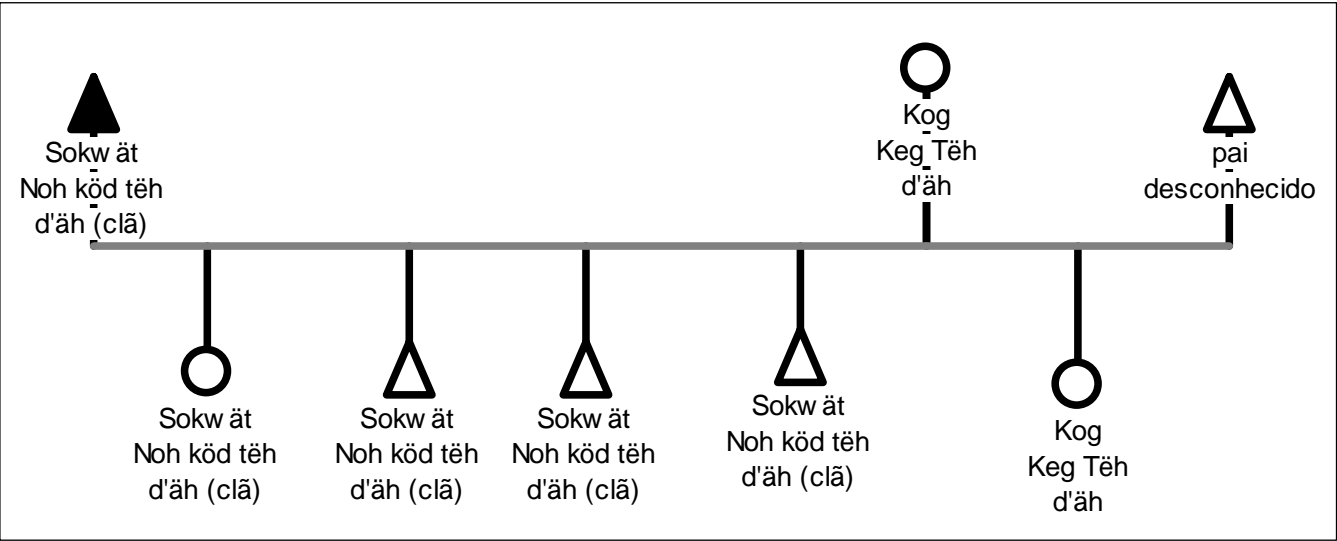



Diagrama 22 – genealogia casa 22

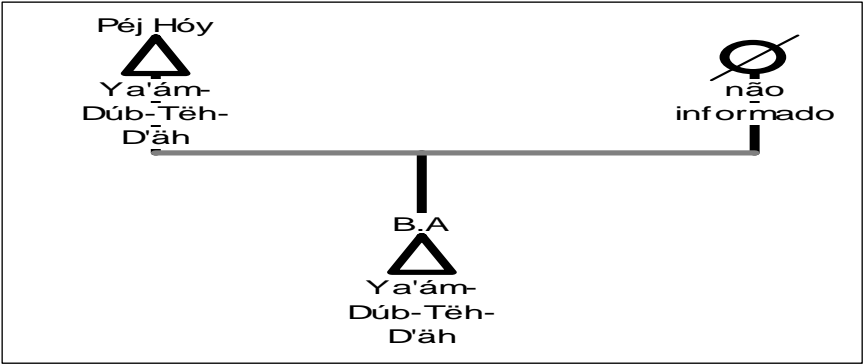



Diagrama 23- genealogia casa 23

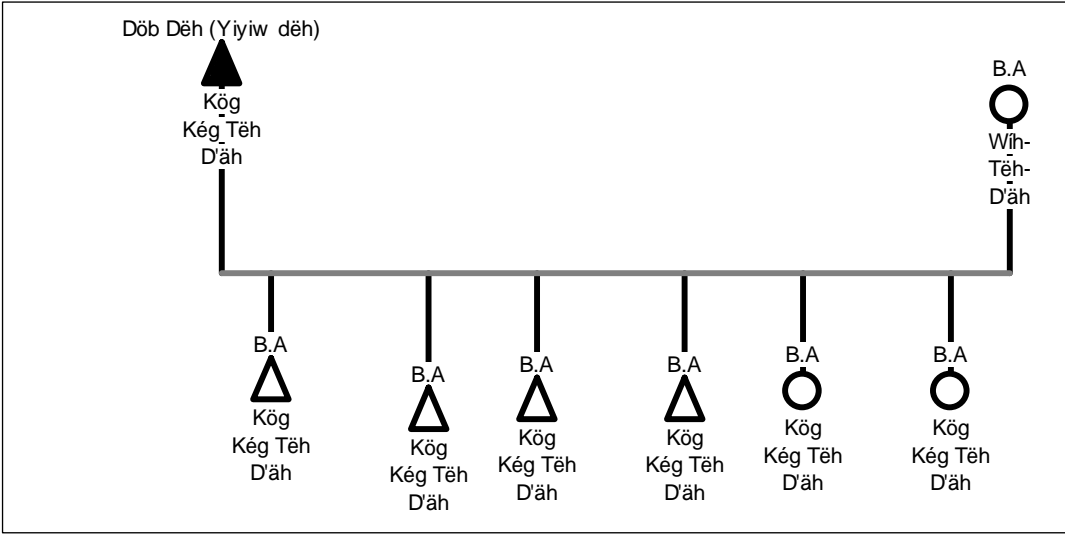



Diagrama 24 – genealogia casa 24

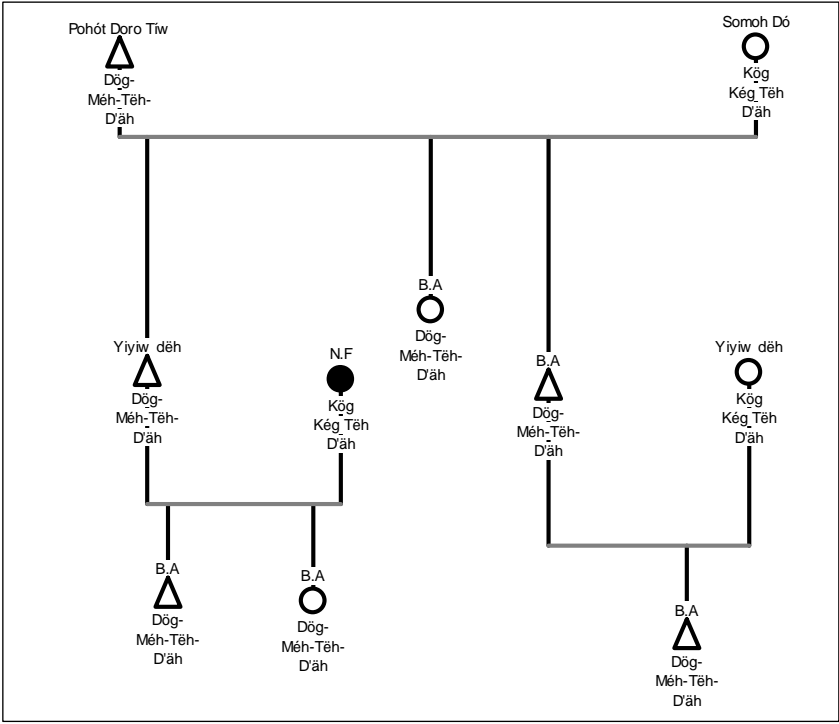



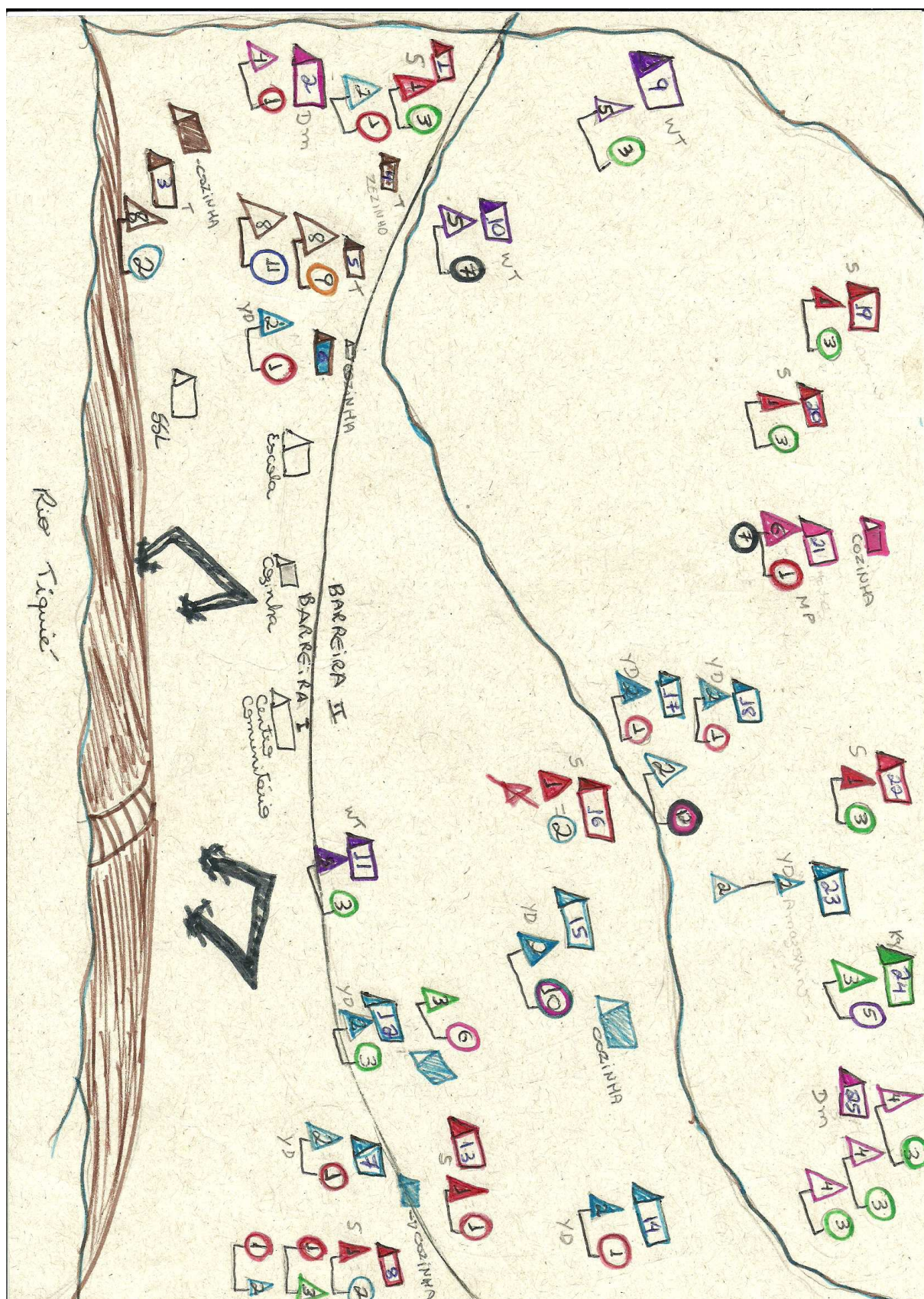
Diagrama 25 – genealogia casa 25

Croqui 1[47] - Disposição das casas em Barreira Alta

Foto 18 - Casa Tukano, Barreira I

Foto 19 – Casa Hupd'äh, Barreira II

Os casamentos entre os Hupd'äh se dão geralmente entre os clãs afins (Kót) que residem na própria comunidade de Barreira Alta, grupo local, sobretudo entre os Sokwät e Ya'ám-Dúb, tido como casamento preferencial dentro deste grupo local. Segundo um informante, hoje em dia os Ya'ám-Dúb também se casam com os Kög-Kég-Tëh-d'äh, mas

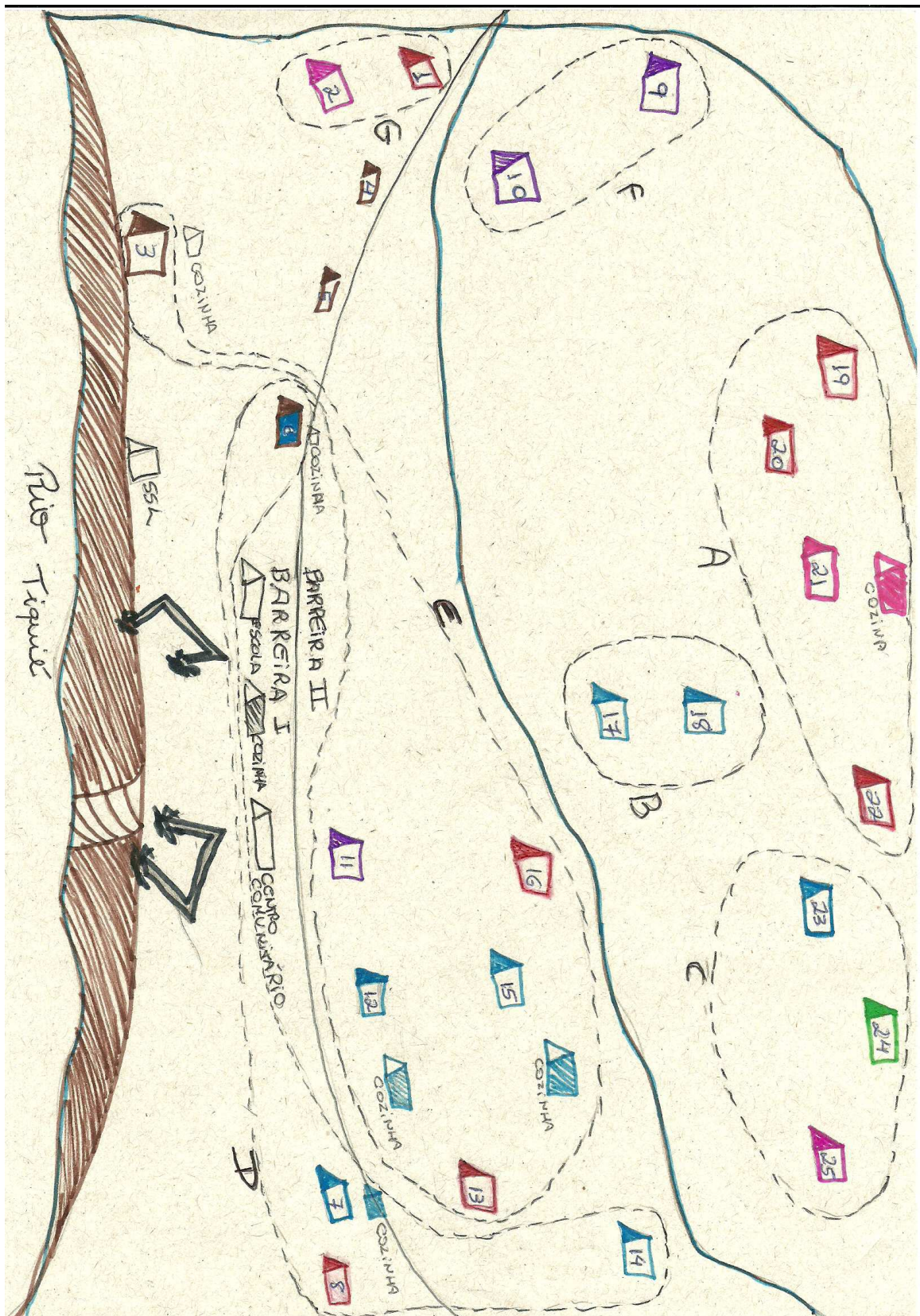
[47] WT – Wíh-Tëh-d'äh **(5)**; YD – Ya'ám-Dúb (**2**); T – Turoponã **(8);** Dm – Dög-Méh-Tëh-d'äh (**4**); S – Sokwät (**1**); Kg – Kög-Kég (**3**); MP – Mih-Pów (**6**); Dëh-Púh (**7**).

antigamente tal relação matrimonial não ocorria, pois eram considerados irmãos. Os Ya'ám-Dúb não se casam com Wih-Tëh-d'äh, Mih-Pów Tëh-d'äh e Dog-Méh-Tëh-d'äh, mantendo relação de consanguinidade. Já os Sokwät-Nöh-Köd-Tëh-D'äh possuem laços de afinidade com todos os outros clãs residentes em Barreira Alta: Ya'ám-Dúb, Kög-Kég, Dog-Méh-Tëh, Wih-Tëh, Mih-Pów. Geralmente, os casamentos se dão entre os clãs afins co-residentes, contudo, há casos de Hupd'äh de Barreira casados com mulheres de outros grupos locais, como Nova Fundação e Santa Cruz, no médio Tiquié. Há 1 homem de Santo Atanásio casado com uma mulher de Barreira Alta, no entanto, este vive na comunidade do sogro. Durante o tempo que residi em Barreira Alta, apenas um casamento era considerado errado entre os Hupd'äh por se tratar de incesto, como representado no diagrama 13. A mulher, cujos filhos são de seu falecido marido do clã Wíh-Tëh-d'äh, casou-se com um homem do mesmo clã que o seu, portanto são considerados irmãos. Porém, não há filhos deste atual matrimônio. Não percebi "exclusão" desta unidade doméstica, uma vez que o casal participa ativamente dos dabucuris, o homem que também é benzedor, participa ativamente do jurupari e das rodas de ipadu[48].

Represento no **croqui 2** as relações cotidianas entre as unidades domiciliares próximas, representadas por núcleos domésticos relativamente próximos. Tanto as unidades domiciliares (que podem abrigar 1 ou 2 grupos de fogos), quanto os núcleos domésticos (cada diagrama genealógico abaixo – 26 a 32 – corresponde a um núcleo doméstico) podem se deslocar juntos para o interior da floresta, para a coleta de frutos do mato e caça, embora as atividades realizadas sejam organizadas por cada grupo de fogo. Assim como também, podem realizar visitas aos parentes em outras comunidades. No que tange ao trabalho em outros povoados Tukano, geralmente, é somente um grupo de fogo ou a unidade domiciliar que se desloca.

Todos os núcleos domésticos compartilham dos alimentos de cada grupo de fogo. Pude observar durante minha permanência em campo - sendo que compartilhei dos momentos de refeição na maioria dos núcleos domésticos de Barreira Alta, seja na roça, na coleta de frutos, na produção de beiju, farinha e caxiri e, em outros casos, por convite de alguns grupos

[48] O ipadu é a folha da coca pilada misturada com as cinzas da ambaúba. É o "leite ninho" dos velhos, segundo as mulheres Hupd'äh. O ipadu, que é um pó verde e fino, é alocado no canto inferior da boca de forma a ser absorvido aos poucos. A roda de ipadu é o centro da transmissão de saberes através da oralidade, consiste na reunião de homens – geralmente os mais velhos – onde se fala sobre os acontecimentos diários de dentro ou de fora da comunidade; é no momento da roda de ipadu que se transmite as histórias Hupd'äh. Somente as mulheres que já se encontram na menopausa podem participar da roda.

de fogo – as famílias se reunirem pela manhã, próximas ao fogo e após o banho, para partilhar o mingau e o beiju. Quando há quinhampira, esta também é servida. No retorno da roça, a quinhampira, o beiju, manicuera e frutos do mato também são compartilhados entre as famílias do núcleo doméstico. Muitas vezes, no final da tarde ou início da noite, cada núcleo doméstico pode se reunir para conversar na porta de uma casa, conforme apresentados no **croqui 2**, assim como os grupos de fogo também costumam visitar seus parentes em outros núcleos domésticos. Na maioria dos finais de tarde, o núcleo E se reunia na casa 15 para conversar após a feitura de beijus pelas mulheres, no forno localizado na cozinha do núcleo ou às vezes na casa 3. O marido, chefe da casa 3, do clã Turoponã, também participava todas as vezes das reuniões familiares junto com sua esposa e filhos. Aqui, pode-se perceber uma relação mais próxima entre um Tukano Turoponã e os Hupd'äh deste núcleo E, dado os laços de parentesco, sendo este homem Turoponã incorporado à família Hupd'äh de certa forma, já que a casa 3 não compartilha da comensalidade diária com as demais casas do núcleo, muito embora possa compartilhar os alimentos, sobretudo com a casa 15, sendo que esta pertence aos pais da esposa do Turoponã.

Croqui 2 - Disposição dos núcleos domésticos em Barreira Alta

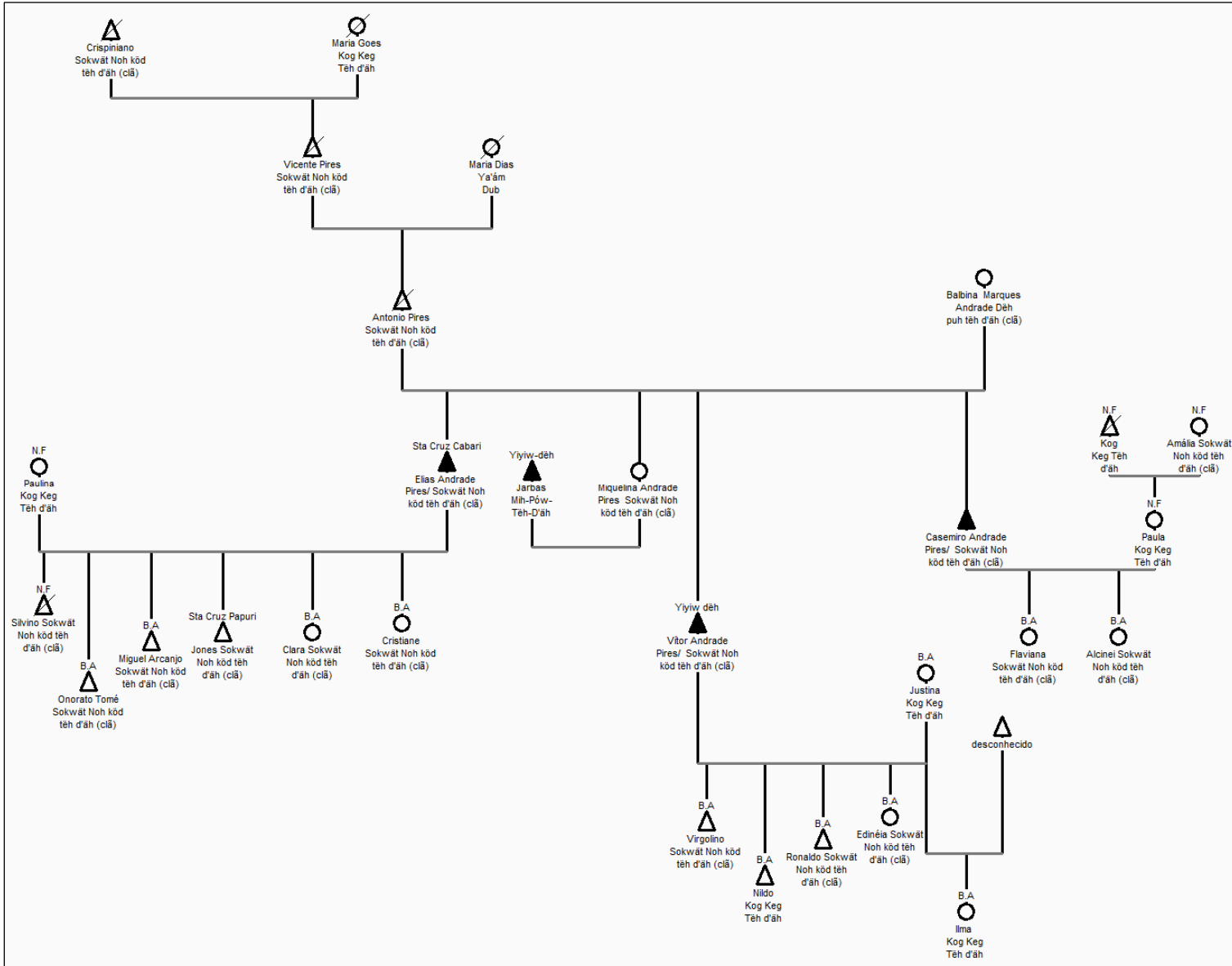



Diagrama 26 - Núcleo Doméstico A – Barreira II

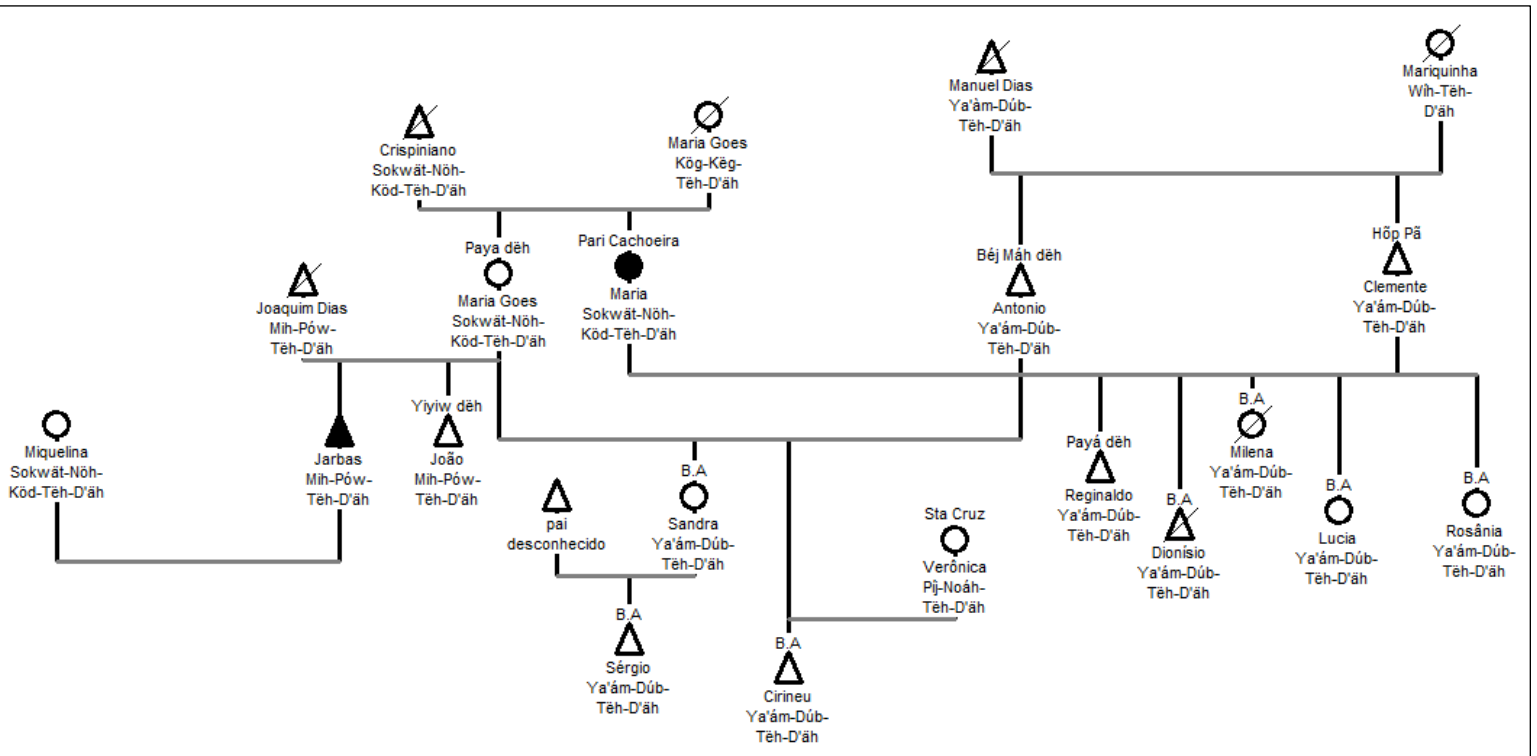



Diagrama 27 - Núcleo Doméstico B – Barreira II

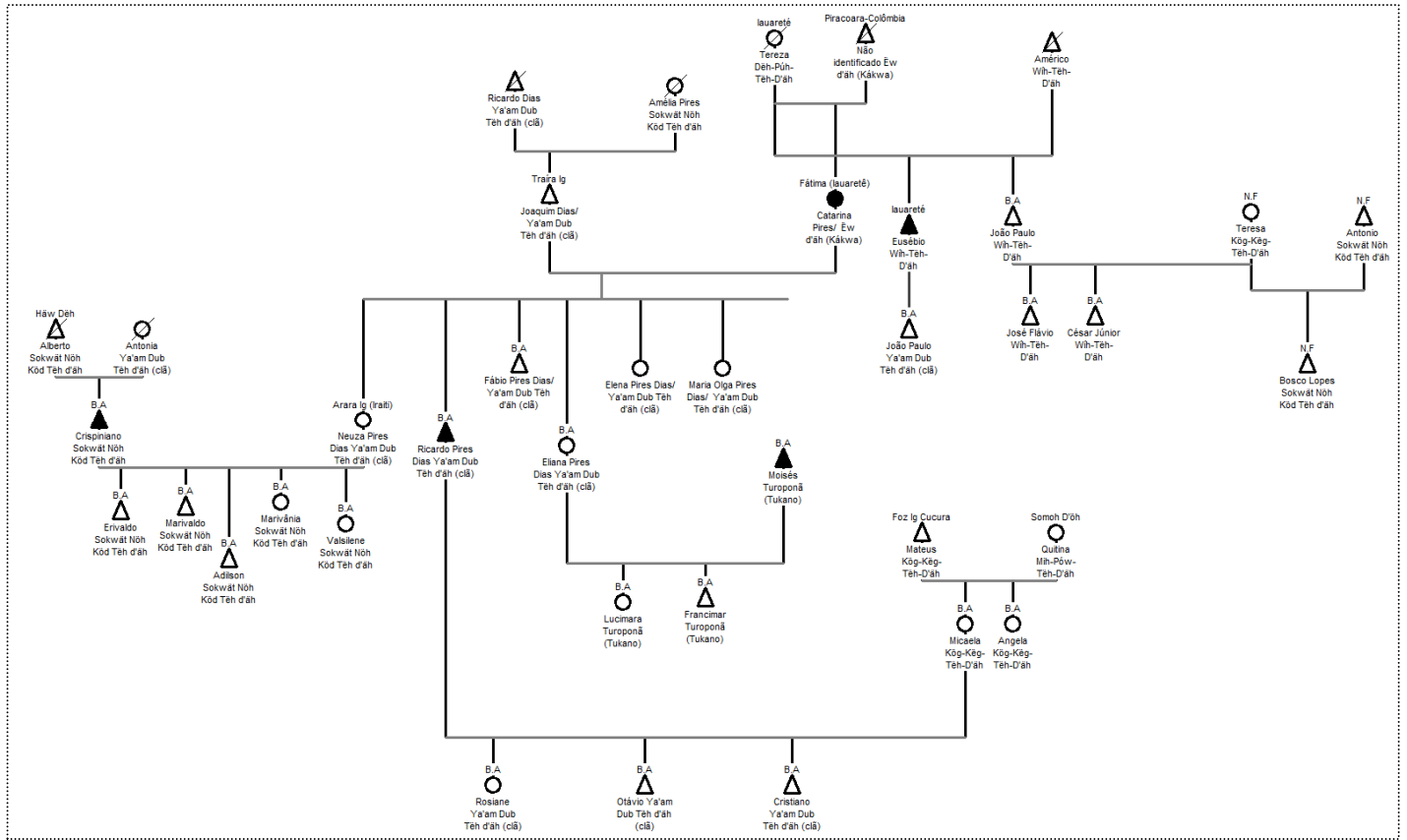



Diagrama 28 - Núcleo Doméstico C – Barreira II

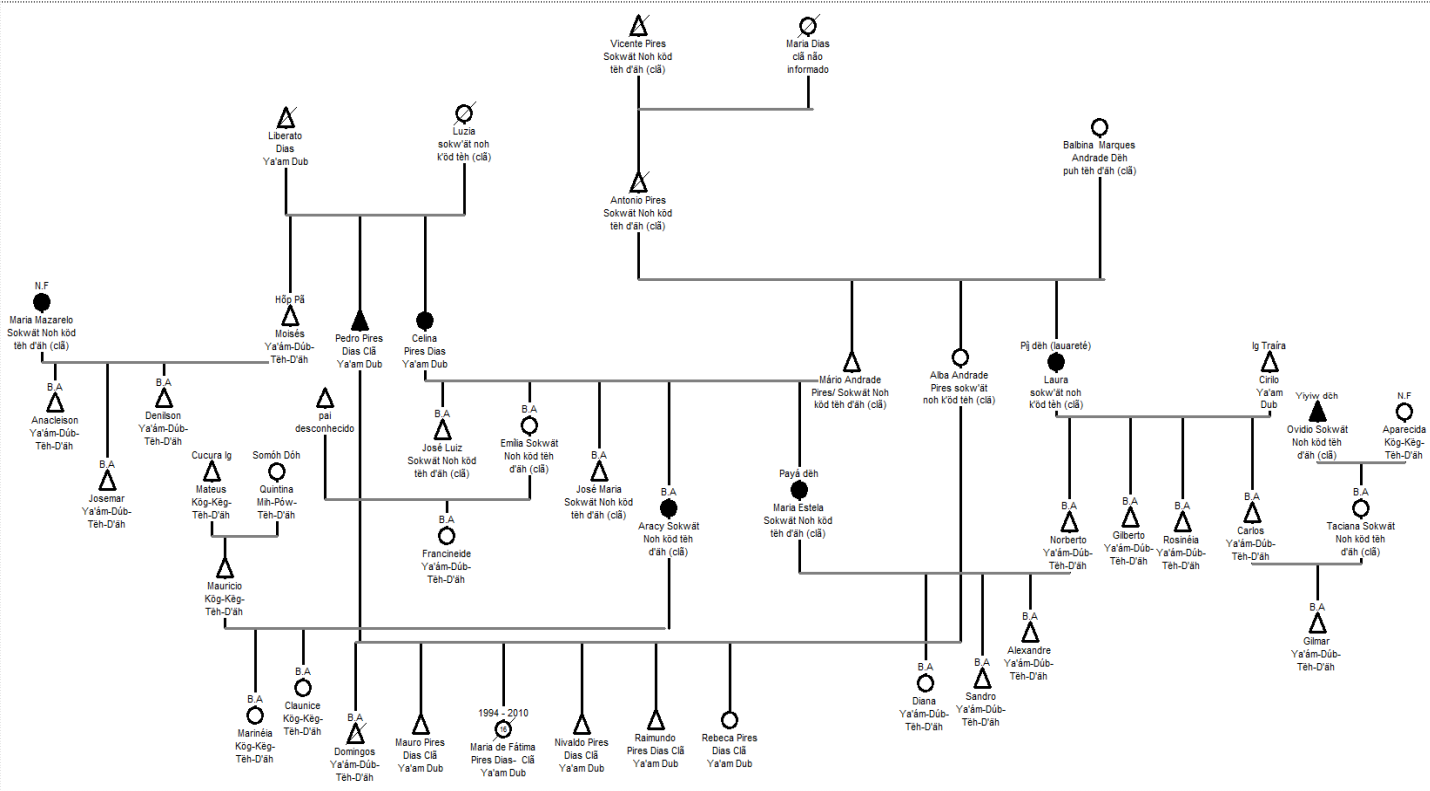



Diagrama 29 - Núcleo Doméstico D – Barreira II

Diagrama 30 - Núcleo Doméstico E – Barreira II

Diagrama 31 - Núcleo Doméstico F – Barreira II

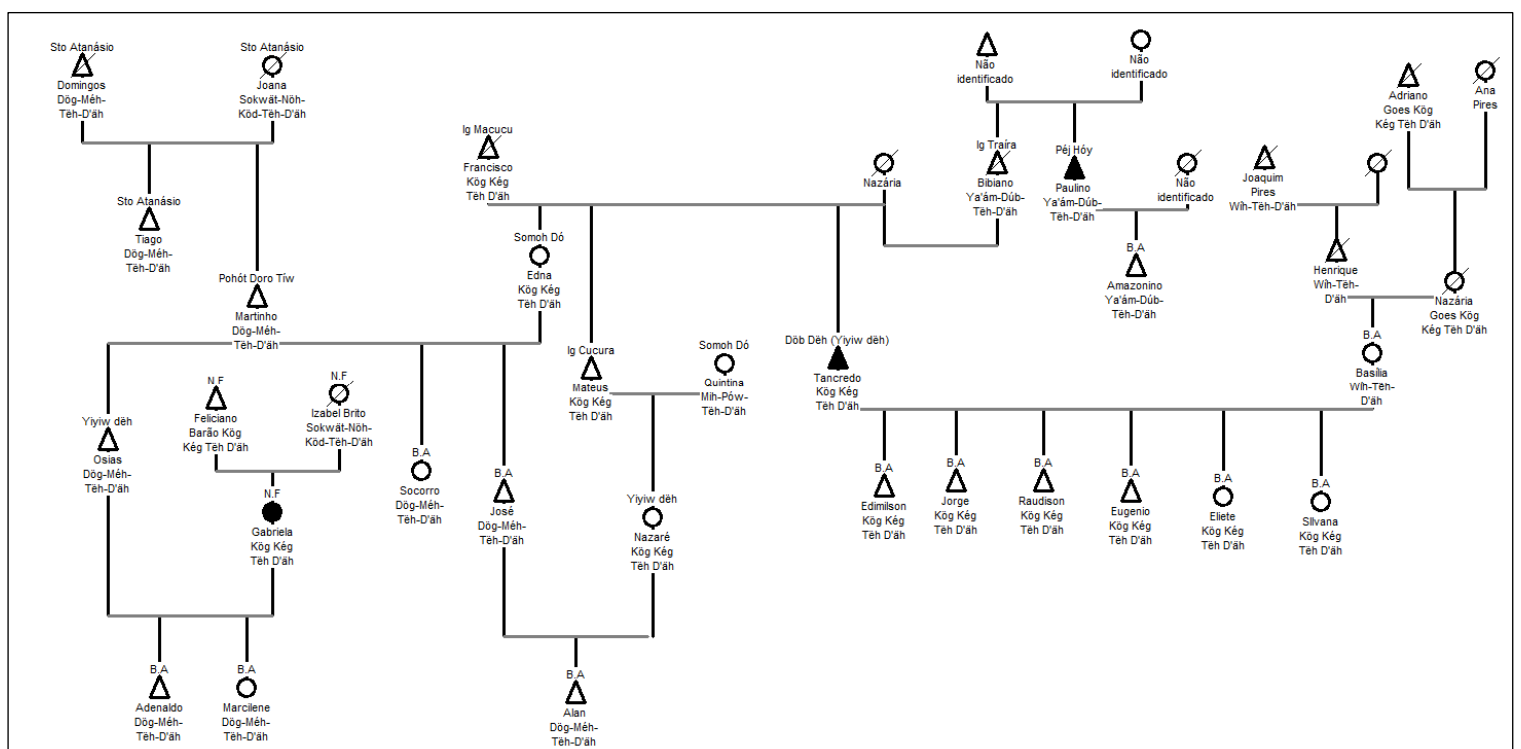
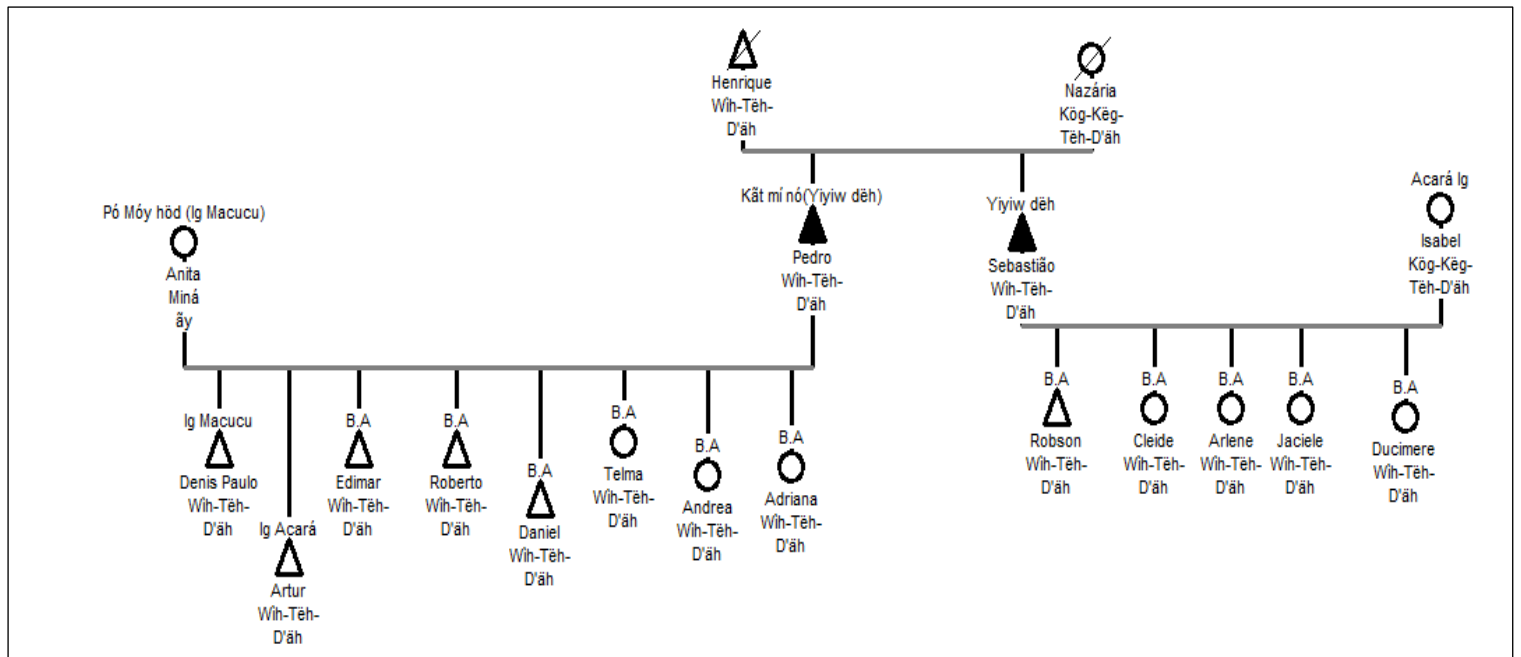
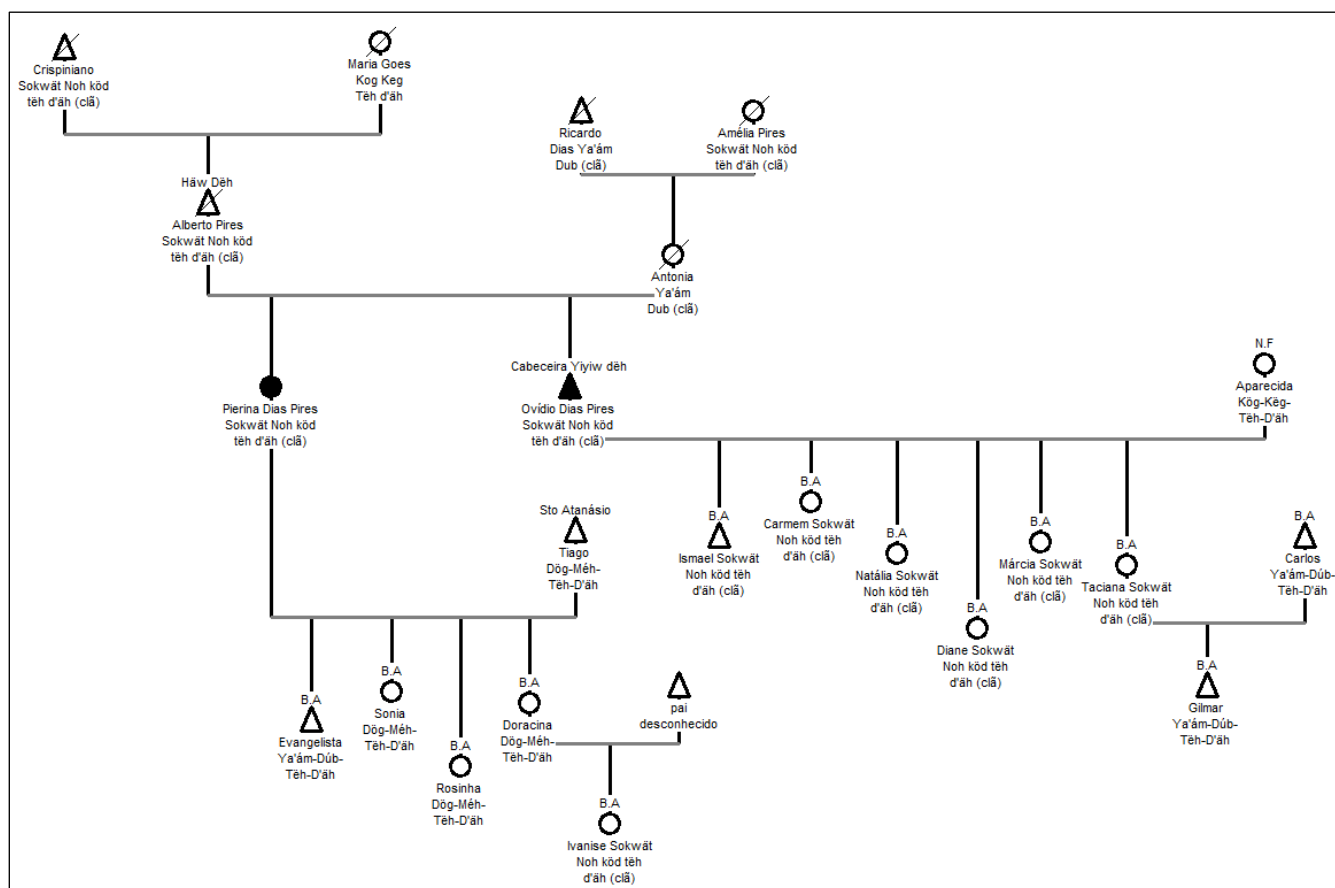



Diagrama 32 - Núcelo Doméstico G – Barreira II

No que se refere aos clãs do grupo local, no caso Barreira Alta, e a relação com os clãs dos grupos regionais (Barreira Alta, Taracuá Igarapé, Nova Fundação, Santa Cruz e Nova Esperança – povoados Hupd'äh no rio Médio Tiquié) Athias acena:

> Os clãs que fazem parte de um grupo regional não se apresentam como hierarquizados e a ordem que parece existir é aquela de chegada, ou seja, de incorporação no grupo regional. Esta mesma regra se observa dentro de um grupo local onde a ordem se dá dos mais velhos para os mais jovens, dos mais antigos para os recém-incorporados no grupo local. No entanto, na narrativa dos mitos e nas narrativas sobre os clãs se percebe um grau de hierarquização, pelo menos observado no nível de discurso. Esta ordem, evidentemente, irá mudar segundo o clã daquele que está narrando ou recitando o mito. (ATHIAS, 1995, p. 92)

No entanto, os Hupd'äh de Barreira Alta informam que os Sokwät-Nöh-Köd-Tëh-D'äh de Taracuá-Igarapé são irmãos menores dos componentes deste mesmo clã em Barreira Alta, lembrando que os Sokwät de Barreira Alta, Nova Fundação e Taracuá-Igarapé, situados no Tiquié, compõem um grupo regional. Os componentes dos Sokwät de Barreira Alta informam que os Sokwät das comunidades Hupd'äh de Santo Atanásio e Cabari, localizadas no rio Japu (outro grupo regional), afluente do Uaupés, são seus irmãos maiores. Os Kög-Kég-Tëh-d'äh têm o Sr Jose Barão, de Nova Fundação, como irmão maior. Há subdivisões no interior do clã Sokwät-Nöh-Köd-Tëh-d'äh. Ricardo esclarece que os Sokwät de Taracuá Igarapé são denominados Keg Bah Tëh d'äh, os de Barreira Alta são Meh Póh Tëh d'äh[49], contudo, ambos pertencem ao clã Sokwät Nöh Köd Tëh d'äh e, portanto, não se casam entre eles. Entre os Ya'ám-Dúb-Tëh-D'äh, somente localizados em Barreira Alta, não há essa subdivisão, no entanto, os Míh-Pöw-Tëh-d'äh são seus irmãos menores. De acordo com Athias (comunicação pessoal), essas subdivisões entre os Sokwät se devem ao fato de haver pelo menos 04 ancestrais relacionados de forma hierárquica dentro do clã, e cada qual forma uma linhagem com nome próprio, mas não compõem uma fratria e nem podem ser considerados distintos.

Há também a denominação de "Miná d'äh" para alguns grupos Sokwät, no entanto, Elias enfatiza que os Miná d'äh também pertencem ao clã Sokwät. Alguns membros do clã Sokwät se autodenominam de Miná däh porque, segundo Elias, são "conterrâneos dos Desano". Ou seja, os Miná d'äh são aqueles Hupd'äh que convivem, ou já conviveram próximo, ou no mesmo espaço territorial que os Desano. Segundo Ricardo, os Desano, grupo étnico da família linguística Tukano, eram os irmãos menores dos Hupd'äh Sokwät-Nöh-Köd-Tëh-d'äh, mas hoje os Desano "querem esconder essa verdade", como costumam dizer. A própria palavra "Miná", em hup significa Desano, em português. Aqueles Sokwät que conviviam com os Desano eram, e ainda hoje são chamados de Miná d'äh (Miná ãy – mulher; Miná ih – homem), mas seus membros, quando nascem, recebem os mesmos nomes que os Sokwät-Nöh-Köd-Tëh-d'äh (Nomes femininos: Pëd- Cunuri; Mèt; Sɨb; Mehén; Kawáy; Kawäg; Méh Pém / nomes masculinos: Mohóy Kä'; Méh Sɨh; Köd; Bó'; Húd; Éd; Böh). Ricardo, ao informar que sua mãe era filha de um Kákwa do clã "Ew däh" de Piracoara,

---

[49] Curioso que, de acordo com dicionário Hup-Portugues (2005), M'èh significa cobra e Póh = fermentação; tëh = descendentes ou filhos; d'äh – designa plural. Então seria algo como : filhos da cobra de fermentação. No entanto, é só uma hipótese, uma vez que eu não cheguei a discutir com os Hupd'äh o significado deste nome de um dos ancestrais do clã Sokwät-Nöh-Köd-Tëh-D'äh. Algo que merece maior atenção.

Colômbia, salientou que os Ëw d'äh também são considerados Miná d'äh por conviverem com os Desano, por esse motivo, a mãe de Ricardo se diz "Miná ãy".

-x-x-x-

Conforme abordado neste capítulo, de acordo com os estudos etnológicos da região, as relações entre organização social, política e econômica nos territórios pertencentes às famílias linguísticas Tukano, Maku e Aruak estão imbricadas e justificadas no mito de origem da humanidade, oriunda do sistema sócio-cultural da bacia do Uaupés (ANDRELLO, 2006; ATHIAS, 1995; AZEVEDO, 2002; CABALZAR, 2000; REID, 1979; SILVERWOOD-COPE, 1990). No entanto, o mito de origem baseado na viagem da Cobra de Fermentação/Transformação não é comum a todos os grupos étnicos que habitam a região do Alto Rio Negro, como é o caso dos Hupd'äh, mas aqui se tratando especificamente dos Hupd'äh de Barreira Alta, que vivem no local há pouco mais de 40 anos com seus vizinhos e patrões Turoponã. No decorrer dos anos de contato houve certa apropriação, ao menos no nível do discurso, do mito de origem da Viagem da Cobra de Fermentação/Transformação. Os dados de campo ainda sugeriram a relação do próprio nome de uma linhagem do clã Sokwät Nöh Köd Tëh D'äh, os Méh Póh (provavelmente "Cobra de fermentação"), que, por sua vez, localizam-se em Barreira Alta, e que também está relacionado ao rio Tiquié, denominado pelos Hupd'äh de Póh Dëh (provavelmente "água que fermenta"), como será destacado no próximo capítulo. Com este dado pode-se levar a pensar em duas hipóteses: 1) Os Méh Póh compartilham, com os Tukano, da mesma mitologia de origem baseada na viagem da Cobra de Transformação; 2) Esta linhagem do clã Sokwät-Nöh-Köd-Tëh-d'äh se apropriou e ressignificou a mitologia de origem de seus vizinhos e patrões Tukano.

De forma geral, se o mito da viagem da Cobra de Transformação não é comum a todos os clãs Hupd'äh em relação aos Tukano, pode-se dizer que o tema da má escolha e o princípio da inversão o é, sendo que tanto os Hupd'äh, e não somente os de Barreira Alta, quanto os Tukano atribuem a superioridade aos brancos, pelo fato destes, sendo os últimos e irmãos menores, tornarem-se os primeiros e irmãos maiores pela sua coragem ao lançarem-se nas águas borbulhantes do Lago de Leite. Outro argumento importante a se destacar, é que enquanto os Tukano justificam a relação assimétrica entre eles e os Hupd'äh, sendo os primeiros superiores em relação aos segundos, de acordo com a ordem de saída da Cobra, os

Hupd'äh têm sua justificativa em relação às flautas do Jurupari. Tal justificativa perpassa as três principais instituições do Uaupés: a Maloca, o Jurupari e o Dabucuri, pois para os Hupd'äh de Barreira Alta antes estes viviam como iguais em relação aos Tukano na Maloca Darayá; mas, durante o dabucuri, os Hupd'äh dizem aos Tukano que suas flautas zoam mais alto, os Tukano por sua vez, ficam com "inveja" e punem os Hupd'äh, destinando-os inclusive ao interior da floresta e não mais os reconhecendo como "irmãos". Vê-se aqui, na percepção Hupd'äh, as flautas do jurupari como determinante na separação territorial e consequentemente da organização social e econômica entre Hupd'äh e Tukano. Importante destacar que os Hupd'äh não se reconhecem inferiores em relação aos Tukano, eles justificam o motivo pelo qual os Tukano não os consideram mais como "irmãos".

CAPÍTULO 3: PERSPECTIVAS ETNO-HISTÓRICAS: TERRITORIALIDADE E MOBILIDADE DOS HUPD'ÄH DE BARREIRA ALTA

A temporalidade mitológica, descrita no capítulo anterior, estabelece a relação entre as distintas etnias, onde os Hupd'äh ocupam um lugar particular. Para entender a mobilidade dos Hupd'äh de Barreira Alta hoje, é necessário explorar a relação, para eles, entre território, espaço e tempo histórico. Nesse capítulo, a partir de uma discussão etno-histórica, abordo a discussão de mobilidade e territorialidade Hupd'äh, na perspectiva dos clãs Ya'ám Dub Tëh d'äh e Sokwät Nöh Köd Tëh d'äh e dos Turoponã, os Tukano de Barreira Alta. Começo com uma breve revisão da história registrada da região, do ponto de vista de quem vem de fora, baseada em fontes secundárias. Em seguida, destaco a história do ponto de vista indígena, conforme o levantamento realizado em 2010, mostrando como os clãs, que compõem o grupo local, e os rituais do jurupari estão relacionados com o território Hup (Hup s'áh).

3.1 Introdução à História de Colonização do Alto Rio Negro

A colonização do Rio Negro tem início logo nas primeiras explorações do Amazonas, na primeira metade do século XVII. Desde então, a região do Alto Rio Negro passa a ser a principal região que irá abastecer o Grão Pará e Maranhão de escravos indígenas. Eram as tropas de resgate, "expedições, destinadas à captura de escravos indígenas, que passariam a devassar as distantes regiões dos rios Negro e Amazonas, financiadas pelo governo colonial e por proprietários de fazendas e engenhos" (ANDRELLO, 2006, p. 71). Estas tropas enfrentavam locais de difícil acesso para promover as chamadas "guerras justas", o que na época justificava legalmente a escravização de indígenas, pois "salvavam" os cativos de guerras da suposta antropofagia por seus captores e, em troca, estes cativos deveriam pagar a dívida, entregando suas vidas com a servidão na colônia do Grão Pará e Maranhão.

Já no século XVIII, têm-se notícias de descimentos de indígenas da região do rio Uaupés para servirem como escravos na colônia. Entre 1740 e 1750, Pedro Braga, um comerciante de escravos, foi um dos maiores responsáveis pelo descimento e escravização de indígenas do rio Uaupés, vendendo-os em Belém. Braga era um "homem de fronteira". De acordo com Andrello:

> [...] os homens de fronteira constituíam uma população flutuante formada por

> desertores das guarnições militares, criminosos, mas também por homens engajados na coleta de drogas do sertão e no apresamento de escravos indígenas, que preferiam se estabelecer no sertão a passar grande parte de seu tempo nas longas viagens à capital da colônia (ANDRELLO, 2006, p. 72).

Este "homem de fronteira" possuía boas relações com as tropas militares portuguesas, também mantinha negócio com os carmelitas, que nessa época realizavam incursões missionárias na região, possuindo relações amistosas com os "principais" do Uaupés. (SWEET apud ANDRELLO, 2006, p. 74).

Ainda segundo Andrello (2006), Jesuíno Cordeiro, um tenente da guarnição de São Gabriel da Cachoeira seria indicado pelo capuchinho Frei Gregório José Maria de Bene para exercer o cargo de primeiro diretor de índios do Uaupés. Cordeiro, sendo nomeado com o novo cargo em 1852, irá empreender ataques às populações indígenas até o alto curso do denominado rio, matando homens, aprisionando e vendendo mulheres e crianças para Manaus, forçando o trabalho de indígenas no extrativismo, sob ameaças de morte, em nome das dívidas contraídas por estes.

Décadas mais tarde, mesmo com a extinção do cargo de diretor de índios em 1866, o português Manoel Antonio de Albuquerque, conhecido entre os indígenas do Alto Rio Negro como Manduca, no início do séc XX, foi um diretor de índios ou subprefeito, como informa Andrello, chegando a residir no Uaupés, em uma comunidade chamada Bela Vista, onde ainda hoje é possível ver as ruínas de sua casa à margem esquerda do rio. Segundo Andrello:

> O chamado subprefeito era conhecido entre os índios como Manduca, tristemente célebre no Uaupés pelas violências que viria a praticar. O estabelecimento da família Albuquerque nesse sítio constituía um evento inédito: excetuando-se curtos períodos de ação missionária, era a primeira vez na história da colonização que um "civilizado" instalava-se permanentemente no Uaupés com finalidade de exploração econômica. (ANDRELLO, 2006, p. 104)

Em um trecho do relato de Sr. Rafael Marinho, este diz ***"Era da turma do Manduca esses franciscanos, sabe? Aí esses (salesianos) vieram em cima desses franciscanos e ficaram os salesianos".*** Por que Marinho concluiu que os franciscanos eram "da turma do Manduca"? O diretor de índios ou subprefeito Manduca realizava explorações de pessoas com finalidades econômicas, os missionários, sendo também os agentes da colonização, até então, realizavam curtos períodos de viagens na região para atribuir nomes da civilização a partir do batismo, catequizar e realizar trocas de produtos advindos da roça e da floresta, bem como as culturas materiais (cestos, bancos, entre outros objetos) por sal, tecidos, fósforos, entre outros

itens industrializados. Acontece que os franciscanos, no final do século XIX, estabelecem-se no Uaupés, mais precisamente em Ipanoré, território dos Tariano – grupo da família lingüística Aruak – com um dos mesmos propósitos dos agentes coloniais anteriores: de firmar aldeamentos, o que também será objetivo dos salesianos a partir de 1914, como aponta o padre Brüzzi Alves da Silva:

> Em 1914, a Missão do Rio Negro e Uaupés foi confiada pela Santa Sé à Congregação Salesiana de S. João Bosco e inicia-se nova e mais promissora fase para aquelas tribos. [...] Os índios são atraídos para as margens desses rios e aldeados em pequenos povoados. Para a mais perfeita assimilação civilizadora, conforme os princípios cristãos (SILVA, 1975, p. 20, apud CAMARGO E ALBUQUERQUE, 2006).

Antes da intervenção salesiana, houve três franciscanos que fracassaram no processo de aldeamento ao exibirem, durante a missa, uma máscara do Jurupari às mulheres. A máscara é sagrada para todos os grupos indígenas da Bacia do Uaupés e compõe os recursos utilizados para práticas rituais de iniciação masculina, o que é absolutamente proibido às mulheres. Este feito culminou na expulsão dos franciscanos pelos indígenas, que “por pouco não acarretou na morte dos missionários.” (ANDRELLO, 2006, p. 95). A exposição da máscara do jurupari às mulheres foi, sem dúvida, o ato mais monstruoso cometido até então, na visão dos indígenas do Alto Rio Negro.

Foi nesse contexto de conflito com os franciscanos, que os missionários salesianos começaram a ganhar espaço entre os índios do Uaupés, que cada vez mais solicitavam novos missionários como medida de proteção, frente aos ataques de violência advindos da exploração econômica, não só do Manduca, como também de colonos residentes em São Gabriel da Cachoeira, além dos seringueiros e também dos balateiros da região da Colômbia, que na época empreendiam incursões no Uaupés brasileiros, recrutando de forma violenta mão-de-obra indígena.

Koch-Grünberg relata um massacre ocorrido em Uira-Poço (também se diz Vira-Poço), durante sua estadia no Rio Negro, entre 1903 e 1905. Empreendido por colonos com a ajuda de comerciantes, o massacre foi organizado em resposta ao assassinato de um dos seus pelos “Maku”, “escravos de Lorenzo, um chefe Tukano”, como informa o viajante. O relato de Koch-Grünberg e o relato de Sr. Rafael Marinho indicam que não eram os Turoponã que viviam ali nesse período, mas Uira-poço foi povoada por estes muito depois do massacre, a pedido do Manduca.

> Um jovem colono de São Gabriel, viajando no baixo Caiary[50], embriagado, começara uma briga com o Lorenzo, um chefe Tukano, e foi morto pelos seus escravos Makú. Aí foi aplicado um recurso que já causara muita desgraça e normalmente atinge o inocente: o Superintendente organizou uma "expedição punitiva". Alguns colonos do Rio Negro e do baixo Caiary, brancos e mestiços, e dois negociantes armênios associaram-se a ele, e o bando todo subiu pelo rio Tiquié, saqueando, incendiando e assassinando, até o povoado dos Tukano em Uira-poço, cuja aniquilação era o ponto alto das ações heroicas destes representantes de uma civilização mais elevada. (KOCH-GRÜNBERG, 2005, p. 280)

Os missionários salesianos vão combater enfaticamente esses ataques violentos nos povoados, sobretudo os balateiros colombianos, o que lhes dá credibilidade frente aos indígenas uaupesinos do lado brasileiro, no entanto, as relações dos salesianos com os comerciantes brasileiros serão mais "nuançadas", como aponta Andrello (2006, p. 106), pois "[...] considerando a magnitude de seu projeto, os religiosos dependeriam igualmente do trabalho indígena e, assim, da distribuição de mercadorias, de modo que estabelecessem com estes, relações análogas àquelas que mantinham os serigueiros".

Na década de vinte do século XX, serão implementadas duas missões no rio Uaupés, sendo uma em 1923, em Taracuá do Uaupés e outra em 1929, em Iauaretê e, posteriormente, em 1940, em Pari Cachoeira – no alto Tiquié (ANDRELLO, 2006, p. 105). A missão salesiana construiu, com a mão-de-obra indígena, internatos com o objetivo de catequizar, alfabetizar na língua portuguesa, formar mão-de-obra na área da carpintaria, jardinagem, agricultura, pastagem, corte e costura etc. Esses internatos foram o destino de muitas crianças indígenas da região. A maioria dos adultos indígenas do rio Tiquié, inclusive os Hupd'äh (e até mesmo de outras calhas de rio da bacia do Uaupés) chegaram a residir no internato. Muitos, sobretudo os Tukano, lembram que por muitas vezes apanharam por falarem sua língua, pois a regra imposta era falar apenas o português e quem não soubesse, deveria manter-se calado. Caso se expressassem na própria língua, o castigo era a "palmatória". Todos os Hupd'äh com quem cheguei a conversar no rio Tiquié fugiram do internato, com exceção de uma Hupd'äh, que ficara órfã em sua tenra infância e foi residir com as irmãs em Pari Cachoeria, permanecendo por oito anos e, inclusive, esquecendo sua própria língua, o que vai resgatar posteriormente, em seu retorno para sua comunidade, em Taracuá-Igarapé – baixo Tiquié.

---

[50] Uaupés

De acordo com Athias:

> Em 1975, a Prelazia do Rio Negro, em dados colhidos pelos missionários salesianos, estimava um total de 4.531 indígenas assistidos pela Missão de Yauareté, que incluía os Rio Uaupés (Alto e médio do lado brasileiro) e o rio Papuri. A Missão de Pari Cachoeira assistia naquele mesmo ano 3.238 indígenas no Rio Tiquié. E 960 índios eram assistidos pela missão de Taracuá que cobre o baixo Rio Uaupés até as proximidades do povoado conhecido pelo nome de São Joaquim. Este total de 8.729 índios contabilizado pela Prelazia inclui todos os grupos linguísticos da bacia hidrográfica do Uaupés do lado brasileiro, inclusive os Maku. (ATHIAS, 1995, p. 48)

Logo nas primeiras décadas do século XX, a partir do contato com os salesianos, os Turoponã mudam para Barreira Alta, sendo um dos motivos principais, as brigas entre os parentes Tukano em Uira Poço. Moisés Marinho, professor Tukano-Turoponã conta que seu clã se juntou às duas famílias Tukano, de sobrenome Peixoto – do sib Doé – que já residiam em Uira Poço e atualmente vivem na comunidade Boca da Estrada, localizada abaixo de Barreira Alta. Após um longo período morando juntos, as brigas durante os caxiris tornaram-se cada vez mais constantes, sobretudo as acusações de feitiçarias e envenenamento, o que faziam com que as pessoas ficassem com diarréias e dores de cabeça, daí a explicação de Sr. Rafael quando diz que “botaram paricá[51]”, que no sentido atribuído durante nossa conversa, ficou a entender que, na verdade, era envenenamento. Como relata Moisés:

> ***Aos poucos foram acontecendo brigas, feitiços, feitiços que eu digo é estrago, estrago do lugar, nas roças, nas plantações. Assim, vamos dizer, parecia espíritos invisíveis nas pessoas. As pessoas começavam a ficar doentes, aparecia diarréia, dor de cabeça, coisas que foram acontecendo, aí com isso, houve mais briga. Toda vez que bebiam, brigavam, aí, esses nossos tios ancestrais pensaram: não, essa briga não vai dar resultado, vamos mudar de lugar.*** **(Moisés Marinho)**

Sendo estes, os motivos atribuídos pelos Turoponã para a saída de Uira Poço, decidem então povoar Pinó Peri, Yuyutá, ou Barreira Alta, pois não desejavam, como mandaram seus parentes, retornar ao Rio Castanho ou mesmo para o rio Papuri. Barreira Alta, segundo professor Moisés Marinho, é considerada um lugar sagrado para os Turoponã. Antigamente, antes mesmo dos Turoponã residirem no local, era muito perigoso, pois havia uma cobra submersa no rio e toda vez que alguém tentasse atravessar as águas, estas

[51] O paricá (*Shizolobium amazonicum*) é uma planta utilizada também para finalidades alucinógenas e terapêuticas

burbulhavam, por isso, ninguém se atrevia a nadar ali. Porém, quando os Turoponã decidem morar naquele local, os Kumu (xamãs) realizam um procedimento xamânico para tornar possível a moradia. Como relata Moisés:

> ***É um lugar sagrado, segundo os parentes. Aqui eu sei que é um lugar sagrado, aqui em Barreira Alta. Dizia meu finado irmão que essa praia, quando passavam algumas pessoas, eles começavam de borbulhar, como chama, Manjuba que eles dizem. As pessoas podiam banhar aqui na beirada, no meio não. Aqui era um lugar perigoso, principalmente à noite. E o bichão, o dono daqui está aqui em baixo, onde está esta casa. Mas só que ele já está manso, para não tá atacando as crianças tomando banho nesse porto, e benzeram para ele ficar manso e calmo porque tem história. Ele está olhando para lá, para aquela serra. Ele é manjuba, bichão, uma cobra grande, vamos dizer assim. Agora está calma, os benzedores deram livro para ele ficar lendo, fumo para fumar, ipadu para comer, ele só olha para lá. Eles sabiam que o bichão era perigoso. Quando chegaram aqui, logo benzeram para ele não ficar bravo. Segundo a visão deles, que eram pajé, benzedores, então eles já sabiam que tinha o bichão aqui. Colocaram uma cadeira para ele, olhando para a serra, olhando para lá e nada de querer olhar para cá, fica olhando para lá, ler, folhear, fumando cigarro. Se não fizessem isso, já era, viu? Quando eu era guri, era bem perigoso, agora não, eles atravessam para lá. Principalmente para as meninas que estão menstruadas, mas agora não, elas podem atravessar, brincar. Isso porque os velhos benzeram. (Moisés Marinho)***

3.2 Trajetória dos Turoponã e a formação da Comunidade de Barreira Alta

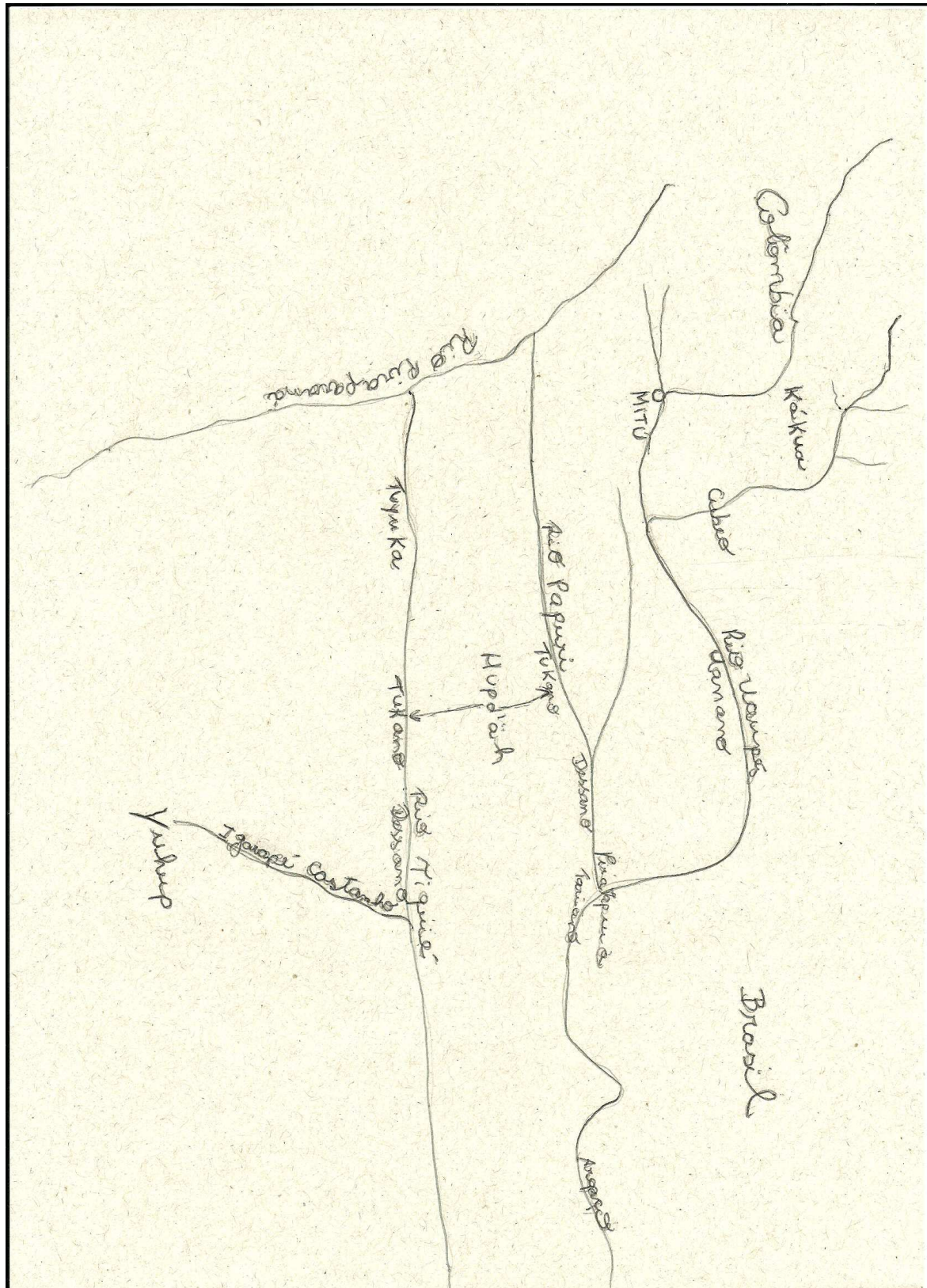
Pamɨri Yɨhkɨsɨ, depois de ter deixado cada tribo, o nosso bisavô já teve assim de ser livres, de tribos sabe? Quer dizer, não queria improvisar com outras turmas, queria ser livre, queria ser uma turma independente, sabe? Moraram com os irmãos deles. Assim que ele ficou no Ye Bua, onde ele havia feito uma maloca, uma comunidade com sua turma, aí moravam, fazia maloca, dançavam, faziam festa com seus irmãos. Aí do Turi Igarapé, né? A boca do Turi Igarapé, tá aí, esse sitio velho. Onde esse Doétiro entrou, tem a sepultura dele. Tem o seu irmão que entrou também, aí que está existindo hoje em dia a sepultura dele. Se tivesse uns tempinho a gente ia lá, para ver como está. Você, eu e meu irmão, a gente ia tirar fotografia. A gente ia até no Turi Igarapé. A gente chegava aqui no Santa Cruz, conversava, emprestava canoa e ia embora até na Boca do Turi Igarapé. Em Tukano é Ye Bua, em português é Morro de Garça, onde ele tinha feito a comunidade, onde ele estava, como se dá o nome desse... Tawá branca? Era um muro grande, só cheio de Tawá...quando eles limparam ficou branco, sabe? Por isso deram o nome de Ye Buá. Ye é Garça, é branco né? Por isso que deram o nome desse significado, dessa comunidade. Aí que Doétiro ficou com seus irmãos, morou não sei quantos tempos, depois que ele veio passando de outra comunidade, fez outro povoado e morou não sei quantos tempos. Depois veio outro, tem um panará de Peixe, aí ele povoou outro povoado, depois dessas três comunidades, aí veio com sua irmã, com outro pessoal de Yauarete, com outro Dessano. Ele teve esse filho do Doétiro, chamado Rouxinol, em Tukano Turopona, é Unemini é rouxinol, o filho dele, filho do Doétiro. Unemini que se tornou Turoponã.[52]

(Yesemi Turoponã/ Rafael Marinho)

De acordo com o relato de Sr. Rafael Marinho, Tukano do clã Turoponã, os Turoponã vieram do Igarapé Turi, localizado no Rio Papuri. Rafael Marinho conta que o primeiro Turoponã se chamava Unemini, que em português significa Rouxinol. Segundo Sr. Rafael Marinho, nessa época, não existiam padres na região ou ainda não os tinham visto, no entanto, o primo de Unemini já tinha um nome português (Maximiniano), o que indica que alguns brancos já conheciam a região. Ele era filho do Doétiro. Unemini era de baixa estatura e, certa vez, cansou de tanto dançar com uma mulher durante uma festa, e esta logo o apelidou de Turo, que é um sapo pequeno que vive no mato. Daí, ele passou a ser chamado também de Turo e seus descendentes Turoponã, ou seja, Turo: sapo pequeno do mato; e Ponã: filhos/descendentes. Unemini se casou e teve um filho, as duas irmãs de Unemini se casaram e cada qual teve uma filha. Então, Unemini decidiu que seu filho se casasse com essas moças, no entanto, "o pessoal" de Yauareté veio tomar essas moças. Eis o motivo que levou Unemini ao Rio Tiquié.

---

[52] O relato de Sr. Rafael Marinho foi realizado em português.

Aí ele decidiu que o filho casasse com essas moças, sabe? Aí o pessoal de Yauarete veio tomar essas moças antes dele. Ai se brigaram com os próprios cunhados, e ele, esse Rouxinol, Turoponã matou próprio cunhado, acontecendo assim, ele pensou de fugir e vir para cá. Assim que veio o nosso bisavô. (Yesemi Turoponã/Rafael Marinho)

MAPA 3 – Localização dos rios Uaupés, Papuri e Tiquié (Fonte: Ramos, 1980)

Chegando ao Rio Tiquié, Unemini permaneceu por um tempo na maloca de seu primo, que, segundo Rafael Marinho, foi o primeiro Tukano a povoar aquela região. O primo se chamava Maximiano, e sua maloca se localizava em Mosa Bua (Serra de Urucum), que depois passou a se chamar Comunidade São José I. Esta comunidade existe até a atualidade e dista, de Barreira Alta, 15 minutos com motor 40. Em um trecho do livro "Dois anos entre os indígenas", Koch Grunberg (2005) faz menção à Maximiano, "o chefe Tukano", que conheceu durante sua estadia no Rio Tiquié, ao que tudo indica após a chegada de Unemini ao Tiquié:

> Maximiano, um homem idoso, baixinho, com barba forte que dava na vista, recebeu-nos cortesmente na sua maloca arejada. Estava vestido com calça e camisa. Seus cabelos e a barba estavam quase brancos, uma raridade entre os indígenas. Ele pediu logo desculpas, por não falar português, e mencionou o seu próprio patético nome: José Maximiano da Silva Francisco. Ele disse que não estava pessoalmente construindo a maloca, eram os Makú que deviam fazê-lo, e ele dispunha de muitos deles. Ele era em geral o "dono do Conory-Igarapé", o qual, por causa da abundância de residências de Maku, era chamado também "Maku-Igarapé". Aqui tinha estado a grande missão de São José. Ainda havia algo que lembrava aqueles tempos. Um pouco abaixo do porto atual havia um embarcadouro, já invadido pela vegetação, que os meus remadores chamavam de "porto do pai Venâncio". O chefe mostrou-nos, no meio da praça livre, a ruina da Tupanaroka (Casa de Deus), que tinha sido uma pequena capela. Somente o madeirame carbonizado permanecera em pé. Num dia em que queimavam o capim, a Casa de São José foi destruída pelo fogo. Na maloca de novo encontrava-se uma casinha, colorida e fechada, com a imagem do Santo. Maximiano perguntou-me qual era hoje o dia de semana, quando haveria Páscoa etc. (KOCH-GRÜNBERG, 2005, p. 281).

Chegando à maloca de seu primo, Unemini tinha a intenção de partir para o rio Traíra, mas Maximiano pediu que ficasse para que lhe ensinasse sobre benzimentos e dança. Assim, Unemini aceitou o convite e ficou até que um dia os Hupd'äh chegaram para avisar que o inimigo de Unemini estava se aproximando para matá-lo. Segundo Sr. Rafael, foram os Hupd'äh que abriram o caminho do Papuri até o Tiquié, sendo eles os primeiros a chegar neste rio. No entanto, viviam no interior da floresta, enquanto que os Tukano viviam na beira do rio. Os Hupd'äh prestavam serviços diversos para os Tukano, dentre eles, a construção de malocas, como descrito por Koch-Grünberg, e na proteção de seus patrões, frente a inimigos.

Esse pessoal, os Hupdah que avisaram ele, porque eles que fizeram esse caminho para varar aqui. Eles que vieram primeiro, como dizem outros, vieram primitivos. Nós somos não é não, esses quem é primeiros moradores daqui. Não pode discutir com eles. Nós

somos passageiros, sabe? É. Nosso terreno, onde havia nosso bisavô era lá de Turi Igarapé, pra cá não. É. Porque nós viemos assim pelo fugitivo, como fazia. (Yesemi Turoponã/Rafael Marinho)

Ao ser avisado pelos Hupd'äh que seu inimigo, um Desano, estava a caminho, Unemini resolveu então conversar com Maximiano sobre a necessidade de sua partida, mas seu primo não queria que ele fosse para longe, então, sugeriu que ele fosse povoar o Rio Castanho, pois lá havia terra boa para plantar. Sendo assim, Unemini foi conhecer o local, construiu sua maloca e lá se estabeleceu para o resto de sua vida, em uma comunidade chamada Trovão. Após sua morte, Seripi, seu filho veio descendo o Rio Castanho, criando filhos e formando comunidades nas últimas décadas do século XIX, aproximadamente. Seripi faleceu em uma comunidade chamada Morro de Cutia. Assim, seu filho Doé (um tipo de peixe chamado Traíra), segundo Sr Rafael, "prosseguiu governando". Estabeleceu-se em uma comunidade chamada Eúra e lá faleceu aproximadamente no início do século XX.

Doé (o herdeiro de Seripi) chegou a receber um comunicado de Manduca, na época, o diretor de índios, convidando os Tukano a se juntarem para trabalhar e receber documentos. Assim, Doé convidou seus filhos e parentes. Estes se juntaram e formaram a comunidade Vira Poço (Behsura, em Tukano, que em português significa "local onde os antigos caçavam com flecha e curare"), localizada à margem direita do rio médio Tiquié. Atualmente, esta antiga comunidade é o local onde se situam as roças dos Turoponã.

O nosso bisavó que teve morando aí, ele teve duas filhas só, enquanto que ele tava vivendo aí naquele Vira Poço, aí chegou esse Manduca e distribuíram patentes, documentos. Ele que havia dominando os indígenas sabe? Aí ele recebeu para ele poder trabalhar, como ele teve duas filhas, elas não podiam fazer nada. Ele, então chamou esse primeiro que estava morando aqui, esse Doé ponã e entregou esse papel. - Olha você vem aqui, brancos querem fazer assim, vocês construir alguma coisa com nossos filhos, você vem aqui. Ele entregou esse patente. Eles vieram aí e povoaram esse Vira Poço. Depois dele esse nosso bisavó, Doé, foi chamar nossos pais. Para o José Baya, pro Paô, pro Martinho, pro Candido, pro Roque, pro nosso bisavô Casemiro. Morava aqui pela metade do caminho. Aí escutando isso eles vieram, fizeram casas, roças, aí juntaram no Vira Poço, na época do Manduca. Disse para fazer uma escola, uma capela quando chegasse os padres franciscanos. Chegaram sim. Chegou os padres franciscanos, aí teve briga...enquanto que eles estavam fazendo assim aí chegavam os missionários e proibia o Manduca, os salesianos Dom Bosco. Era da turma do Manduca esses franciscanos, sabe? Aí esses (salesianos) vieram em cima desses franciscanos e ficaram os salesianos. Aí esse padre João, depois, mais tarde ficou Dom Joao, ele veio trabalhou aqui com a gente, abriu a comunidade. Ele era italiano, né? Ele chegou mais tarde, ele abriu a missão de Taracua, Pari Cachoeira, Yauarete, ele mesmo ficou diretor, ele mesmo mais tarde ficou pastor, Dom

João Marchesi. Aí retornaram os nossos pais, aí foi briga nessa comunidade. Botaram paricá, ficaram adoentados, aí eles mandaram retornar de novo, para o mesmo lugar, mas nossos pais não queriam retornar, aí povoaram aqui em Barreira. (Yesemi Turoponã/Rafael Marinho)

As patentes, que o Sr. Rafael Marinho se refere, eram cartas-documentos oferecidas por diretores de índios[53] – cuja atribuição era fixar e civilizar os grupos indígenas – a alguns indígenas de forma a reconhecê-los perante a sociedade nacional como lideranças, o que lhes conferia o status de chefia, em troca de seus serviços prestados aos agentes da colônia. Entre 1848 e 1851, os índios do Uaupés passaram a receber essas cartas (ANDRELLO, 2006, p. 84), mas, ao que tudo indica, continuaram a receber até o mandato de Manduca, em inícios do século XX. Essas lideranças indígenas locais eram também chamadas de "principais" e também conhecidas como "tusháuas[54]" no médio Uaupés. Como aponta Andrello (2006, p. 84) "*nas fontes, há indicações claras de que por intermédio desses tusháuas as 'autoridades' ou os 'negociantes' locais logravam obter 'gentes de outras nações' que poderiam ser colocadas a seu serviço ou enviadas a autoridades e negociantes maiores de Manaus*". Levando em consideração o relato de Sr. Marinho, o objetivo era também fixar os índios em um determinado local, sob o nome da "civilização", de forma a facilitar os interesses comerciais desses diretores de índios.

No início, quando os Turoponã mudaram para Yuyutá, na beira do rio médio Tiquié, o local, segundo Moises Marinho, "era de mata virgem", e os Tukano o chamavam de Pinó-peri. A mudança não foi imediata. Primeiramente, benzeram o local, "acalmando a cobra grande", depois começaram o trabalho na roça, construindo apenas um acampamento no centro da comunidade, próximo à beira do rio. Após dois anos, quando já havia mandioca para colher, construíram uma maloca e assim, fixaram-se em Barreira Alta. Segundo Sr. Casemiro Marinho, irmão do Sr. Rafael Marinho, que reside em Barreira Alta atualmente, conta que nasceu nessa comunidade em 1942, no mesmo ano da mudança dos Turoponã para a atual comunidade, sua mãe estava grávida dele. Casemiro informou que eram 12 famílias Turoponã que viveram em Barreira Alta no princípio, e que todos viviam em uma maloca, somente depois, com o pedido dos salesianos, as famílias começaram a construir, cada qual, sua casa.

---

[53] O cargo foi instituído desde 1758, a partir da criação do Diretório Pombalino, e extinto em 1866 (ANDRELLO, 2006). Porém, pode-se dizer que Manduca exerceu o cargo de Diretor de Índio nas primeiras décadas do séc XX.

[54] Chefe, na língua geral.

Os Turoponã contam que quando os padres salesianos chegaram em Pinó Peri em 1958, chamaram de Barreira Alta, pois a comunidade era alta e com muito barro, que por vezes deslizava e quase não aparecia o porto. No entanto, quando se inaugurou a escola, a comunidade foi chamada de Nossa Senhora dos Remédios. ***"Aí nossos pais se ganharam. Fizeram capelas, tiveram muitos alunos, os nossos irmãos, estudantes de Taracua, aqui em Pari. Aqui tiveram muitos carpinteiros, pedreiros. Então eles mereceram, chegou o padre Ezequiel e teve confiança. Ele que tinha dado essas telhas, ele mereceu uma capela aqui, grande, bonita. Aí recebemos nossa senhora, a estátua Nossa Senhora dos Remédios"*** **(Yesemi Turoponã/Rafael Marinho)**. Depois, a comunidade ficou mais conhecida como Barreira Alta, e os Tukano a chamavam de Yuyu Sá, que significa "argila". Os Hupd'äh costumam chamar a comunidade de Yiyiw dëh, por esta se localizar próximo ao igarapé de mesmo nome para os Hupd'äh, que em português significa "igarapé de maniuara" (um tipo de formiga).

Sobre o local, onde hoje é Barreira Alta, Koch-Grünberg traça um relato rapidamente, durante sua passagem pelo rio Tiquié no início do século XX, quando os Turoponã ainda não residiam ali, indicando também que era conhecido pelos Tukano, pelo nome Pinó-peri, que em português significa "buraco da cobra".

> A margem esquerda do Tiquié eleva-se formando uma alta barranca de barro vermelho. O lugar é chamado Pinó-peri, em Tukano (Buraco da Cobra). Antigamente aqui teria vivido uma cobra gigantesca, belamente desenhada. Os dois buracos grandes ainda estão visíveis. Logo desemboca na esquerda o Conory-Igarapé. No alto curso deste há um caminho que em três dias conduz ao Papurý. Todo o igarapé e os seus arredores até o Papurí estão habitados por Makú. (KOCH-GRÜNBERG, 2005, p. 280)

Ainda na época da chegada dos Turoponã a Barreira Alta, Sr. Rafael conta que os Hupd'äh, que moravam no interior da mata, mas andavam também próximo ao rio, estavam pescando acará (*Geophagus* brasiliensis) na boca do igarapé Yuyu Sá (e yiyiw dëh para os Hupd'äh). Eram os avós de Elias, do clã Sokwät Nöh Köd Tëh D'äh (Descendentes do Bico do Tucano) e de Pedro, do clã Ya'am Dub Tëh D'äh (Descendentes do Rabo de Onça). Eles perceberam a chegada de um grupo naquele local e, segundo Rafael, estes foram contar a seus irmãos sobre o ocorrido, retornando depois com suas flechas e cercando os Turoponã, a fim de questioná-los sobre o que estavam fazendo ali.

Aí vieram uma turma com flecha, esses Hupd'äh. E perguntaram o que a gente tava fazendo ali. Aí nossos pais contaram: "Olha, aconteceu assim, assim, nós não queremos voltar lá, queremos morar aqui. Vocês permitem ou não? Se vocês não permitirem, a gente vai embora". Ai eles [os Hupd'äh] falaram: "Tá bom. Vamos ficar juntos, amigos. Vocês aqui na beira, nós no centro. Assim que vocês conseguirem alguma coisa, sal, fósforo nós vamos trocar com nossas coisas, aturá. Vamos ficar assim. Tá bom". Aí ficamos com nossos pais. Aí toda vez que eles vinham, a gente trocava fósforo, sal, trocava com aturá. (Yesemi Turoponã/Rafael Marinho)

De acordo com o relato de Sr Rafael Marinho, os antepassados de algumas famílias Hupd'äh, que atualmente residem em Barreira Alta, prestavam serviços aos Turoponã desde a vinda de Unemini ao Rio Tiquié. O Sr. Alberto Pires informa já ter trabalhado para uma família Turoponã, antes mesmo de ir morar em Barreira Alta. Marinho relata que foram os Hupd'äh que abriram o caminho, provavelmente para o Maximiano, que já morava em São José I, antes da chegada de seu primo. Segundo informação do pajé Hup de Barreira, Sr. Mateus, o primeiro Hup a descobrir o Tiquié foi o Wayá, avô do falecido João Brasil (clã Pij Noá Tëh d'äh), que chegou a morar na maloca do Maximiano.

Nota-se, no relato de Sr. Rafael, que na época de povoamento de Barreira Alta, os Hupd'äh já tinham interesse em adquirir produtos como o sal e o fósforo, podendo assim os trocar por seus cestos de carga.[55] Importante salientar que os Hupd'äh adquiriam esses produtos por intermédio de seus patrões e vizinhos, pois raramente um ou outro Hup se aproximava dos brancos, que antes da instalação da missão salesiana, eram alguns poucos viajantes que por ali passavam paralelamente aos seringueiros, aos balateiros e aos "capangas" de Manduca, os quais, os Hupd'äh ouviam notícias e tinham muito medo de serem capturados como escravos por eles, o que fazia com que, cada vez mais, os grupos Hupd'äh se embrenhassem no interior da floresta. Os relatos dos meus informantes, apresentados no que segue, tendem a sustentar este argumento.

Certa vez, um velho Hup, Sr. Dui (Luis) como é chamado, que atualmente vive entre as comunidades Ambaúba (um pequeno povoado Hup, localizado à margem direita do médio rio Tiquié) e Nova Fundação (um povoado-missão Hupd'äh), contou-me que, na época do Manduca, os Hupd'äh viviam fugindo para não serem pegos. Quando um Hup chegava de algum trabalho com os Tukano, informando sobre um possível ataque dos "homens do Manduca", mulheres, homens e crianças, prontamente abandonavam o local.

---

[55] Aturá, em língua geral. Mày, em língua Hup. Os aturás são confeccionados pelas mulheres Hupd'äh.

O xamã Hup de Barreira Alta, Sr. Mateus, relatou que seu avô, também xamã, chamado Luiz, morava no Igarapé Macucu (rio Papuri), onde certa vez se aproximaram os companheiros do Manduca, que, por sua vez, vinham acompanhados de um Tukano. Conta que o objetivo era capturar os Hupd'äh para escravizá-los. Este homem Tukano conhecia as pessoas e o local que esses Hupd'äh moravam, por isso, serviu de guia aos capangas de Manduca, informando-lhes, segundo meu informante, Ricardo (Bëbëp – Borboleta - do clã Ya'ám-Dúb), que os Hupd'äh eram "pacíficos", portanto, não haveria problemas.

Alguns Hupd'äh que estavam no mato, inclusive Sr Luiz, perceberam a aproximação de estranhos e se esconderam na mata. Quando o primeiro homem passou, Sr. Luiz deixou, pois se tratava de um Tukano, mas quando o segundo, um "homem do Manduca", passou, Sr. Luiz lhe lançou uma flecha embebida de curare, e em segundos o homem morreu. Os outros que vinham atrás se assustaram e voltaram às pressas juntamente com seu guia. Os Hupd'äh saíram do mato e foram averiguar o corpo morto. Sr. Luiz e outros, que também eram do clã Kög-Kég-Tëh-d'äh, lamberam-lhe o sangue e logo após lançaram o corpo nas águas do Igarapé Muçum. Depois, fugiram com suas famílias para outro local. Sr. Mateus contou que seu clã, os Kög-Kég-Tëh-D'äh também são conhecidos por Biwíw n'en tëh däh (Biwíw =sangue, n'en = veneno, tëh d'äh = filhos). Ricardo informou que em português eles chamam "os lambe-sangue", pois os Kög-Kég logo após matarem um inimigo, lambiam-lhe o sangue.

Contudo, de acordo com tais relatos, as fugas por conta das constantes ameaças de grupos, como as tropas de resgate, ou ainda, dos capangas de diretores de índio, é um fator importante a ser levado em consideração e, ao que tudo indica, também pode ser um dos motivos pelo qual levou os Hupd'äh a permanecerem cada vez mais no interior da floresta, ou ainda a perambularem cada vez menos em locais próximos ao rio, como medida de proteção às ameaças de comerciantes e militares.

Como ainda conta Sr. Mateus, nessa mesma época do Manduca, o avô de Vicente Villas-Boas (da comuniade São José II, parente de Unemini, como relata Sr. Rafael Marinho) morava em uma maloca, longe da beira do rio. Esse relato indica que, por medida de segurança frente às ameaças externas, os Tukano de São José II decidiram residir longe do rio neste período. Da mesma forma, Andrello (2006, p. 105) informa que os Tariano, da família Aruak, também foram obrigados ao deslocamento do rio para o interior da floresta, ainda em princípio do século XX. "Nesse período, houve também uma visita do bispo de Manaus, D. Federico Costa, ao alto rio Negro. Em sua visita ao rio Uaupés, ele encontraria os índios

tariano de Iauaretê vivendo distantes da margem do rio, em partes mais nos interiores da floresta. Tratava-se de um recurso para se ocultarem das vistas dos balateiros colombianos que entravam no Uaupés para levar gente".

A partir dos relatos fornecidos por alguns Turoponã, é também coerente sugerir que apesar da mobilidade territorial ser uma prática Hup, os Tukano, no caso dos Turoponã, também se deslocaram no curso de sua história, por procura de terras melhores para o plantio e locais onde o fornecimento de peixes era mais abundante. Mas pelo que parece, este não era o fator determinante para mudança de local, sendo que tanto nesse relato, quanto nos relatos dos Hupd'äh, as mudanças são também determinadas por fatores externos, como desavenças entre os parentes, que quase sempre estão associadas às acusações de feitiçarias e, sobretudo, a ameaça dos brancos.

Destaco que o fator de distinção na mobilidade Hup e Tukano, é que os Tukano, especificamente, no caso dos Turoponã, ao mudarem de comunidade se fixam nela, sem o costume de perambulação no interior da floresta, local que somente os Hupd'äh possuem domínio, enquanto que os Hupd'äh perambulam, podendo passar dias, semanas e até meses fora de sua comunidade para depois retornar. Como acrescenta Renato Athias:

> O aspecto da mobilidade ou da facilidade em poder transferir-se de um lugar para outro não é tão fácil entre os Tukano. A razão para isso se situa na leitura do mito de origem entre os Tukano onde **O'ãkhë**, o demiurgo, determinou o lugar específico para cada sib ou grupo local. Este fato constitui uma diferença entre os Hupdäh e os Tukano: a noção de territorialidade e do espaço social compartilhado no interior do seu grupo local. (ATHIAS, 1995, p. 161)

Também podemos perceber, durante o relato de Sr. Rafael, que, em nenhum momento, os Turoponã retornaram para o mesmo espaço que outrora viveram, seja em comunidades do Rio Papuri, do Rio Castanho ou do Rio Tiquié. O que pode ocorrer, é dessas antigas comunidades se transformarem apenas como espaço de cultivo de suas roças, como ocorre com a antiga comunidade de Vira Poço, por exemplo. Assim como, para os Hupd'äh, seus antigos povoados ou proximidades podem servir de acampamentos para atividades de caça e coleta de frutos. Contudo, o interior da floresta ainda oferece aos Hupd'äh uma segurança que não encontram nas margens do rio, é no interior da floresta que vão para caçar, coletar frutos, fazer jurupari, passear, descansar, passar as férias, longe das vistas dos Tukano e dos Brancos e mais próximo de si mesmos.

3.3 Trajetória dos Hupd'äh dos clãs Sokwät Nöh Köd Tëh D'äh e Ya'ám Dúb Tëh D'äh

> Yawarëtëët mah an nenéh yɨnɨh yö' mah sɨ'dëhët ɨn nííh ayúp hayám pög mah hɨd niih wähädäh yɨnɨh yö, bɨ*'bɨ' yö hõp käk yö' kayak*-*tíg sig yöh*, *äg* äg yö mah niih yɨnɨh yö nút d'öb kët yö' hõp hɨd këy ye'we se h hõp, hõp, hõp, hõp-póy mah yùh, s'e' mah yùh, bö'y mah, bö´ mah yùh, yɨkán wèd ni níh nó yö mah hɨd d'öb bayah nút mah h→d d'öb k'ët pɨdɨh nahaw dehët hɨd hayám bɨ' wɨd d'öb pɨdɨh ipan dähäh.[56] (Sr. Alberto, clã Sokwät Nöh Köd)

A memória Hupd'äh do lugar é também reforçada pelas incursões que ainda realizam no interior da mata, ou seja, pelo constante contato que possuem com seus antigos locais de moradia, ao irem coletar frutos, caçar, extrair cipó, pescar em igarapés. Geralmente, esses locais são nomeados, mas algumas vezes dizem apenas "sítio velho" (Móy höd). Para estudar a relação entre os Hupd'äh de Barreira e o seu território, focalizo aqui os percursos territoriais de dois clãs afins (Kót) e corresidentes em Barreira Alta: os Sokwät-Nöh-Köd-Tëh-D'äh (Descendentes do Bico do Tucano) – que chamo, no que segue, de Sokwät; e os Ya'ám-Dúb-Tëh-D'äh (Descendentes do Rabo de Onça) – ou "Ya'ám-Dúb". Os sítios velhos (Móy Höd), dos quais falam os Hupd'äh, são as localidades que viveram no passado e onde atualmente não há moradores. O termo Hupd'äh para vila ou assentamento é Hayám. Interessante notar que os Hupd'äh chamam de Hayám tanto uma cidade grande, como São Gabriel da Cachoeira ou São Paulo, quanto um povoado como Barreira Alta. Por contraste, chamam de "sítio" [57] os povoados pequenos habitados por uma ou duas famílias. Os grupos Tukano também costumam chamar de sítio os locais que possuem 1 ou 2 casas. Atualmente, os sítios velhos geralmente servem de acampamento de caça ou como pontos de referência, durante as caminhadas na mata.

Durante minha caminhada com uma família Hup para um acampamento de caça, como já descrito na segunda seção do primeiro capítulo, um Hup me explicava que iríamos passar pelo Döb-dëh móy höd (Sítio velho Acará Poço) e acampar próximo, um pouco antes do Somoh D'öh móy höd (Sítio Velho Irara Podre), como é possível localizar no **mapa 4**.

[56] "Se reuniram onde hoje é Yauareté. Aí eles entraram no igarapé Turi e chegaram na cabeceira. Ali trabalharam roça, faziam e bebiam caxiri, plantavam mandioca. Aí os Hupd'äh (uma ou duas pessoas) desceram e acharam o rio Tiquié, que tinha muito peixe: aracu, pacu, traíra, surubim. Descobriram terra boa e voltaram para avisar aos parentes. Aí eles vieram para o Tiquié, e também ficavam no Igarapé Macucu , onde fizeram uma comunidade." (Transcição na língua Hup e tradução, para o português, de Ricardo Dias Pires, clã Ya'ám Dúb).

[57] Geraldo Andrello denomina esses sítios de "unidades domésticas isoladas" (2006, p. 28)

Döb dëh é um sítio velho que os Sokwät-Nöh-Köd-Tëh-d'äh viveram, mesmo antes da chegada dos missionários, ainda no século XX. Sr Alberto conta que mesmo antes dos Tukano do grupo Turoponã – que vieram do Papuri – chegarem ao rio Tiquié, os Sokwät já haviam residido no Döb-dëh. Depois os Sokwät adentraram mais na mata para residirem em outros sítios. Somente após a chegada dos missionários salesianos, quando os Turoponã já estavam vivendo em Barreira Alta, os Sokwät retornaram para Dob Dëh, que já "havia se tornado a capoeira dos Tukano"; ou seja, era um local onde os Tukano tinham suas roças e que, depois de utilizadas, permitiram aos Hupd'äh a moradia. Foi no Döb Dëh, em meados do século XX, que o irmão mais velho dos Sokwät de Barreira Alta, Sr. Antonio, convidou os Ya'ám Dúb para se juntar a eles e assim ficarem mais próximos do rio Tiquié, conforme solicitação dos missionários salesianos. Portanto, os Hupd'äh de Barreira Alta consideram o Döb Dëh móy höd (sítio velho igarapé Acará), um território dos Sokwät-Noh-Kod-Teh-D'äh, enquanto os Kög-Kég-Tëh-d'äh consideram o Dôb Dëh nó' (foz do igarapé Acará), seu território pelo fato de ali estar enterrado o avô do xamã Mateus, que era considerado um xamã poderoso. Os Sokwät-Nöh-Köd-Tëh-d'äh, que ali residiram, já trabalhavam para os Tukano do grupo Turoponã muito antes da chegada dos missionários salesianos, como o falecido Sr. Alberto (diagrama 28 – genealogia do núcleo doméstico C) e sua esposa e sobrinha, a falecida Antônia – que por sua vez é irmã do Sr. Joaquim Dias e ambos, os filhos de Amélia Pires – que é irmã de Sr. Alberto Pires – com Ricardo Dias, do clã Ya'ám-Dúb.

Os Ya'ám-Dúb-Tëh-d'äh chegaram a viver com os Miriti-Tapuia, um grupo indígena da família linguística Tukano, na comunidade Iraiti, localizada à margem direita do Rio Tiquié (Bokótöy búg – Trempe de barro). Os Ya'ám-Dúb informam que antes os Miriti Tapuia eram irmãos dos Hupd'äh, mas não entendem porque, hoje em dia, eles dizem ser superiores. Renato Athias (1995, p. 69) também informa que ouviu dos Hupd'äh de Nova Esperança (Médio Tiquié), que os Miriti Tapuia teriam origens Maku, no entanto, não chegou a confirmar essa informação.

Após a saída da comunidade Iraiti, os Ya'ám Dúb foram morar na cabeceira do Yɨyɨw dëh, no povoado chamado Somóh Dóh. Em uma visita aos pais de Sr. Alberto, em Kög Pó, Inácio, um Ya'am Dub, casou-se com a tia de Alberto, que era Sokwät, e convidou a família de Alberto para morar junto em Somoh Dó. Após um tempo, Inácio entregou o povoado aos seus cunhados, os Sokwät, e seguiu para povoar outro local, no Sidëh Sùk hoy (Lago de Frieira). Neste local, eles plantaram moç (folha que possui formiga) que trouxeram

do rio Traíra (afluente do Apaporis). Essa folha era bastante utilizada pelos Hupd'äh, que a passavam no corpo, com a finalidade de se tornarem bons caçadores, recorda Ricardo. Após um tempo, foram para W'áy bug (Rã), depois Säbäh (casa do Morcego), Mohóy kätäh (veado caído), Tö Kët mɨ' (pé de Ucuqui), Péj höy (Umari caído), Beç má nó' (Foz do igarapé Itui), Hõp pã' (Igarapé bucho de peixe).

Em Hõp pã', já na época dos salesianos, receberam um convite do Sr. Antonio, do grupo Sokwät, para morar em Acará Poço (Döb dëh nó') e finalmente em Barreira Alta. As famílias que vieram de Hõp Pã para o território Tukano de Barreira Alta foram Manoel e Ana (pais de Paulino), Manoel (pai de Clemente), Joaquim e Catarina (pais de Ricardo), Tereza e Américo (Tereza mãe de Catarina), Liberato e Luiza (pais de Pedro, Moisés e Celina), Judrico, avô do pai de Ricardo, que faleceu no Hõp Pã, posteriormente. Dessas famílias, somente Joaquim do clã Ya'am Dub e Catarina – filha de uma Hup do clã Deh Puh Teh d'äh com um Kákwa, que vivia em território colombiano – estão vivos e residindo atualmente em Barreira Alta.

O avô de Alberto, também avô de Elias, chamava-se Mohóy Kã, segundo os Sokwät de Barreira Alta, ele era o mais poderoso e vivia no Somoh Dó. Contam que Mohóy Kä' passou um mês no céu, e todos sentiam muito sua falta. Quando os Hupd'äh foram tinguijar (jogar timbó no igarapé, de forma a capturar os peixes que bóiam na água após a ação do tóxico), Mohóy Kä' apareceu, e todos ficaram contentes. Naquele tempo, não tinha muito peixe, então Mohóy Kä' mergulhou, indo até a casa dos peixes e os trazendo à superfície. Ele ficou, mais ou menos, 10 minutos e voltou com os peixes, que bubuiavam, e assim, todos tiveram peixe para comer. Segundo Ricardo e Crispiniano, Mohoy Kã veio a falecer próximo ao lago que existe em Boca da Estrada (comunidade vizinha a Barreira Alta) e seu corpo foi enterrado próximo ao lago.

Saliento, a partir das informações dos Hupd'äh, que a noção de pertencimento a um território está também relacionada ao enterro de um avô, de um avô ancestral e consequentemente de seus pertences. Geralmente, as flautas do Jurupari também ficam guardadas nesses locais. A relação do espírito do morto com os locais, onde em vida passou, também é muito forte, determinando as marcas que a pessoa deixou na terra, como os locais onde pisou, onde fez suas necessidades fisiológicas, onde cuspiu, onde gostava de pescar, caçar, em sua roça etc. Geralmente, os Hupd'äh dizem ver o espírito de recém-falecidos, perambulando nesses locais por onde passaram em vida, sobretudo nos últimos momentos da

vida. Esses "espíritos dos mortos" podem fazer mal aos vivos, por isso, também, a importância de mudar imediatamente, seja de espaço territorial (como o exemplo da mudança de Acará Poço para Barreira Alta), ou, pelo menos, de casa, dentro de um mesmo povoado (hayám).

Mapa 4- Território Sokwät Nöh Köd Tëh D'äh

Legenda

• **Sítios Velhos (Móy Höd) Sokwät Noh Köd Tëh d'äh**	___ **Igarapés (Dëh mi)**	___ **Caminhos Hup (Hup Tíw)**
• Döb Dëh móy höd – Sítio velho Acará Poço • Huy´hóy móy höd– • Somoh Doh móy höd – Sítio velho Irara Podre • Moy Sòh móy höd • K'at moy höd – Sítio velho Tapuru • Yɨyɨw dëh móy höd – Sítio velho do igarapé maniuara • Maj' kɨ' mòy höd – Sítio velho de terra firme • Barreira Alta (Yɨyɨw dëh Hayám)	Míh dëh – Igarapé jabuti Síp dëh – Igarapé biriba B'öy pög mi – Igarapé Traíra Höb s'ug mi – Igarapé mato do pica-pau Bùk tëh pɨy kà – Raíz de mapuí esticada igarapé Mèt töd tú' – Oco de cotia Käb kã' mi – Igarapé Inajá D'öp s'ah dëh – Igarapé Japu Preto Mehén Pèm mi – Igarapé macaco sentado Moy hõ mi – Igarapé Besouro W'òh mi – Igarapé Sarapó Hõp wɨd – Igarapé Piracema Túd-sàh mi – Igarapé (de um tipo de árvore) Sohó na' – Caranguejo morto Yuyri-mi – Tipo de formiga yɨyɨw dëh – Maniuara igarapé Ya'ám kèt mi – Igarapé folha de onça Pás mi – Igarapé mandubé	

Mapa 5 - MAPA DO TERRITÓRIO YA’ÁM-DÚB-TËH-D’ÄH

Legenda

• **Sítios Velhos (Móy Höd) Ya'ám Dúb e Comunidades (Hayám)**	__ **Igarapé e rios (Dëh mi)**	____ **Caminhos Hup (Hup Tíw)**
• Bokotöy - Trempe de Barro • Pà' wöb - cesto que fica em cima • Wà' dëh ket yóh - Cabeceira do Igarapé Urubu • Som'oh dó - Irara podre • Sidëh súk hoy - Lago de frieira • Wáj bug - muro de rã • Säbäh - casa de Morcego • Pèj höy – umari • Tö kët mi' - Pé de ucuqui seco • Moy hòy kätäh - veado caído • Út k'ét - folha de espinho • B'öh höd - folha de Buçu • Wät ma - igarapé comprido • Hõp pä' kit yóh - cabeceira do igarapé bucho de peixe • Yùh móh - lago de rã • Hõp pä' móy höd - Sítio velho sem peixe • Dob dëh – Acará Poço • Barreira Alta (Hayám) • Boca da Estrada (Hayám dos	Dëh Póh – Rio Tiquié Waupés Demi pög – Rio grande (Uaupés) Wã' dëh – igarapé urubu Yuyu dëh (Yɨyɨw dëh) – Igarapé maniuara	

Tukano/Desano) • Iraiti (Hayám dos Miriti-tapuia)	

Sr. Alberto conta que, foram os Hupd’äh, os primeiros a chegarem ao Rio Tiquié (Dëh Póh). Esse período foi bem depois da época em que Hupd’äh e Tukano viviam como “irmãos” na grande maloca Darayá. De acordo com Sr. Joaquim do clã Ya’ám Dub, a briga aconteceu porque no dia de caxiri os Hupd’äh falaram aos Tukano que suas flautas do jurupari zoavam mais alto que as deles, então os Tukano não gostaram dessa afirmação, daí, consequentemente, ocorreu a separação. Desde aquele momento, os Tukano passaram a tratar os Hupd’äh como peoná[58] (semelhante à ideia de “serventes”), diz Ricardo, filho de Sr. Joaquim.

Depois que houve a separação, os Hupd’äh se estabeleceram em localidades do Igarapé Turi e Macucu (Papuri), provavelmente, já prestando serviço aos Tukano, pois alega que ~~foram os dois Hupd’äh que chegaram até o rio Tiquié, abrindo caminho, retornando depois para avisar tanto aos parentes quanto aos Tukano.~~ O primeiro Hup a chegar ao Tiquié se chamava Wayá, que era “avô” do falecido João Brasil, da comunidade de Santa Cruz – próxima a Barreira Alta. Wayá era do clã Pij- Noáh-Tëh-d’äh e foi o primeiro Hup a pisar no Tiquié, segundo relato de Alberto e Joaquim (Sokwät-Nöh-Köd-Tëh-D’äh e Ya’ám-Dúb-Tëh-D’äh respectivamente). Nessa época, ele e seus parentes viviam no Igarapé Macucu e lá, segundo Sr. Alberto, tinham formado uma comunidade (hayám bɨ’ – fizeram comunidade). O nome desta comunidade era Döp Kã’ãt (Japu pendurando o ninho) e depois mudaram de povoado, no mesmo igarapé, chamado Hëhë Póot (círculo de Carissu), depois, mudaram-se novamente, nomeando o povoado de K’ög Póót (Serrado de Zog-zog). Nesse lugar, os Hupd’äh brigaram e se espalharam. O avô de Sr. Ponciano e o avô de Sr. Alberto brigaram. O primeiro se mudou para Taracuá-Igarapé, o segundo permaneceu em K’ög Póót, Chico (Francisco, pai de José Pires) foi para Bòi dëh, que em português chama-se Nova Esperança, comunidade Hup localizada atrás de Boca da Estrada[59], onde residem Tukano e Desano. Antes desta briga, costumavam pescar e caçar juntos no Kayà dëh, rio Tiquié, próximo à comunidade de Iraiti, localizada à margem esquerda do médio Tiquié e em Hó dëh, localizado

[58] Ricardo, neste momento, falou “peoná” e não “pohsá”.
[59] A família Peixoto desta comunidade que morava com os Turoponã em Vira Poço e, somente depois, quando os Turopona mudaram para Barreira Alta, mudaram para Boca da Estrada, comunidade também ribeirinha, situada à margem esquerda do Médio Tiquié, um pouco abaixo de Barreira Alta.

abaixo de Iraiti. Ricardo conta que esse local faz parte do território dos Ya'ám-Dúb-Tëh-D'äh, tanto que em algumas ocasiões, quando os Hupd'äh de Taracuá-Igarapé pretendem pescar no local, convidam os Ya'ám Dúb de Barreira Alta para a pescaria.

Foi neste local que chegou o Padre Afonso Casanovas, provavelmente por intermédio dos Tukano, sendo que Sr Alberto me informou que, em sua infância, um Turoponã caminhava até a comunidade Hup para fazer oração a pedido do padre. Desta forma, o padre mandou convidar esse grupo a viver mais próximo do rio para que seus filhos pudessem estudar, então voltaram a morar no Dob dëh nó', que, neste período, já se havia tornado a capoeira dos Turoponã.

Antes dos Turoponã chegarem a Barreira Alta, na época que ainda viviam em Uira-Poço, os Sokwät já haviam habitado o Döb dëh nó (foz do igarapé Acará), os irmãos Vicente (Mohóy k'äh), pai de Antonio e Crispiniano – pai de Alberto. Vicente era o pai de Antonio e o avô de Elias, a quem Sr. Rafael se referiu, quando este e o avô de Pedro (Ya´ám Dub) avistaram os Turoponã chegando para residir em Barreira Alta. Os Ya'ám-Dúb, como o avô de Ricardo, também de nome Ricardo, morava em Wäj bug quando os missionários passaram e trocaram beiju com fósforo, sal, fumo. Moravam no local, Ricardo, Liberato, Manoel (Mandu), Manoel (pai do Paulino) – todos do clã Ya'ám Dúb. Após um tempo, com a chegada dos salesianos, estes trabalharam também na construção de uma estrada de terra de Boca da Estrada até Yauareté. Era o padre Casemiro (que atuava na região antes do padre Norberto), quem havia solicitado aos Tukano e estes designaram, aos Hupd'äh, o trabalho.

Com o pedido de outro salesiano, Padre Afonso, a família de Alberto, a de Vicente dos Sokwät-Nöh- Köd-Tëh-D'äh e os Ya'ám-Dúb-Tëh-D'äh passaram a viver juntos em Döb dëh nó' (Foz do Igarapé Acará). Sr. Mateus relembra que, neste período, quase todos os velhos morreram de malária. E logo após tal acontecimento, e dessa história todos da comunidade informa de maneira semelhante, um Hupd'äh chamado Manoel Dias ficou "doido". Por este motivo, o (já falecido) Sr. Manuel Pires (Mandu) preparou uma cuia de timbó para ele beber,e, após beber o veneno, Manoel Dias faleceu. Os Hupd'äh ficaram com medo de continuar em Döb Dëh Nó' e, por este motivo, Sr. Antonio, pai de Elias, pediu a permissão ao Sr. Fortunato (Turoponã) para que os Hupd'äh fossem morar em Barreira Alta, local onde residem até os dias atuais, desde 1970. Desde então e, por várias vezes, já mudaram suas casas dentro da própria comunidade, sendo que primeiramente moravam mais afastados da beira do rio e, aos poucos, foram chegando mais próximos até a atual Barreira I,

local onde somente os Tukano residiam, para em seguida dispersarem um pouco mais para o interior (pouco mais de 5 minutos da beira do rio), criando a atual Barreira II. Os motivos das mudanças dentro da comunidade estão quase sempre relacionados às doenças seguidas de morte ou não, que sempre vem de fora (pelo rio; através de pessoas, que até mesmo sem saberem, podem estar trazendo doenças através de feitiços, encaminhados por outros Hupd'äh de outras comunidades e/ou Tukano). Tais feitiços podem também "estragar" as casas e o solo que as sustentam, bem como seus arredores.

Sr. Rafael Marinho conta que trabalhou durante muito tempo com o padre Afonso Casanovas e foi ele quem ajudou a abrir a escola em Barreira Alta. Nessa época, os Hupd'äh faziam muito jurupari, o que era visto com reprovação pelos padres e pelos catequistas Turoponã, os quais sempre iam aconselhar os Hupd'äh a parar, pois o Jurupari estava proibido. Mas segundo Sr. Rafael, "mesmo assim eles continuavam". Foi por este motivo que os espíritos assustavam os Hupd'äh, fazendo-os mudar de lugar, segundo explicação dos padres aos Tukano, e, por este mesmo motivo, os espíritos fizeram com que Sr. Manoel ficasse "doido", como dizem os Hupd'äh. Assim, Sr. Rafael, que se recorda desta época, relata:

Aí se transpassou esse espírito mau e entrou para esse Manoel. Aí ele mesmo, parente dos pais dele mesmo, se transformou. A boca e o nariz dele estavam zoando aquele som, ummmmm. Assim mesmo. Aí juntaram os homens, as mulheres se esconderam. Cortaram pau, tiraram cipó, fizeram uma cercadura. Botaram ele dentro. Passou seis dias, zoando. Eu tava aí, eu escutei, era no meu tempo já. Ai vieram me chamar: - seu Rafael, vai lá! Ai eu disse: não vou não, não posso ir. Como eu vou fazer indo lá? Não posso fazer milagre, não tenho poder também. Aí não fui não. Aí cansaram de escutar, botaram timbó numa cuiazão. Aí morreu aquele corpo, sabe? Aí vieram mais perto. Fizeram uma casa com vara, aí ficaram os filhos. Aí chefiado por esse Mateus. (Yesemi Turoponã/Rafael Marinho)

A negociação dos Sokwät-Nöh-Köd-Tëh-d'äh com os Turoponã, por conta da morte de Sr Manoel, foi o fator decisivo para a transferência deste grupo local Hupd'äh a Barreira Alta. Levando em consideração, a pressão missionária salesiana para que os Hupd'äh formassem uma comunidade o mais próximo possível do rio, de forma que facilitasse o trabalho da missão no processo de catequização, no entanto, a beira do rio pertencia aos grupos Tukano. Sr. Rafael conta que, neste período, um padre chamado Norberto falou com Sr. Rafael, acusando os Turoponã de escravizarem os Hupd'äh, por isso os trouxeram para morar junto em Barreira Alta. Assim, Sr. Rafael respondeu: "Não senhor padre, foi assim,

assim. Vou te contar. Tem que saber. Tem que respeitar. Se você quiser mandar os Hupd'äh embora fale com o chefe deles, não é com a gente não. Eles vieram assim, assim, assim. Ninguém chamou eles para morar aqui não. Eles vieram livremente. Nós estamos livres também. Se eles quiserem, eles vão voltar se não quiserem, eles não voltam não. Ninguém vai obrigar, nem o senhor e nem nós."

Ainda informa que, na época que os Hupd'äh chegaram a morar na beira, em Barreira Alta, não se acostumaram e também não estavam habituados a realizar trabalhos comunitários, sempre saindo para a caçaria e pescaria. "Passeavam pelo mato, passavam três, quatro dias, e somente depois voltavam. Uma família não aguentou permanecer em Barreira Alta e logo voltou para o interior da mata, começando novamente com o Jurupari", relata Sr. Marinho, que ainda reafirma: "os Hupd'äh são livres, ninguém consegue prendê-los, se eles quiserem fugir, ninguém acha eles. Como os padres podem acusar nós de escravizar os Hupd'äh? Quem escraviza são os brancos, nós não."

Sobre a mudança dos Hupd'äh, Sra. Balbina relembra que seu esposo, Sr. Antonio, quem fez a negociação com Sr. Fortunato Marinho, não planejava permanecer por muito tempo em Barreira Alta:

> ***Antonio pediu licença para o Fortunato para os parentes de morarem aqui. Mas Antonio disse que queria ficar só um tempo, depois deveriam retornar para o território deles*** (Hup)***, mas os outros não quiseram. Aí eles ficaram na casa do Fortunato*** (ele morava atrás da escola atual- Barreira I). ***Moraram só uma semana e depois mudaram para a casa do Amaro Marinho*** (pai do Bosco). ***Aí ele mandou construir uma comunidade (***onde estão localizadas as casa 1 e 2, em Barreira I, atualmente – vide croqui 1). ***Ali todos os velhos faleceram, pois aconteceu muita doença, muita diarréia. Antonio, Bernardo, Antonia, Americo, Henrique, Josefa, mãe do Joanico*** (que mora atualmente no igarapé Turi)***. (Ya'am Keg - Dëh Puh Tëh ãy[60]/Balbina Marques Andrade)***

De acordo com o dado de dona Balbina sobre os falecimentos, Athias (1995, p. 126) informa: "*No caso, de Yuyu'deh II[61], segundo informações colhidas por missionários, existiu, de fato, uma epidemia, onde morreram, em 1982, por desnutrição e sarampo, vinte e duas pessoas"*. Após essa epidemia, os Hupd'äh dispersaram, porém dentro da própria comunidade, para o outro lado da comunidade, onde hoje há as casas 7 e 8 (vide croqui 1), em Barreira I.

---

[60] Osso de onça – Filha da espuma de água

[61] Os Hupd'äh também denominam Barreira Alta de Yuyu'deh. Yuyu significa "barro". No entanto o igarapé, próximo a comunidade, é Y→y→w-dëh (igarapé de um tipo de maniuara).

Jarbas, o capitão Hup da comunidade de Barreira, contou-me à noite, quando estávamos já na rede, no acampamento em território Hup, próximo ao sítio velho Somóh Dó: ***“os Hupd’äh ainda moram em Barreira Alta, porque acostumaram a viver no rio. Os padres, na época em que a gente vivia no mato, observou os Hupd’äh e disse que eles estavam fazendo errado, pois os velhos brigavam muito, roubavam as mulheres, faziam muito jurupari. Soprava muito com jurupari, tinha muita briga e para ficar católicos, eles não podiam fazer assim, tinham que mudar para mais perto e ir para a escola. A gente mudou para mais próximo do rio para ficar como civilizados, ser como católicos né? Igual aos Tukano, mas o jurupari ninguém esqueceu não, os Hupd’äh continuam até hoje”.*** Jarbas ainda fez uma comparação com o candomblé, aproveitando nossa conversa sobre religiões naquela noite. ***“Os padres queriam só que todos fossem católicos, por quê? Assim foi com nossos parentes negros também, né? Mas eles não esqueceram, assim é como nós mesmos. Ser como católico é bom também, ganha nome dos brancos, tem histórias dos brancos na missa né? Ganha terçados, sal, fósforo, essas coisas. Mas se não tem jurupari, como vai viver bem, feliz como era antigamente, né?”***

O que Jarbas fala, é muito importante para entender que o fato de “domesticarem o branco” (KELLY, 2005), adquirindo os benefícios da civilização como os produtos industrializados, bem como se apropriarem de nomes, adquirir conhecimentos das histórias dos brancos tanto através da escola, quanto das missas, não significa que deixaram de ser Hupd’äh, de caçar, coletar, perambular no interior da floresta e realizar os rituais do Jurupari. É neste sentido que o ethos, no sentido de Bateson, remete à expressão emocional coletiva de uma cultura. Nota-se no depoimento de Jarbas, que o interior da floresta e o jurupari estão relacionados ao viver bem, ao estado de felicidade.

Durante minha estadia em Barreira Alta, houve dois rituais do jurupari: um em fevereiro e outro em março. Os dois seguidos de dabucuri de frutos do mato, oferecidos pelos Hupd’äh a algumas famílias Hupd’äh e Tukana de Barreira Alta. Também houve um jurupari na comunidade Hup de Santa Cruz, vizinha à Barreira Alta, a pedido dos Desano, onde os homens Hupd’äh de Barreira Alta foram convidados.

Um fato que me chamou atenção foram as frequentes realizações de dabucuris, realizados com o jurupari, sendo que em nenhum momento, entre os anos de 2004 e 2007, inclusive nos mesmos meses que eu estava em Barreira, presenciei tais eventos. Mesmo que eles realizassem os rituais com as flautas do jurupari somente no interior da floresta, não teria

como não ouvir o som. O que se faz pensar que os Tukano estão cada vez mais permitindo aos Hupd'äh a realização do ritual do jurupari e, inclusive, solicitando aos Hupd'äh dabucuris com jurupari, por não mais praticarem o ritual, levando em consideração que, no período de 2004 a 2007, eu sempre ouvia com um ar de reprovação dos Tukano em relação às práticas do Jurupari pelos Hupd'äh: "esses Hupd'äh gostam de fazer Jurupari!". Tal fato se deve à ação missionária salesiana, que foi muito mais intensa entre os Tukano, pois os Hupd'äh escapavam, fugindo do internato e se dispersando no interior da floresta, o que lhes conferiam maior liberdade para continuar com o Jurupari. A alta mobilidade Hupd'äh permitiu que as práticas do jurupari não fossem esquecidas, e o que antes era visto como uma prática pecaminosa, inculcada pelos salesianos, hoje os próprios Tukano reconhecem nos Hupd'äh a preservação desse conhecimento. Certa vez, no caxiri ouvi de um Tukano, que visitava a comunidade de Barreira Alta ***"Esses Hupd'äh sabem bem o jurupari, não esqueceram como nós. Ninguém pode falar mal deles. Nós temos que reconhecer né? Mas nós não esquecemos não, foram os missionários que fizeram isso para nós, eles diziam que era coisa do diabo e os velhos acreditaram, mas só que não acreditaram muito não..."***

A relação entre Hupd'äh e Tukano também se pauta nos rituais de Jurupari e dabucuri, em que um realiza para o outro (mais especificamente os Hupd'äh realizam para os Tukano), como informa Athias:

> [...]Neste contexto, instituições tais como o **Jurupari**, o **Dabucuri** e a **Maloca** tiveram sua construção a partir do processo de interação entre os grupos Tukano, Arawak e Maku presentes hoje na organização social dos grupos indígenas e explicitadas nos símbolos expressos nos mito, nas trocas especializadas e na casa comunal. Mesmo as casas comunais (malocas) terem sidos destruídas pela ação missionária, ela continua presente nas aldeias através da organização social e das regras de parentesco (ATHIAS, 1995, p. 18).

No período de meu trabalho de campo, as solicitações de dabucuris com jurupari dos Tukano e Desano para os Hupd'äh se deram em, pelo menos, três comunidades do rio Tiquié: Barreira Alta, Santa Cruz e Nova Fundação. Os prórpios Tukano possuem suas flautas, que estão guardadas em seus territórios. Para os Hupd'äh também, as flautas pertencentes aos determinados clãs estão em seus determinados territórios. As flautas dos Ya'ám-Dúb-Tëh-D'äh, por exemplo, ficam guardadas no Péj hóy móy höd (sítio velho do Umari). De acordo com o xamã Mateus, o local conhecido como Döb dëh nó' (Foz do Igarapé Acará) é terra de seu avô Luiz (Yuhum Wäg – caroço de abacate) – clã Kög-Kég-Tëh-D'äh (Filhos do Osso do

Macaco Zogue-Zogue) –, onde foi enterrado com seu paricá. “Ali é um lugar sagrado”, traduz simultaneamente Ricardo, seu genro, no que complementa: “às vezes, ele anda por ali, pois virou duende”. Neste sentido, pode-se perceber a relação das flautas do jurupari com os territórios específicos de cada clã que compõem o grupo local.

O Jurupari e o dabucuri, juntamente com a Maloca, são as instituições que dão base às relações dentro do sistema cultural da bacia do Uaupés (ATHIAS, 1995). De acordo com Loli (2010, p. 133) “a flauta Jurupari era uma pessoa de cujos orifícios saíam os sons”. Pode-se notar no relato de Sr. Rafael, que o Hupd’äh Manoel se transforma na própria flauta Jurupari, quando este diz: ***“A boca e o nariz dele estava zoando aquele som, ummmmm. Assim mesmo”.*** O que tornou impossível sua vida diante do grupo, levando-o à morte. Como cita Cascudo:

> “[...] O nome, em sua melhor e lógica acepção, será juru, boca, e pari, grade de talas que fecha os igarapés e lagos, impedindo a saída dos cardumes. Stradelli aceita a tradução porque satisfaz aos dois aspectos: instituição do silêncio e concordância com as vozes tupis, juru, pari.” (CASCUDO, 1984, p. 127)

Antigamente, essas flautas sagradas foram tomadas dos homens pelas mulheres e então, as mulheres dominaram o mundo, e os homens passaram a realizar o trabalho que as mulheres realizam na atualidade. No entanto, após um período, os homens conseguem tomar as flautas das mulheres. Eles voltam a dominar o mundo, e as mulheres ficam proibidas de ver as flautas do jurupari sob pena de morte. Como bem descreveu Cascudo, a partir da leitura de Ermano Stradelli, um jovem conde Italiano, que empreendeu viagem ao Rio Negro entre os anos de 1881 e 1882:

> Jurupari é o legislador, o filho da virgem, concebido sem cópula, pela virtude do sumo da cucura do mato e que veio mandado pelo sol para reformar os costumes da terra, a fim de poder encontrar nela uma mulher perfeita, com que o sol possa casar. Jurupari ainda não a encontrou, e embora ninguém saiba onde, continua a procurá-la e só voltará ao céu quando a tiver encontrado. Jurupari é, pois, o antenado lendário, o legislador divinizado, que se encontra como base em todas as religiões e mitos primitivos. Quando ele apareceu eram as mulheres que mandavam e os homens obedeciam, o que era contrário às leis do sol. Ele tirou o poder das mãos das mulheres e o restituiu aos homens, para que estes aprendessem a ser independentes daquelas, instituiu umas festas, em que somente os homens podem tomar parte, e uns segredos, que somente podem ser conhecidos por estes. As mulheres que os surpreendem devem morrer, e em obediência desta lei morreu Ceuci, a própria mãe de Jurupari. Ainda assim, nem todos os homens conhecem o segredo; só o conhecem os iniciados, os que chegados à puberdade derem prova de

> saber suportar a dor, serem seguros e destemidos. Os usos, leis e preceitos ensinados por Jurupari e conservados pela tradição ainda hoje são professados e escrupulosamente observados por numerosos indígenas da bacia do Amazonas, e embora tudo leve a pensar que o de Jurupari é mito tupi-guarani, todavia tenho visto praticadas suas leis por tribos das mais diversas proveniências, e em todo o caso largamente influíram e, pode-se afirmar, influem ainda em muitos lugares do nosso interior sobre os usos e costumes atuais (CASCUDO, 1984, p. 126-27).

Segundo um Hupd'äh, a morte destinada à mulher que, por desventura, avistar as flautas do jurupari não se dá somente por "sopro", mas também por flechada com curare ou até mesmo com terçado. As mulheres me informaram o mesmo. Jarbas, capitão Hup da comunidade, enfatizou que a morte seria imediata. "Morre na hora", disse. Aproveitou o momento de minha curiosidade em relação ao jurupari para me prevenir, pois haveria jurupari em Barreira Alta e eu deveria ficar dentro de alguma casa com as mulheres, quando as flautas entrassem na comunidade.

Mesmo que eu estivesse em algum lugar, como, por exemplo, banhando-me em algum igarapé ou no rio, haveria alguém para ir me chamar e me mandar entrar em casa. É praticamente impossível uma mulher de fora avistar as flautas por alguma distração, ou por até mesmo não entender o movimento das pessoas na hora de tal acontecimento, pois sempre haverá alguém por perto para dizer o que deve ser feito. Num domingo de março de 2010, eu e uma amiga, Melissa Oliveira (que foi me visitar por um dia em Barreira Alta, seguindo depois para a comunidade Tukano de São José II, local onde trabalhava), resolvemos sair para lavar a louça e banhar no rio Tiquié. Sabíamos que haveria um dabucuri naquele dia, e as flautas do Jurupari soaram por toda a noite. Inclusive, fomos nos banhar para depois nos fechar com as mulheres em alguma casa para, em seguida, participarmos da festa de dabucuri. Porém, quando estávamos saindo do rio, ouvimos o som das flautas do jurupari muito próximo à comunidade e, desta forma, agilizamo-nos para subir. Nesse momento avistamos o professor Moisés (Tukano – sib Turoponã) que, em um aceno de mão no topo do barranco da comunidade, mandou-nos subir às pressas.

À medida que subíamos as escadas do barranco apressadamente, o professor dizia: *"Rápido, rápido, o bichão vem aí"*. Moisés nos conduziu até a casa da Saúde Sem Limites, onde eu estava hospedada durante meu trabalho de campo, informando que não haveria problema ficarmos dentro da casa sem a presença de outras mulheres, mas deveríamos permanecer dentro da casa com tudo fechado, pois o "bichão" era muito perigoso. Assim o

fizemos, permanecendo em casa com as janelas e portas trancadas até que as flautas fossem guardadas e nos permitissem sair. O "bichão" que professor Moisés se referia, era a flauta do Jurupari. Segundo os Hupd'äh e Tukano, não há problemas para as mulheres em ouvir os sons emitidos pelas flautas, o que não pode, sob hipótese alguma, é que as flautas do jurupari sejam vistas e/ou tocadas pelas mulheres. No entanto, é provável que, em meados do século XIX, não era permitido às mulheres nem mesmo ouvir os sons emitidos pelas flautas, que eram consideradas "música do Diabo", pelos missionários.

> "Em março de 1852, Alfred Russell Wallace, pela segunda vez visitando o rio Wapés (Uapés, Uaupés, o antigo Ucaiari, afluente da margem direita do rio Negro, com a foz a 24 quilômetros acima de São Gabriel), assistiu na Cachoeira do Caruru, a Devil-music num caxiri-drinking. A 'múisca do Diabo' era executada por dois instrumentos de sopro, ouvida e dançada pelos guerreiros. Todas as mulheres se ocultaram porque seriam mortas, por veneno, se alguém desconfiasse da menor audição, mesmo inconsciente". (CASCUDO, 1984, p. 127)

Para este dabucuri de japurás com o ritual do jurupari, ocorrido em 21/03/10, os homens, dos mais jovens – já na puberdade e iniciados na cerimônia – aos mais velhos, trabalharam durante todo o tempo, coletando o fruto do mato e tocando as flautas do jurupari, cujos sons chegavam até a comunidade, o que era impossível não ouvir. Os homens começaram a coletar os japurás desde 16/03/10 e, ao cair da tarde até a noite, era possível ouvir o som das flautas vindo da floresta. No dia 20/03/10, as flautas tocaram direto até à tarde do dia 21/03/10, havendo curtos períodos de intervalo. Enquanto a maioria dos homens trabalhava na coleta de Japurá, as mulheres continuavam com o trabalho cotidiano da roça. E nos dias 19 e 20, todas trabalhavam ocupadas com a feitura do caxiri, bebida fermentada a base de mandioca, que seria consumido desde o amanhecer do dia 21/03.

Durante esses dias, os jovens rapazes não participaram das atividades escolares – educação formal da sociedade brasileira –, pois estavam inteiramente ocupados com as atividades de educação formal Hup, do ritual do jurupari. Havia inclusive jovens que estavam sendo iniciados. Todos os rapazes da comunidade participaram, aliás, em todos os rituais de Jurupari ocorridos em Barreira Alta, durante meu trabalho de campo, percebi que a participação dos jovens foi bastante intensa, e todos demonstravam um significativo respeito. Para este ritual, os Hupd'äh convidaram Sr. Antonio, que também é de Barreira Alta e tio do pajé Mateus, clã Kög-Kég-Tëh-d'äh. O ancião atualmente reside em Turi Igarapé, em território colombiano, e aproveitou a ocasião para visitar seus parentes em Barreira Alta e

participar do ritual das flautas do jurupari. Sr. Antonio veio andando pelas trilhas Hupd'äh com o apoio de um cajado, de Turi-Igarapé até Barreira Alta. Segundo, Ricardo (clã Ya'ám-Dúb-Tëh-d'äh) a caminhada é longa, dependendo da pessoa, é mais ou menos de 4 a 5 dias de caminhada e ainda acrescentou "O velho Antonio participou, todo o tempo, do jurupari, ele não dormiu, ficou acordado, ele é velho, ele sabe tudo".

O dabucuri de japurás foi oferecido por Tacísio, do clã Sokwät-Noh-Kod-Teh-d'äh, à família de professor Moisés Marinho (Tukano, Turoponã) e às famílias Ya'am-Dub-Tëh-d'äh, inclusive, o clã da esposa de professor Moisés. Os parentes de Tacísio que participaram da coleta dos japurás receberam em troca: manivas (*Manihot* sp) e massa de tapioca. Um dabucuri geralmente é solicitado, e quem solicita, deve retribuir com massa de tapioca e outros alimentos, caso possuam.

Após os homens guardarem as flautas do jurupari, as mulheres foram saindo de casa. Percebendo o movimento e as vozes das mulheres quando as flautas cessaram, eu também resolvi sair e seguir para o centro comunitário, onde as mulheres também se dirigiam com as panelas de caxiri. Quando cheguei ao local, os aturás de japurá já estavam no centro do clube comunitário, os homens sentados e as mulheres oferecendo o caxiri. Catarina (Kákwa), esposa de Joaquim ("o cabeça" do clã Ya'am Dub Tëh d'äh) e suas filhas: Eliana e Neuza, juntamente com Antonia e Maria, respectivas esposas de Antonio e Clemente (Ya'am Dub Teh d'äh), trouxeram as bacias de tapioca para troca. Eliana e Catarina também trouxeram as manivas da roça de Eliana, que é esposa do professor Moisés, tukano de Barreira Alta. Segundo professor Moisés, as manivas foram oferecidas às famílias Hupd'äh que ofereceram o dabucuri de Japurá, pois no momento não as possuíam para o plantio em suas roças.

Foto 20 - Dabucuri de japurás/ Centro Comunitário-Barreira I

Foto 21 – Manivas e massa de tapioca

Os Tukano de Barreira não participaram do jurupari, muito embora o tenha permitido aos Hupd'äh, mas participaram do dabucuri, que também era oferecido à família de professor Moisés, cuja esposa é Hupd'äh; à família de Joaquim (Hupd'äh, clã Ya'am Dub), pai da esposa de professor Moisés; às famílias dos irmãos Antonio e Clemente (clã Ya'am Dub). Quando os alimentos estavam depositados no centro do clube comunitário, os homens tocaram o Mawaco, que aprenderam com os Aruák, liderados pelos Tukano. Foi um

convidado Tukano de São José II que conduziu a dança, atrás dele vinha o professor Moisés, em seguida, o Sr. Casemiro Marinho e atrás os Hupd'äh. A primeira rodada da dança foi realizada somente pelos homens, que tocavam as flautas ao mesmo tempo em que dançavam. Na segunda rodada, as mulheres se juntaram aos homens para a dança. No final, os homens, em círculo, jogaram as flautas no chão e as quebraram com os pés. Como aponta Athias:

> Na cerimônia do Dabucuri reconstroem-se os elementos da hierarquia interna. Quem preside o ritual recebe os convidados oferecendo um tratamento de conformidade a posição do participante; cada um ocupará um lugar segundo seu status. Cada um, durante o ritual, executará o seu papel. Os cantores terão a prioridade de organizar as danças e escolher as músicas durante o ritual, executando assim seu papel que lhe é atribuído na hierarquia. (ATHIAS, 1995, p. 159)

Foto 22 - Mawaco

Foto 23 – Mawaco

Foto 24 - Quebrando as flautas

Em seguida, houve o momento do agradecimento. Primeiro, os homens Hupd’äh e os Turoponã trocavam agradecimentos. Em seguida, as mulheres Hupd’äh agradeciam pelas manivas e a massa de tapioca às esposas dos Hupd’äh e Tukano que receberam os japurás. Ao perguntar ao Sr. Casemiro o que estava sendo dito ali, ele riu, respondeu-me em tom jocoso, que na realidade o “agradecimento” era uma troca de insultos. Sr. Casemiro traduziu-me resumidamente: “eles estão dizendo mais ou menos assim: eu trouxe os japurás, trabalhei duro para vocês, vocês vão comer tudo de uma vez agora mesmo!”. Quando o oferecimento e

agradecimento são direcionados à família Tukano, estes são falados na língua Tukano, quando as trocas se dão somente entre os Hupd'äh, fala-se na língua Hup.

Foto 25 - Agradecimento entre os homens

Foto 26 – Agradecimento entre as mulheres

No final, os homens, cujas esposas receberam os japurás, circulavam pelo centro comunitário, exibindo os aturas com os japurás ao público, saindo depois do centro comunitário com os alimentos oferecidos. Em seguida, os homens, cujas esposas receberam as

tapiocas e as manivas, faziam a mesma coisa. Após as famílias beneficiadas levarem os alimentos para a casa, retornaram para o centro para beber o caxiri.

Foto 27 – Caxiri no centro comunitário de Barreira I

Especificamente nesta festa, os homens que participaram do ritual das flautas do jurupari, sobretudo os velhos, não participaram do forró, que começou a tocar após algumas rodadas de caxiri. Segundo Ricardo, os velhos benzeram o caxiri para que este ficasse doce, por isso as pessoas não ficaram muito bêbadas. Somente os jovens Hupd'äh permaneceram no clube para dançar forró juntamente com os jovens Tukano, que vieram da comunidade de São José II para participar da festa, a convite do professor Moisés.

Em outra ocasião, houve um dabucuri sem jurupari, oferecido pelo Hup Sebastião (casa 9- vide croqui 1) à família Turuponã do Sr. Casemiro Marinho (casa 5). Esse dabucuri de japurás foi realizado na casa de Sr. Casemiro, em troca, a família de Sebastião recebeu massa de tapioca. Durante o dabucuri não houve dança de Carissu ou de Mawaco, somente o caxiri que a família Turoponã oferecia aos seus convidados Hupd'äh. As mulheres estavam sentadas nos fundos da casa, e os homens próximos à porta de entrada.

Foto 28 - Dabucuri na casa dos Turoponã – Servindo Caxiri

Foto 29 - Dabucuri na casa dos Turoponã – Servindo Caxiri

Após um tempo, dá-se início ao ritual de agradecimento em que os Turoponã agradecem aos Hupd'äh , e estes também os responde. A esposa de Casemiro, que é da etnia Cubeo, convida Catarina (kákwa casada com um Ya'ám Dub) para fazer o agradecimento às mulheres, esposas dos Hupd'äh, que realizaram a coleta dos japurás, informando que ela sabe cantar bem o "handê handê". Assim, Catarina o faz e, Nely a acompanha na entoação, as mulheres Hupd'äh respondem. Todo o agradecimento foi realizado na língua Tukano.

Os Turoponã recolhem os cestos com os japurás, circulam pela casa, mostrando-os, e saem pelos fundos em direção à cozinha. Os Hupd'äh pegam as bacias de tapioca e realizam o

mesmo procedimento, saindo pela porta de entrada da casa e, já do lado de fora, entregam as bacias de tapioca para suas esposas, que as levam para casa. Depois todos retornam para continuar bebendo o caxiri até seu fim.

-x-x-x-

Este último capítulo abordou um breve histórico de colonização do Alto Rio Negro, baseado em fontes secundárias que se relacionam com os relatos coletados dos Tukano e Hupd'äh de Barreria Alta, e de como tal colonização, de certa maneira, interferiu nas formas de ocupação territorial tanto dos Hupd'äh, quanto dos Tukano. Vimos que os Turoponã mantinham também um aspecto de mobilidade importante na região, baseada na busca de melhores terras para o plantio e ofertas de peixes, e que as mudanças também estavam relacionadas às brigas entre os grupos étnicos, sobretudo seus cunhados Desano. A mobilidade Hupd'äh também está relacionada aos aspectos econômicos e políticos, no entanto, não se limita a isso, sendo que os Hupd'äh mantêm, até os dias atuais, o costume de perambular no interior da floresta, que está diretamente relacionado às práticas rituais do Jurupari, fundamentais para a noção de "viver bem" Hupd'äh, assim como o próprio ato de perambular no interior da floresta.

No que tange à trajetória dos Turoponã e Hupd'äh até Barreira Alta, pode-se perceber que a alta mobilidade Hupd'äh permitiu que as práticas rituais do Jurupari não fossem esquecidas por estes, e que atualmente os Tukano reconhecem neste grupo étnico tal preservação dos conhecimentos cerimoniais. Entende-se também que esse grupo local Hupd'äh de Barreira Alta sempre prestou serviços aos Turoponã, mantendo uma relação de vizinhança e "patrão-cliente", mas que a influência salesiana associada a uma série de acontecimentos, como o caso da morte do Sr. Mandu, culminou na mudança do grupo Hupd'äh para a comunidade ribeirinha Tukano. No entanto, esse grupo local, mesmo vivendo há pouco mais de 40 anos na beira do rio, prestando serviços aos seus patrões Tukano de forma mais constante e presente, e realizando atividades agricultoras, não deixaram de perambular no interior da floresta, possuindo seus territórios específicos reconhecidos pelos clãs, realizando atividades de caça, coleta de frutos e os rituais do Jurupari, fatos que constituem a mobilidade e territorialidade dos Hupd'äh de Barreira Alta.

4 – CONCLUSÃO

A presente dissertação "Territorialidade e Mobilidade: Estudo etnográfico de um grupo local do médio rio Tiquié" tratou, com base na discussão na literatura etnológica do Rio Negro e nos dados de campo de 2010, dos aspectos da territorialidade e mobilidade dos Hupd'äh de Barreira Alta, demonstrando que estes, mesmo residindo em comunidade Tukano – sib Turoponã –, pouco mais de 40 anos, ainda prosseguem perambulando no interior da floresta, realizando, além do cultivo de roças, as atividades de caça e coleta, levando em consideração o ritual do Jurupari, uma das três instituições do Alto Rio Negro, sendo as outras duas a Maloca e o Dabucuri. Como informa Athias:

> "Cada um desses elementos nas relações sociais - Jurupari, Dabucuri e Maloca - representa, na realidade, um domínio no interior do sistema cultural. O Jurupari estabelece os elos entre os diversos grupos. O Dabucuri precisa as relações na ordem dos sib/clã afins. A Maloca representa o universo da relação no interior de um clã ou sib, e significa o cotidiano das relações que se engendram no interior de um sib ou um grupo local" (ATHIAS, 1995, p. 162).

No decorrer deste trabalho, mais especificamente, no segundo capítulo, sugeri que a residência fixa dos Hupd'äh em Barreira Alta de certa forma contribuiu, ainda que no nível do discurso, para a apropriação, por parte destes, da mitologia de origem Tukano da viagem da Cobra/Canoa de Transformação/Fermentação, que os Tukano chamam de Pamɨri Yɨhkɨsɨ e os Hupd'äh de Hibáh Höh-Tëg, sobretudo os mais jovens. Contudo, ainda que a viagem desta "Cobra Ancestral" tenha se dado no início – quando os seres ainda não possuíam uma forma física humana – alguns Hupd'äh mais velhos de Barreira Alta se referem ao surgimento dos Hupd'äh, já na forma humana, quando estes estão em determinada Serra (Hup Páç – localizada no Uaupés ou Tëh Säg Páç – localizada no Tiquié). É na Serra que Hibáh Tëh ih vai determinar os bens culturais dos Hupd'äh, atribuídos a estes, a partir de sua má escolha – teoria compartilhada por todos os grupos étnicos da bacia do Uaupés –, o que vai gerar o principio da inversão, onde o irmão maior (sênior) passa a ser o irmão menor (júnior) e vice-versa, o que justifica a relação assimétrica dos brancos em relação aos grupos étnicos do Uaupés e a dos Tukano em relação aos "Maku" (atualmente, também denominados como "Nadahup") na percepção dos grupos das famílias linguísticas Tukano e Aruak.

Por outro lado, se os Tukano consideram os Hupd'äh "gente estragada", ou ainda "não humana", pelo fato destes terem sido os últimos a sair do Pamɨri Yɨhkɨsɨ, e inclusive,

desconsiderando qualquer laço de parentesco entre eles, os Hupd’äh insistem em dizer que no princípio, eles e os Tukano eram irmãos e moravam todos juntos, mas pelo fato dos Hupd’äh julgarem suas flautas jurupari superiores às dos Tukano durante uma festa de dabucuri, foram punidos, sendo desconsiderados pelos Tukano como irmãos e consequentemente destinados à residir no interior da floresta e a prestar-lhes serviços, o que pode se configurar em uma relação de patrão/cliente.

O Jurupari é determinante na vida Hupd’äh, tanto para a noção de “viver bem Hup”, quanto para a noção de território Hup (Ɨ̃nɨh s’áh) e relações de parentesco, garantindo-lhes inclusive a manutenção da perambulação no interior da floresta até os dias atuais – onde ocorre tal prática cerimonial através da coleta de frutos do mato –, mesmo após a influência missionária na região, como mencionado no capítulo 3, que aliás, foi mais intensa entre os Tukano.

Destacou-se, no terceiro capítulo, que a relação das flautas do jurupari com os territórios específicos de cada clã Hupd’äh compõem o grupo local. No caso dos Hupd’äh de Barreira Alta, as flautas do Jurupari pertencentes aos clãs, sobretudo os Ya’ám-Dúb (somente existente em Barreira Alta) e os Sokwät-Nöh-Köd-Tëh-d’äh, da linhagem Méh Póh, estão guardadas próximas a Barreira Alta, não obstante, em território Hupd’äh, no interior da floresta. Observou-se que a partir da história contada sobre a trajetória Hupd’äh do Papuri ao Tiquié, que estes foram os primeiros a chegar ao rio Tiquié, o que faz com que os Hupd’äh afirmem, sobretudo nas noites de caxiri, que a beira do rio Tiquié também lhes pertence, o que também é justificado pelo fato de Mohóy Kã’, o ancestral Hupd’äh, ter falecido neste rio e o próprio nome do rio Tiquié – Dëh Póh, se referir à linhagem deste ancestral – Méh Póh. Mas o fato de os Tukano terem os desconsiderado como irmãos, os territórios foram divididos pelos Tukano (na concepção Hupd’äh), sendo à beira do rio destinada aos Tukano e o interior da floresta, aos Hupd’äh. Contudo, desde o processo de colonização do Alto Rio Negro, ser civilizado é morar na beira do rio – algo que os Hupd’äh almejam, com o intuito de estabelecer uma relação menos assimétrica com a sociedade envolvente –, o que de certa forma justifica a permanência deste grupo local na comunidade Turoponã de Barreira Alta há mais de 40 anos, no entanto, sem deixar de perambular no interior da floresta – o que está fortemente relacionado ao ritual do jurupari – constituindo assim seu ethos, que por sua vez, garante-lhes os aspectos de sua mobilidade territorial até a atualidade.

BIBLIOGRAFIA

AIKHENVA, Alexandra Y**. Multilingualism and ethnic stereotypes: The Tariana of northwest Amazonia.** Research Centre of Linguistic Typology. Australia: La Trobe University, 2003.

ANDRELLO, Geraldo. **Cidade do Índio:** Transformações e cotidiano em Iauaretê. São Paulo, Unesp, 2006.

ATHIAS, Renato (2006)**.** Os Hupd'äh**.** In: Ramirez, Henri. **A língua dos Hupd'äh do Alto Rio Negro:** Dicionário e guia de conversação. 1. ed. São Paulo: Saúde Sem Limites, 2006.

ATHIAS, Renato (1995). **Hupd'äh-Maku et Tukano**: Relations inégales entre deux sociétés du Uaupés Amazonien. Tese de Doutoramento, Université de Paris X (Nanterre), 1995.

AZEVEDO, Marta Maria. **Trocas Matrimoniais na Região do Rio Negro**: um estudo de caso de nupcialidade entre povos indígenas no Brasil. Instituto Socioambiental: Unicamp/Nepo, 2002. Disponível em: http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2002/Com_IND_ST14_Azevedo_texto.pdf. Acesso em 11 de Nov. 2008.

BARNARD, Alan. Hunter-Gatheres in History, Archaeology and Antropology. Edited by Alan Barnard. Berg, Oxford, New York, 2004.

BATESON, Gregory. **Naven**. Standford University Press, Second Edition, California, 1958.

BERNARD, H. RUSSEL. Research Methods in anthropology: qualitative and quantitative approaches. 4 ed. Alta Mira Press, 2006.

CABALZAR, Aloísio. **Descendência e aliança no espaço Tuyuka**: A noção de nexo regional no Noroeste Amazônico. Revista de Antropologia. vol.43 n.1, São Paulo, 2000.

CABALZAR, Aloísio; Ricardo, Carlos Alberto (editores). **Mapa-Livro: Povos Indígenas do Rio Negro**. 3ª ed.rev. São Paulo: ISA-Instituto Socioambiental; São Gabriel da Cachoeira-AM: FOIRN- Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro, 2006.

CAMARA CASCUDO, Luis da. **Literatura Oral no Brasil**. 3.ed. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 1984.

CABRERA BECERRA, Gabriel. Gentes con cerbatana, canasto y sin canoa. *Nomadas*, s.l.: s.ed., 1999.

DIAKURU, Américo Castro Fernandes (narrador); Kisibi, Durvalino Moura Fernandes (intérprete). **Bueri Kãdiri Maririye**: Os Ensinamentos que não se esquecem. São Gabriel da Cachoeira, AM: FOIRN – Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro: Santo Antonio, AM: UNIRT – União das Nações Indígenas do Rio Tiquié, 2006.

FAUSTO, Carlos. **Inimigos Fiéis:** história, guerra e xamanismo na Amazônia. São Paulo, Edusp, 2001.

HECKENBERGER. Michael J. The Ecology of Power: Culture, Place and Personhood in the Southern Amazon A.D. 1000-2000. Routledge New York and London, 2005.

HUGH-JONES, Christine. Social structure. In: **From the Milk River: Spatial and temporal processes in Northwest Amazônia**. Cambridge University Press, 1979.

INSTITUTO SOCIAMBIENAL – www.socioambiental.org/pib/epi/maku>. Acesso em 17 de Out.2008.

JACKSON, Jean E. Tukanoans and Makú. In: **The Fish People**: Linguistic Exogamy and Tukanoan Identity in Northwest Amazonia. Cambridge University Press, 1983.

KELLY, José Antonio. Notas para uma teoria do "virar branco". Mana vol.11 no.1 Rio de Janeiro Apr. 2005

KOCH-GRÜNBERG, Theodor. Dois Anos entre os Indígenas: Viagem ao Nordeste do Brasil (1903-1905). Manaus: EDUA/FSDB, 2005.

LASMAR, Cristiane. **De Volta ao Lago de Leite**: Gênero e Transformação no Alto Rio Negro. São Paulo: UNESP: ISA; Rio de Janeiro: NUTI, 2005.

LÉVI-STRAUSS. Claude. A estrutura dos mitos. In: **Antropologia Estrutural**. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

LOLLI, Pedro. As redes de trocas rituais dos Yuhuped no igarapé Castanha, através dos benzimentos (mihdiid) e das flautas Jurupari (Ti'). Tese de doutorado. USP (São Paulo), 2010.

MAIA, Moisés Akîto e Tiago Ki'mâro (narradores). **ISÂ Yekisimia Masîke' O conhecimento dos nossos antepassados: Uma narrativa Oyé**. Coleção Narradores Indígenas do Rio Negro: v.6. Iauaretê, AM: COIDI: São Gabriel da Cachoeira, AM: FOIRN, 2004.

MACHADO, Marina; Torres, Patrícia e Monteiro, Lirian. **Projeto Saúde e Educação entre os Hupd'äh**: Relatório Final. São Gabriel da Cachoeira: Saúde Sem Limites, 2007.

MACHADO, Marina e tal. **Perfil Demográfico dos Hupd'äh – povo Maku da região do Alto Rio Negro**. *R. bras. Est. Pop.*, Rio de Janeiro, v. 26, n. 1, p. 37-50, jan./jun. 2009

MARQUES, Bruno Ribeiro. **Figuras do movimento: Os Hupdah na literatura etnológica do Alto Rio Negro**. Dissertação de mestrado, PPGAS-MN/UFRJ, 2009.

OLIVEIRA, Luís Roberto Cardoso. Pesquisa em versus Pesquisas com seres humanos. In: **Antropologia e Ética: o debate atual no Brasil**. ABA, 2004.

POZZOBON, Jorge. Parente et demographie chez les indiens Maku. Universitte de Paris VII, These de doctorat, 1991.

RAMIREZ, Henri. A Língua dos Hupd'äh do Alto Rio Negro: dicionário e guia de conversação. São Paulo: Associação Saúde Sem Limites. 2006.

RAMOS, Alcida Rita. *Patrões e clientes : relações intertribais no Alto Rio Negro*. In: ***Hierarquia e simbiose* : relações intertribais no Brasil**. São Paulo : Hucitec, 1980. p. 135-182.

REID, Howard. Some aspects of movement, growth and change among the Hupdu Maku Indians of Brazil. Cambridge: Univ. Of Cambridge, 1979. 405 p. (Tese de Doutorado).

RIVAL, Laura. **Circulations: mobility, subsistence and the environment.** Alexiades_SB1, 2008.

RIVAL, Laura. Rival. **Trekking Through History**: The Huaorani of Amazonian Ecuador, 2002.

SAHLINS, MARSHALL. The Original Affluent Society. In: **Stone Age Economics**. Hawthorne, New York, 1972.

SILVERWOOD-COPE, Peter. **Os Makú: Povo Caçador do Noroeste da Amazônia**. Coleção Pensamento Antropológico, UNB, 1990.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. O mármore e a murta. In: **A Inconstância da Alma Selvagem**, São Paulo: Cosaf Naify, 2002.

YENGOYAN, Aram A. Antropological History and the Study of Hunters and Gatheres: Cultural and non Cultural. In: **Hunter-Gatheres in History, Archaeology and Antropology**. Edited by Alan Barnard. Berg, Oxford, New York, 2004.

GLOSSÁRIO

Açaí (*Euterpe* sp) **:** fruto silvestre
Ambaúba (*Cecropia peltata*)**:** Árvore da família das Urticáceas
Anta: animal de caça do gênero *Tapirus*
Aturá -Màj: Cesto de carga, feito de cipó pelas mulheres Hupd'äh. O cesto é utilizado para carregar, geralmente, mandiocas e frutos do mato.
Arumã (*Ischnosiphon* ssp)**:** planta da família das matantáceas
Bati: um tipo de cesto raso
Beijú -Báh: tipo de pão assado feito com a goma da tapioca ou massa da mandioca
Breu: resina de plantas da família das burseráceas
Caranã (*Copernica cerífera*)**:** Palmeira de buriti cujas folhas possuem formato de leque
Caititu (*Tayassu tajacu*)**:** tipo de porco do mato
Cotia (*Dasyprocta leporina*)**:** animal de caça, roedor
Cumatá: um tipo de peneira utilizada para peneirar o suco da mandioca
Cunuri -Pëd: fruto venenoso da família das *euforbiáceas* que só pode ser consumido após ser bem fervido
Curare (*Strychnos toxifera)*: veneno de flecha, extraído de plantas dos gêneros *Chondrodendron* e *Strychnos*
Caxiri - Húp tök: bebida fermentada a base de mandioca
Cucura *(Pourouma cecropiifolia):* árvore da família das moráceas cujos frutos nascem em cachos, semelhantes à uva, porisso é conhecida popularmente por "uva da amazônia".
Curupira - Döh-ãy: É um entidade que habita a floresta. Para os Hupd'äh, é uma mulher com longo cabelo e tem os pés voltados para trás. De acordo com Luis da Camara Cascudo a palavra Curupira significa "corpo de menino", que vem da abreviação– Curu (curumim)= menino e pira = corpo. "Curupira é a mãe do mato, o gênio tutelar da floresta que se torna benéfico ou maléfico para os frequentadores desta, segundo cirscunstâncias e o comportamento dos próprios freqüentadores. Figuram-no como um menino de cabelos vermelhos, muito peludo por todo o corpo e com a particularidade de ter os pés virados para trás e ser privado de órgaõs sexuais (1984:114).
Dabucuri: ritual de troca
Dëh-Puh-Tëh-D'äh (clã): Filhos da Espuma da Água

Döb Dëh Nó': Foz do Igarapé Acará

Estrago: feitiços e/ou envenenamentos

Igarapé -Dëh mi: braços estreitos de rios

Japurá –Yawák – (*Erisma Japurá*)**:** tipo de fruto do mato

Jurupari –Döhö: Herói cultural, dono dos instrumentos musicais. "Lesgislador, o filho da virgem, concebido sem cópula, pela virtude do sumo da cucura do mato (Camara Cascudo, 1984, p. 126).

Kög-Kég-Tëh-d'äh (clã): Filhos do Osso do Macaco Zogue-Zogue

Maloca: Casa comunal

Maniva -Kayák-Tíg- (*Manihot* Sp): raíz da mandioca brava

Manicuera -Kayák-dëh: sumo venonoso extraído da mandioca brava, que depois de bem fervido pode ser ingerido puro ou misturado com frutas.

Maniuara-Yɨyɨw: tipo de formiga comestível do gênero **Atta,** da família dos formicídeos.

Malhadeira: um tipo de rede utilizada para pescaria em rios.

Mingau-wón: bebida encorpada a base de farinha da mandioca ou tapioca. Pode ser também misturado com frutas.

Mojeca: um caldo - mistura de água com farinha de mandioca - acrescentado de peixe ou carne de caça.

Moquear: defumar alimentos com o intuito de conservá-los por mais tempo.

Paca –Huyãw-(*Agouti paca*)**:** animal de caça

Paricá (Shizolobium amazonicum): planta utilizada para finalidades alucinógenas e terapêuticas.

Paxiúba (*Socratea exorrhiza*)**:** Certo tipo de palmeira de folhas pinadas

Piranha: grupo de peixes carnívoros de água doce da subfamília *Serrasalminae*

Quinhampira- Ków-bók: Mistura de peixe com pimenta que são cozidos juntos na água.

Sokwät-nöh-Köd-Tëh-d'äh (clã): Filhos do Bico do Tukano

Tamanduá: animal da família dos *Myrmecophagidae*

Tapioca: Iguaria feita com a fécula extraída da mandioca

Tapiri: Casa de acampamento Hupd'äh

Terçado: facão

Timbó (*Tephrosia* sinapu)**:** veneno utilizado em igarapés para matar peixes

Tipiti: artefato de arumã de formato cilíndrico.

Traíra **(***Hoplias* sp.) **–** um tipo de peixe de água doce

Tusháua (língua geral): Chefe

Umari – Péj – (*Poraqueiba* sp*)***:** fruto do mato

Xibé - kén: *bebida a base de água com farinha*

Ya'ám-Dúb-Tëh-D'äh (clã): Filhos do rabo de onça

Zarabatana: arma de soprar flechas, esculpida em madeira em forma de um longo tubo

Wíh-Tëh-D'äh (clã): Filhos do Gavião

ANEXO – História da Trajetória dos Hupd’äh de Barreira Alta

Ɨn hib’ah nèn ëp pɨnɨg[62]

Yawarëtëët mah ɨn nenéh yɨnɨh yö’ mah sɨ’dëhët ɨn niíh ayúp hayam pög mah hɨd niih wähäd’äh yɨnɨh yö’ bɨ’ bɨ’ yö hõp käk yö, kayak-tíg sig yö, äg äg yö mah niih yɨnɨh yö nút d’öb kët yo’ hõp hɨd këy yeweseh hõp, hõp, hõp, hõp-póy mah yuh, s’e’ mah yuh, b’öy mah, bö, mah yúh, yɨkán wed ni níh nó yö mah hɨd d’öb bayah nút mah hɨd d’öb k’ët pɨdɨh nahaw dehët hɨd hayam bɨ’ wɨd d’öb pɨdɨh ipan dähäh. Yɨt yö’ mah hɨd wɨd nenéh d’öp kã’ãt, hëhëh póot, k’ög póót mah hid ũh méh tubúd áyah ũh hiwɨh, yɨt yö’ mah hõp hɨd hub’ih wed wawát pädäh, táh dëh, kayà’dëh, hódëh, ɨnɨh s’áh máh yunúh nenõ teh däh hɨd wóy k’ã tëgëh. Uh méh tubúd yö’ mah hɨd ũh kaw’áh núp Chico, Ovídio, Fortunato, Venceslau, Dábio niit. Nup ẽs du däh bay ni pädäh som’oh d’oh hot mah, yɨnɨh mɨ mah wägät mah ipan däh ni pädäh. Yɨnɨy mah bo’ót, s’áh, bɨ wed tëg ni hu’ mah hɨd hi tõh hamah. S’ah Sam nuwuh no yö’ mah. Bɨg ɨn ni’ih yɨtɨh ko’ap kɨ ni yö’ ɨn döp bay yah toh kët mɨh, hayám ɨn bɨ’ɨy ɨn ni’ih. Yɨt yup páy ɨnan dö’ NE ayah bö’öy ɨn böyöy nɨ’iy. Yɨt bay nup yóh wäd súd bay tɨh mɨ̃gɨ̃y këy yö’nup ö’bay putu ɨn s’áh ih ay ni’ih. Yɨnɨh bay nu sö nɨg döp tɨh nõ ni’ih bɨ’ɨn bɨ’ɨy, hup tög ɨn ägäy ɨn ni’ih. Wóh däh hin pa’ay hám hu’ yɨ’ɨy ɨnan s’ɨh yö’.

[62] Narração: Alberto Pires (Sokwät-Nöh-Köd-Tëh-d’äh)/ Transcrição: Ricardo Dias (Ya’ám-Dúb-Tëh-d’äh)

História da nossa Chegada[63]

Os Hupd'äh vieram do Uaupés (Yauareté) e seguiram para o rio Papuri até o Turi Igarapé e fizeram uma comunidade grande chamada Darayá (moravam juntos os Hupd'äh e os Tukano numa maloca). Depois os Hupd'äh saíram de Turi e chegaram no Igarapé Macucu no Bèj kawag so®', depois mudaram para o sítio velho Do ka® , depois mudaram para Kog Pò mòy höd. No kog Pò moravam juntos os Hupd'äh de Taracuá-Igarapé, Nova Fundação, Barreira Alta, Santa Cruz e Nova Esperança. Aqui eles separaram por causa de brigas. Os Hupd'äh de Barreira Alta foram morar no Somoh Dó (Irara Podre). Os avós de Joaquim, Antonio, Cirilo, Manoel moravam no igarapé Wéh Kapayá, no rio Castanho. Aí os Ya'ám-dúb chegaram no Somoh Dó. Nesta época os Sokwät, avós de Alberto e Antonio moravam no Kog Pó, mas depois foram morar no Somóh Dó com a permissão dos avós de Joaquim. Assim os Sokwät ficaram morando no Somóh Dó e os Ya'ám-Dúb foram morar no Béç Dëh nó (foz do igarapé Ituí).

O Tukano Ovídio chegou pela primeira vez no sítio Somoh Dó, ensinando oração. Sr. Alberto era jovem. Nessa época ainda não tinham roupa, sal, rede, fósforo, terçado. Ovídio mandou os Hupd'äh vir mais para perto deles, fazer uma comunidade e aprender a oração. Assim os Hupd'äh formaram uma comunidade, o sítio Acará Poço. Foi nesse local que juntaram vários clãs: Ya'ám-Dúb, Sokwät, Dog méh tëh, Wíh-Tëh, Míh-Pów-Tëh, Kog-Kég-Tëh. Assim eles trocaram sal e terçado por aturá com Ovídio, Fortunato Venceslau, Chico, Dabio e os Tukano mandaram os Hupd'äh fazer roça para os Tukano em troca de fósforo, anzol e sal. Armando[64] era o chefe de Alberto, que recebia em troca do trabalho: roupa, rede e panela.

No sítio Y→y→w dëh os brancos chegaram. Rosário e Renato Athias. Rosário veio com Renato e começou a ensinar os Hupd'äh. Os Tukano a mandaram ir embora porque eles queriam uma escola na comunidade de Barreira Alta para os Hupd'äh irem estudar lá. Nessa época o velho Manoel, pai de Mandu (falecido) começou a ficar doido. Ele queria virar onça, duende e imitava o jurupari. Os Hupd'äh ficaram com medo e por causa disso Mandu deu uma cuia de Timbó para ele morrer. Ele tomou e morreu. O espírito dele virava onça e duendes. Os Hupd'äh o enterraram dentro da mata. Assim os Hupd'äh vieram para Barreira

---

[63] Tradução para o português: Crispiniano Pires
[64] Pai do professor Bosco Marinho.

Alta: Alberto e Antonia – pais de Crispiniano, Pierina e Ovídio; Liberato e Luisa – pais de Pedro, Moisés e Celina; Francisco e Nazária – pais de Mateus; José e Joana , que é mãe de Tiago; Vicente e Maria – avós de Mario, Elias, Alba, Laura, Vitor, Casemiro, Miquelina; José Biri e Josefa – cujos filhos residem atualmente em Turi Igarapé (Papuri); Bibiano e Nazária; Américo e Tereza, Catarina e Joaquim.

Quando estes Hupd'äh chegaram a Barreira Alta, Ermínio Marinho os mandou fazer suas casas onde atualmente reside Sebastião[65]. Neste local moraram por 4 anos, quando a esposa de Paulino ficou doida por causa da Curupira. Ela morreu e os Hupd'äh mudaram para onde o Mário mora atualmente[66]. Ali a mãe de Tancredo foi atingida pelo trovão e faleceu. Os Hupd'äh ficaram com medo e mudaram novamente, formando Barreira II.

[65] Núcleo F
[66] Núcleo D